

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Vilcélia Di Pietro

Aquém do masoquismo

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Vilcéia Di Pietro

Aquém do masoquismo

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação do Prof. Dr. Peter Pál Pelbart.

SÃO PAULO

2011

Di Pietro, Vilcéia.
Aquém do masoquismo.
São Paulo, 2011.
108f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação
em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade de São
Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Peter Pál Pelbart.

1.Masoquismo, 2.Desejo, 3.Dessubjetivação.

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Peter Pál Pelbart, pela confiança em minha capacidade, pela paciente assistência e esclarecimentos, por compartilhar sua sabedoria.

Ao Prof. Dr. Luiz B. L. Orlandi pela leitura cuidadosa e contribuições valiosas.

A Daniel, Arthur e Davi pelo apoio e incentivo.

*O sofrimento do masoquista
é o preço que ele deve pagar,
não para atingir o prazer,
mas para desligar o pseudoliame
do desejo com o prazer,
como medida extrínseca.
O prazer não é de forma alguma
o que só poderia ser atingido
pelo desvio do sofrimento,
mas o que deve ser postergado ao máximo,
porque seu advento interrompe
o processo contínuo do desejo positivo.*

Deleuze, Guattari. 1980.

RESUMO

Essa dissertação problematiza a noção de masoquismo, abrindo-o a outros sentidos para além de sua clausura patológica. Afirmamos Sacher-Masoch como artista que usa o erotismo e sensualidade para transgredir positivamente uma realidade que não o satisfaz, produzindo outras realidades. Utiliza o contrato, a lei, o humor, despersonalizando seus personagens na composição e modelagem de diferentes formas de subjetividade. Sacher-Masoch cria procedimentos, tanto em sua vida como em suas obras, cuja potência dilui formas instituídas. Para ilustrar o desdobramento do masoquismo como campo criativo, utilizamos a perspectiva teórica de Deleuze, a biografia de Sacher-Masoch e sua produção literária. Deleuze faz uma releitura do masoquismo freudiano e o inflete: reavalia a dinâmica psíquica, traz novas compreensões para os agenciamentos de desejo, problematiza a complexidade das configurações subjetivas.

Palavras-chave: Masoquismo. Desejo. Dessubjetivação.

ABSTRACT

This dissertation problematizes the notion of Masochism, opening it up to other meanings beyond its pathological enclosure. We affirm that Sacher-Masoch, as an artist, uses eroticism and sensuality in order to positively transgress a reality that does not satisfy him, thus producing other realities. He uses the contract, law, and humor in order to depersonalize his characters through the composition and shaping of different forms of subjectivity. Sacher-Masoch creates procedures, both in his life and work, whose power dilutes established forms. In order to illustrate the unfolding of Masochism as a creative field, we use Deleuze's theoretical perspective, Sacher-Masoch's biography, and his literary production. Deleuze performs a re-reading of Freudian Masochism and inflects it: he reevaluates the psychological dynamic, brings new understanding to assemblages of desire, and problematizes the complexity of subjective configurations.

Key Words: Masochism. Desire. Desubjectification.

SUMÁRIO

<i>Prólogo.....</i>	<i>10</i>
---------------------	-----------

Capítulo I

1.1 De Masoch ao Masoquismo.....	17
1.2 Masoch sem Peles e sem Máscaras.....	21
1.3 A revolução na Galícia.....	32
1.4 A Revolução em Praga.....	35
1.5 Nas Trilhas do Amor.....	38
1.6 Fanny von Pistor, a Vênus das Peles.....	40
1.7 Wanda von Dunajew.....	44
1.8 Hulda Meister.....	48

Capítulo II

2.1 O Duplo do Mundo.....	51
2.2 A Mulher Fálica.....	54
2.3 O Sobrenatural.....	56
2.4 Os Tipos Masoquianos.....	58

Capítulo III

3.1 Masoch sem Sade.....	62
3.2 Horizonte do Possível.....	68
3.3 Os Papéis Parentais.....	71
3.4 A Transgressão da Lei.....	73
3.5 O Contrato.....	78

Capítulo IV

4.1 Sob o Céu de Tânatos.....	82
4.1.1 Dor e Prazer no Bis Repetita.....	85
4.2 A Mordida da Maçã.....	89

4.3	Genialidade Perversa.....	91
<i>Capítulo V</i>		
5.1	A Herança de Caim.....	94
5.2	Cristianismo e Masoquismo.....	96
5.3	Kafka e Masoch.....	100
<i>Epílogo.....</i>		105
<i>Referências.....</i>		107

Prólogo

Gritos e Sussurros

Masochismo. Pensar e falar sobre esse tema nos leva a cruzamentos e armadilhas, looping. Logicamente, as reflexões que desenvolvemos neste trabalho não têm a pretensão de esgotar o tema, mas tratá-lo sob alguns aspectos pouco abordados até agora. Trata-se de contribuir com novas reflexões em torno desse campo tão complexo e, no entanto, impregnado por falsas idéias. Para a aventura dessa jornada recorreremos às companhias de quem, cremos, teriam bagagem para enfrentar as duras provas. Recorreremos principalmente a três autores: Deleuze, Freud, Bernard Michel – este último é professor de história em Paris e o biógrafo mais recente de Sacher- Masoch. Outros autores afins naturalmente foram convocados, interferindo oportunamente a nível de esclarecimentos, reforços, contribuições diversas para uma maior compreensão do território masoquiano.

O acesso às obras de Sacher-Masoch no Brasil é bem difícil. Só temos traduzido a *Vênus das Peles*. A biografia que utilizamos de Bernard Michel também é dificilmente encontrável.

O livro de Deleuze *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*¹, além de trazer anexo o texto integral *A Vênus das Peles*, tem mais três apêndices: *Recordação de infância e reflexão sobre o romance*, que é um capítulo do livro *Coisas Vidas*; temos também dois contratos de Masoch: com Fanny von Pistor e com Wanda, e *Aventura com Luís II*. Este último é extraído do livro de Wanda, *Confissões de minha vida*. Foi graças à idéia de Deleuze em reunir tais textos e anexá-los em seu livro que conseguimos um contato maior com a escrita de Sacher-Masoch. Quem sabe Deleuze já não presumisse a dificuldade de encontrarmos tais obras e por isso achou por bem facilitar-nos o acesso? Ele fala sobre esse assunto no prólogo deste livro, dizendo que a ignorância e a pouca tradução da obra de Masoch permanece ainda surpreendente. E mesmo nos melhores livros sobre masochismo pouco ou nada se fala sobre a existência de Sacher-Masoch ou mesmo sobre sua produção literária. O que já não

¹ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Trad. br. de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Ed. Taurus, 1983. Esta edição contém anexas as obras citadas acima. Há uma nova edição do texto deleuziano lançado pela editora Zahar, 2009, que privilegia o complemento do título “*O frio e o cruel*” que aparece no original e na 1ª. edição da tradução. Porém, essa edição não traz anexas as obras de Masoch.

acontece com Sade. Sade é cada vez mais conhecido e lido. Mesmo quem não conhece as obras de Sade, certamente já ouviu falar do Marquês de Sade ou até sabe um pouco de sua biografia. Injustamente, com Masoch, isso não ocorre.

Consideramos importante esclarecer que fizemos um recorte muito preciso na utilização de Deleuze. Vale lembrar que, após sua conjunção com Guattari, seu pensamento, em relação a muitos conceitos psicanalíticos, sofreu várias mudanças. Não devemos pensar que ele contradiz o que havia escrito antes. Entendemos que na sequência de seus escritos, Deleuze nos convida a experimentar outros pontos de vista. É certo que ele chega, posteriormente, a posições que não estão em conformidade com a psicanálise, porém pareceu-nos interessante acompanhar essa nova faceta, onde temos contribuições que libertam do ciclo de idéias universais, descortinando uma visão nova da dimensão múltipla das determinações subjetivas.

Foi a partir de *O Anti-Édipo* que Deleuze abandonou a terminologia psicanalítica em nome de uma nova imagem do pensamento, com toda uma linguagem outra, de multiplicidade, liberdade e devir: máquinas desejantes ao invés de desejo; inconsciente maquínico e esquizofrênico que ultrapassam o inconsciente psicanalítico, influências históricas na passagem do complexo de Édipo, não apenas restrita ao triângulo familiar. Estes exemplos contextualizam o leitor e, principalmente, salientam a posição ética deleuzeana no que diz respeito às críticas à psicanálise: são questionamentos, acima de tudo, ativos, afirmativos, positivos e não meramente reativos e niilistas. Para Deleuze, a vida está na multiplicidade, na intensidade, nas diferenças que possam remeter a outras diferenças, no reconhecimento da alteridade, lançando interferências, cavando saídas, germinando mudanças para que se configurem territórios lisos onde seja possível mover-se de outro modo, até mesmo bailar.

Talvez, para os deleuzeanos, não fosse necessário essa introdução acerca de Deleuze e a psicanálise, mas pensamos que até mesmo seus leitores assíduos podem espantar-se ao ver a que ponto seu livro sobre o masoquismo, está repleto de um diálogo direto com Freud.

Então, é na releitura de Freud, no que diz respeito ao masoquismo, cujo fruto é o livro *Reapresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, que Deleuze nos interessou. Aqui ele reavalia a dinâmica psíquica no masoquismo: id que se pronuncia

com a permissão de um ego forte que sustenta os desejos sem se intimidar com o superego; o papel do pai e da mãe: é o pai que se quer destruir, e essa destruição é feita através da mãe, a mulher cruel que é formada e educada pelo masoquista. Enfim, o prazer é desvinculado da forma “alívio de tensão” e o desejo não é visto como falta, mas como pulsão, produção. Temos aí um vento que chega com boas novas para além da psicanálise, com a força que abre as portas e janelas da compreensão psicanalítica. Assim é um diálogo intenso com Freud, mas também já uma releitura, uma inflexão.

Além de toda a releitura da dinâmica psíquica, Deleuze aborda elementos importantes no masoquismo: o contrato, a lei, o desejo, o humor. Há toda uma percepção de um conjunto de fluxos e acontecimentos que possibilitam um novo olhar para o masoquismo, aliviando-lhe o cunho patológico. O resultado dessa leitura é de um frescor que nunca é demais ressaltar.

Sim, Deleuze submete conceitos cristalizados a movimentos que promovem novas potências. Ele rompe com o comum, com a verdade instaurada e foge em busca do novo: “faz fugir mais do que criticar”². Foge para fora do campo dos significados e significantes dominantes. Usa a “perversão”³ como metodologia para desviar teorias diversas e as conduz para outros fins, renovando-lhes o sentido. Falamos em perversão metodológica porque ele faz leituras com o viés destorcido, põe ao avesso as estruturas e conceitos dados para liberar a diferença de sua clausura reflexiva; reverte o mundo das representações com provocações para novos agenciamentos, multiplicidades, devires.

Para Deleuze, Masoch é um artista. Ele vive o melhor à sua maneira, fazendo experimentações com seus desejos, como poderemos ver no decorrer deste trabalho. Se Masoch fez algo anormal simplesmente foi a “anormalidade” de não se submeter, de recusar ser reduzido a uma massa de imposições, regras e leis que o impossibilitavam de viver dignamente consigo mesmo. Ele se permitiu travar batalhas, encontros e desencontros permeados de paixão e desejo. Encontros intensivos e saudáveis, para alguém do aniquilamento representado pelo “masoquismo”. Ele flerta com o perigo, com o suspense, com a insegurança, com a autonomia, subvertendo a formação do

² François Zourabichvili. *Vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles, Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 2004, p.

26. Expressão que consta no verbete “Linha de Fuga”.

³ Ibid.

instituído. Dele, saem faíscas de promiscuidade, mas é uma promiscuidade das diferenças, uma espécie de combate à mesmidade.

O leitor ainda poderia perguntar por que trazer a biografia de Masoch e referências a algumas de suas obras literárias num trabalho sobre masoquismo? Primeiro porque é importante conhecer Masoch antes de repensar o rótulo de masoquista. Há uma individualidade produtiva, criativa, altamente sensível por detrás do carimbo patológico que merece ser reconhecida por isto e que a extraordinária biografia de Masoch pode ajudar a evocar. Segundo porque as obras de Masoch são riquíssimas, tanto do ponto de vista histórico, político, literário, como até antropológico. Obras essas que já foram bem conhecidas, no final do século XIX, mas que depois foram deixadas de lado devido ao “Grito Patológico Masoquista” que de certa forma confiscou sua importância.

Recorremos às obras de Masoch também porque Deleuze (2006) traz a relação entre literatura e clínica – precioso instrumento terapêutico. Para Deleuze, a obra de arte é “portadora de sintomas”⁴ tal como o corpo e a alma, embora de forma diferente. Há uma base comum na criação literária e na constituição dos sintomas: é o fantasma. Os fantasmas são sempre verdadeiros, mesmo que não estejam ancorados numa realidade externa. A fantasia e a imaginação podem construí-los com extrema realidade.

Sem organismos nem corpo, os fantasmas reproduzem sensações, sentimentos, ultrapassam limites temporais, emanam emoções, revelam os desejos mais escuros. Eles, os fantasmas, têm a impossibilidade e a idealidade do acontecimento, acrescenta Deleuze. Mediante isso, imaginamos que Masoch nos permite transitar por regiões onde nosso olhar orgânico não alcançaria e nossa consciência se fecharia. Eis que as aparições têm um poder sobrenatural de puxar das vísceras e dos neurônios, conteúdos que confortavelmente preferiríamos fingir que não existissem. Os espectros que ficaram guardados na memória, que habitam nossa alma, têm a chance de serem projetados no mundo e serem menos assustadores. Talvez assim se possa olhar para eles. Muitíssimo oportuno, porque tais espectros fazem parte de nós, por eles somos

⁴ Gilles Deleuze. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.p.172.

atravessados – justo, então, olhá-los. E se a coragem animar, quem sabe quereremos conhecê-los mais de perto.

Grande romancista e grande sintomatologista: esse é o reconhecimento e reverência de Deleuze a Masoch. E Masoch nos mostra os fantasmas, dizendo que não é tão terrível vê-los: é uma angústia e um medo que de certa forma são inerentes ao crescimento e desenvolvimento do homem. Metaforicamente falando, talvez seja esse seu presente à humanidade: é possível e recomendável dialogar com nossos fantasmas.

Porém, para a leitura de Masoch é preciso ter o desejo do descobrimento porque ele não se dá a perceber de imediato. Tanto que muitos críticos o consideram um autor recatado demais. A eroticidade em seus textos está cuidadosamente disfarçada. A obscenidade é sugerida, mas nada se pode afirmar. Ele vai além da realidade objetiva e suas significações imediatas. Ele busca o que as imagens representativas, determinadas pelo nosso olhar, estariam escondendo em si mesmas. É preciso buscar as palavras para alcançar Masoch porque elas ultrapassam a periferia do sentido e desdobram-se como ondas a serem decodificadas pelas antenas da sensibilidade e não pelo intelecto. Porque suas palavras têm potência. Seu dizer, seu pensamento, sua imaginação não são domesticados, padronizados; são selvagens, impessoais, nômades. Masoch fala de si e do mundo com liberdade, livre dos qualificativos subjetivos e objetivos dados. É como se fosse um composto de forças informais por excelência. Ele não fica retido no saber nem no discurso consagrado, por isso é capaz de engendrar acontecimentos novos, pois lida com o intolerável, convoca a criação e a resistência, impulsionando o movimento da vida, fazendo a vida acreditar na vida, a produzir um “outro mundo do mundo”.⁵

É perfeitamente possível pensar que, ao invés de uma perversão sexual em Masoch, temos uma contraposição a uma educação moral e sexual que postula certo tipo de condutas rígidas com papéis definidos. O fetiche, o casaco de peles, o chicote, elementos caros ao masoquista que se apraz na crueldade e na dominação, são recursos para se fazer e viver diferente. Acaso hoje não temos tantos usuários de membros sintéticos, dispositivos de realidade virtual prazerosos, corpos estranhos e

⁵ Ver capítulo II deste trabalho: *O Duplo do Mundo*.

toda uma aparelhagem tecnológica e suas colisões na carne humana? Acaso isso tudo não seriam artifícios outros para “novos usos dos prazeres”, “abolição de papéis definidos”? Seriam novas formas de masoquismo?

A sexualidade humana é uma força capaz de desestabilizar. De formas diferentes ocorre a ultrapassagem dos limites, êxtase, excesso, o humano e o inumano, o fascínio, o sofrimento, a dor psíquica e a dor física, no fundo do fundo: um desejo de tornar-se Outro. O grito de Masoch é de liberdade, ele quer tornar-se um novo homem, diferente daquele que concebemos em nossa cultura. Através do “masoquismo” ele nos sussurra esse desejo.



*Leopold von Sacher-Masoch: do jovem
ambicioso que descobre o mundo ao escritor
já célebre.⁶*

⁶ Foto retirada do livro de Bernard Michel, p. 209.

CAPÍTULO I

1.1 De Masoch ao Masoquismo⁷

Em 1872, uma cadeira de psiquiatria e neurologia fora criada na universidade de Graz por um eminente médico de Strasburgo: Richard von Krafft-Ebing. Ele ensinou ali de 1873 a 1889, antes de ser eleito para a universidade de Viena. Embora vivendo numa mesma época e num mesmo lugar, Ebing não conheceu Sacher-Masoch. As pesquisas feitas por Bernard Michel⁸, biógrafo de Sacher-Masoch, revelam que eles nunca foram colegas na universidade e nem se conheceram pessoalmente, quando, de 1877 a 1880, ambos viviam em Graz.

Ebing apenas contentou-se em ler alguns dos romances de Masoch e pôde certamente recolher alguns boatos que corriam sobre ele na boa sociedade local. Reuniu, então, os sintomas e comportamentos revelados na vida e obras de Masoch e assim constituiu um quadro clínico: o masoquismo. Categorizou-o como psicopatologia sexual: a busca de prazer de formas anômalas, incomuns, o prazer através da dor, do sofrimento, do assujeitamento, humilhação, escravidão. Ebing diferenciou o masoquismo da algolagnia que se restringia ao prazer na dor infligida ou sofrida: um fenômeno já conhecido desde a antiguidade.

Em vez de recorrer, como Freud o fez mais tarde, à mitologia para batizar suas descobertas, Ebing escolhe para designar o desvio sexual, o nome de Sacher-Masoch. Com a categoria de “masoquismo” pretende abranger elementos diferentes: desde o homem que busca uma mulher brilhante e dominadora até aquele que encontra seu prazer em ser chicoteado, pisoteado, humilhado.

Em *Novas Investigações no Domínio da Psicopatia Sexual* (1890) Krafft-Ebing declara:

Essas perversões da vida sexual podem ser chamadas de masoquismo, pois o famoso romancista Sacher-Masoch, em vários romances e principalmente no seu

⁷ Este capítulo pretende situar o leitor sobre o caminho que levou o nome próprio “Masoch” a uma nosologia convencionada pela psiquiatria: “masoquismo”.

⁸ Os dados biográficos de Sacher-Masoch no decorrer deste trabalho foram extraídos das pesquisas realizadas por Bernard Michel e compilados em seu livro *Sacher-Masoch*. A primeira edição francesa é de 1989. A que utilizamos neste trabalho é tradução brasileira de Ana Maria Scherer, 1992. Rio de Janeiro: Rocco.

célebre *Vênus das Peles*, fez desse tipo especial de perversão sexual o tema predileto de seus escritos.⁹

Posteriormente, as demais obras do autor: *Outras Histórias de Amor de Diferentes Séculos*, *A Mulher Divorciada*, *As Messalinas de Viena*, *O Amor de Platão*, também foram considerados romances masoquistas.

Ebing imortalizou Masoch e o fez ser conhecido em todos os idiomas do mundo. Ao mesmo tempo, contribuiu para matar o escritor e sua literatura que ficou ofuscada pela celeuma psiquiátrica.

Krafft-Ebing ligou um nome próprio a um conjunto de signos, vinculando Masoch a uma entidade clínica, a critérios diagnósticos. Um nome próprio tornou-se sobrecarregado de significantes e significados que aderiram a uma individualidade, a qual sequer foi consultada sobre essa conduta e talvez não tenha vivido o suficiente para assistir o tamanho da reverberação ocorrida.

Imaginemos o que seria da cultura se os quadros de Van Gogh servissem de indício de sua esquizofrenia ou os textos de Cecília Meirelles simbolizassem sua depressão. Por isso é importante a prudência. Corremos o risco de apresentarmos um rótulo e não conhecermos bem o produto. Mesmo que esse produto apresente características insólitas cabe o cuidado de não capturar como totalidade ou definição aquilo que é uma parte; apenas uma parte do todo. Se a parte prepondera, perdemos o todo. Decorre que não damos vozes para as outras partes que também poderiam se pronunciar, mas se calam por falta de espaço e oportunidade.

É inegável: Masoch falou livremente de suas amantes e do amor. Ao contrário da burguesia da época, que preocupada com a moral tacanha não se atrevia a exhibir suas conquistas nem maneiras diferentes de viver, além do convencional.

Sim, o modo de vida de Masoch evidencia grande eroticidade e sensualidade. Ele era inventivo com suas amantes, mas sua vida não se reduz a desvios patológicos nem sua literatura, ao gênero pornográfico.

⁹ KRAFFT-EBING, Richard Von. *Neur Forschungen auf dem Gebiet der Psychopathia Sexualis*, Stuttgart 1890, p. 2. Ver: Bernard Michel, *Sacher-Masoch*. [original 1989], Editions Robert Laffont, S.A., Paris. Trad: Ana Maria Scherer, Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 7.

Masoch rejeitou, indignado, as afirmações de Krafft-Ebing, mas julgou inútil uma refutação pública. Para ele, entre a imagem deformada que o psiquiatra dava e a realidade de sua vida, não havia correspondência.

Depois de definida a patologia masoquismo, a qual se encontra até hoje no DSM-IV, código F 65.5, esta palavra além da definição dita científica, abarca definições diversas do senso comum, designando às vezes expressões de baixo calão.

Masoquismo tornou-se um terreno baldio onde se joga de tudo: conceitos, preconceitos, idéias acreditadas, contraditadas, sinônimos duros de digerir, substâncias diversas, lixos tóxicos, coisas que ainda prestam, mas as tornaram imprestáveis – um calabouço, cujo depósito se tornou inútil, sem vida.

A intenção deste trabalho é aliviar um tanto desse peso, de forma que os conteúdos desse terreno possam ser olhados através de lentes que diminuam os estigmas, mas que ao mesmo tempo, aumentem a compreensão de um modo de ser e viver, diferente de algum padrão dito, socialmente aceitável. A intenção é sair o quanto possível da prisão patológica e sexual embutida nessa categoria.

Conteúdos e histórias que Masoch trouxe da vida e do homem em suas obras, bem como seu próprio jeito criativo e exótico de viver, indicam, ao contrário, uma certa “saúde”. Vivendo de outra forma talvez ele fosse sim, doente. Com a palavra e com a criatividade, com a pena e com a imaginação, ele traça seus caminhos e enriquece sua vida.

Nesse sentido, eis a importância da contribuição de Deleuze a Masoch, que de certa forma, ressuscita-o. Para ele, Masoch não é uma figura expoente do masoquismo, nem oferece explicações para a psiquiatria ou psicanálise. Seria sim, um sujeito para estudo no que diz respeito a sua criação literária, sendo ele um grande romancista.

O que Masoch faz é uma espécie de romance de formação, diz Deleuze. Formação no sentido de “adestramento” de um ser humano que pode ser visto em sua condição animal. É essa visão de animalidade e de crueldade que fará dos romances masoquianos uma literatura de minoria, um romance micropolítico. Ou seja, Masoch conta o que uma minoria vivencia e traz para o todo. Ele fala das práticas que socialmente não são aceitas, do desejo que se quer esconder porque é vergonhoso, da não aceitação de normas e leis que não fazem sentido. Masoch cria outro território e

poucos são os que conseguem viver nele ou ao menos namorá-lo. Porque é um território intranquilo, até aterrorizante. Como dizem Deleuze e Guattari, "é um território de ondas doloríferas".¹⁰ É difícil assumir o desejo, viver sob as ondas de frio e calor. Põe em risco a boa vida social, construída em nome de deus, em nome da lei. Falamos romance de formação e adestramento porque pedagogicamente Masoch cria situações e acontecimentos surreais e de forma pormenorizada vai desenvolvendo psicologicamente e esteticamente os seus personagens. Os que não conseguem adentrar neste território intensivo masoquiano se submetem ao adestramento, no sentido de domesticação – moralidade dos modos - como boi de carga ou cavalo de tração, espírito de rebanho. Submetendo-se à domesticação, não se aventuram à possibilidade do adestramento seletivo, que seria o sentido positivo do adestramento, promovendo a formação de si num sujeito livre, apropriado de sua vontade, um homem como produto da cultura e não submisso a ela, numa perspectiva nietzscheana.

A linguagem que Masoch usa, faz ela se estremecer sobre si mesma, de forma que o autor se experimenta a si próprio com a criação de um prazer perverso:

Cada vez que precisava olhar para aquela mulher – eu não queria, mas uma força mágica me obrigava – deitada nas almofadas de veludo vermelho, seu corpo precioso aparecendo e desaparecendo no meio das peles escuras, eu sentia profundamente a volúpia e a luxúria que o espetáculo de um corpo semicoberto provoca, e bem mais ainda quando afinal a banheira se encheu e que Wanda com um só movimento, tirou o casaco a apareceu para mim como a deusa da *Tribuna*.¹¹

A língua que sempre foi humana se lança numa aventura para além da natureza e como um bumerangue, ela volta para o sujeito sob a forma de dor. Há algo que transita entre o silêncio do corpo e o balbúcio da língua numa criação pedagógica da humilhação, diante da inexistência de uma cultura capaz de experimentá-la: "Nada é mais sedutor para o homem que a imagem de uma linda déspota voluptuosa e cruel que, sem razão de ser, troca descaradamente de favorito segundo seu humor".¹²

Dizer que Masoch é perverso, que sua literatura é erótica, pornográfica é uma maneira simplista de compreendê-lo. Na invenção de novas línguas, novos significantes, ele traz complexidades maiores do que um mero erotismo perverso,

¹⁰ Gilles Deleuze, Felix Guattari, *Mil platôs*, São Paulo: Ed. 34, 1996, v.3, p.12

¹¹ Sacher-Masoch, *A Vênus das Peles*. Ver Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Trad. Francesa 1967. Trad. br. de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1983, p. 263.

¹² Ibid., p. 151.

embora utilize sim, o erotismo para experimentar a língua, mas com um jeito singular de expor uma alegoria da própria literatura como atividade masoquista. Ele captura o caráter histórico da experiência humana e põe em palavras, revelando inclusive o que não é sabido, mas já estava ali. Como se usasse uma lente de aumento para revelar o que está no invisível, no nível das sensações, desejos, sentimentos. Suas obras fazem emergir sintomas do mundo: muitas vezes o escritor vai mais além que o clínico e até mesmo que o doente.

É necessário salientar que a clínica operando, muitas vezes, por reversão e transformação, aglutinação, incorre em juntar as vastas unidades. Um exemplo disso é a idéia do sadomasoquismo, que se tornou um preconceito, devido a uma sintomatologia precipitada e isso faz com que não se procure mais ver aquilo que é, mas sim justificar a idéia prévia.

Temos aí outra contribuição importantíssima de Deleuze ao ler Masoch: é separá-lo de Sade. Se o sadismo é uma relação de dominação, o masoquismo não pode sê-lo. Ele depende de um contrato que é construído entre a vítima e o algoz. Em geral uma mulher, que será educada pedagogicamente por sua futura vítima para realizar seu desejo de submissão e humilhação.

Diferentemente de Sade, no qual o que está em jogo é a instituição e a lei que não convence, mas ordena; em Masoch o que está em jogo é a persuasão e o acordo. Ele constrói a mulher má e toda uma tradição cujo cerne é o sofrimento. Importante dizer que ele não define se a legitimação desse sofrimento é cristã ou libertina, uma fraqueza ou força, necessidade ou luxúria.

Masoch é erótico-político-antropológico-sociológico-psicológico. Desta forma, o sofrimento que ele traz não pode ser reduzido ao que a psiquiatria reteve dele.

1.2 Masoch, Sem Peles e Sem Máscaras¹³

Leopold Ritter von Sacher-Masoch nasceu em 27 de janeiro de 1836, na Galícia, região da Polônia anexada pela Áustria por ocasião das partilhas de terra no final do

¹³ Este capítulo traz algumas passagens da vida cotidiana de Masoch. A intenção é aproximar o leitor desta individualidade e diminuir a distância que a patologia provocou. O termo máscara diz respeito ao rótulo patologia e as peles dizem respeito aos fetiches: atrás de tudo isso, mas também convivendo com isso, existe Leopold von Sacher-Masoch.

século XVIII. A capital do reino da Galícia é a cidade de Leópolis, em polonês Lwów e hoje L'viv, na Ucrânia. Quando Masoch nasceu, havia lá cerca de 70 mil habitantes e era um dos grandes centros religiosos e culturais da Europa.

A Galícia reunia muitos povos de diferentes raças e culturas: poloneses, rutenos provenientes da região do Cárpato, alemães, israelitas, sérvios. Masoch respeitava as diversas nacionalidades e acreditava num estado multinacional que asseguraria um lugar a todos os povos. Saudando seus compatriotas da Galícia, Sacher-Masoch assim discursa um desejo, uma ideologia, um sonho em conviver, respeitando as diferenças:

Também eu vos saúdo a todos, que a todos nos gerou um país, a Galícia: poloneses, rutenos, alemães e israelitas! Quer useis o c'zemerka, o tricórnio, a jarmurka ou o uniforme branco; quer andeis atrás da charrua, quer transpireis na forja ou nas salas de aula; quer useis no brasão de vossas convicções a vitoriosa águia de duas cabeças ou a nostálgica águia branca; quer vejais o mundo através de uma luneta vermelha e branca ou preta e amarela; quer rezeis nas sinagogas, nos templos, na cirkew ou na igreja, eu vos saúdo de todo o coração!¹⁴

Masoch era pan-eslavista, assim como seu contemporâneo Bakunin. Pensou que o império austríaco daria conta da unificação das diferentes etnias, o que não aconteceu. Havia muitas rebeliões, insurreições, descontentamento, principalmente dos camponeses com os nobres poloneses, para quem trabalhavam em regime austero, o que chamavam de corvéia.¹⁵ Sistema do qual se libertaram em 1848, com a revolução.

Na época do nascimento de Masoch, era marcante na fronteira russa, a arte de Turgueniev e Gogol com o entusiasmo da geração romântica, mas também, por outro lado, o pessimismo de Schopenhauer e o cientificismo de Darwin.

Masoch era um aristocrata liberal desdenhoso da democracia da época, imbuída de excessos nacionalistas e com sua imprensa de massa repleta de jornalistas arrogantes. Era apaixonado pelo progresso social. Partidário dos pobres, era amigo dos camponeses e judeus.

Seus antepassados eram funcionários do império Austro-Húngaro. O pai, chefe dos serviços civis – intendente de polícia - trabalhava próximo ao imperador e descendia de alemães da Boêmia. Chamava-se Leopold von Sacher. Tinha uma posição intelectual e social de destaque e participava da brilhante vida da sociedade de

¹⁴ Sacher-Masoch. *Eine galizische geschichte* (trecho do livro *Uma história galiciana*), 1858, p. VII. Ver: Bernard Michel. *Sacher-Masoch*. [original 1989], Editions Robert Laffont, S.A., Paris. Trad: Ana Maria Scherer, 1992, Rio de Janeiro: Rocco, p. 14.

Czemerka é uma túnica polonesa com cordões; a jarmurka é o solidéu negro dos judeus; a cirkew é a igreja uniata.

¹⁵ Trabalho gratuito que os camponeses prestavam ao proprietário das terras, como forma de pagamento pelo uso.

Lemberg, onde morava com a família. Escrevia e conversava muito bem. Era formado em direito: um grande intelectual leitor dos filósofos.

Num trecho da novela *O Amor de Platão* (1870), Masoch fala sobre o pai:

Eu tinha grande respeito por meu pai, que nunca foi de uma grande amabilidade comigo; no entanto, eu não perdia uma única ocasião de me introduzir em seu quarto de aspecto severo e ali me acocorava num canto qualquer, tranqüilo como um camundongo, só para ver e ouvir todas as coisas extraordinárias que lá se passavam.¹⁶

Bernard Michel nos traz a descrição deste quarto: se tratava do gabinete de trabalho do pai. Neste ambiente havia vidros com borboletas e insetos de todas as regiões, minerais, fósseis, plantas, moedas, antiguidades e, no alto dos armários, ossos de mamute e presas de elefante, paredes cobertas de equipamentos militares e armas, bandeiras, peles de urso, belas pinturas, enciclopédias, estatuetas de Goethe, Virgílio e Sócrates, etc... Num canto havia um manequim em tamanho natural com roupas do chefe dos bandidos Stolnuk, que durante muito tempo semearam desordem em Cárpatos. Em meio a esse cenário chegavam os conspiradores poloneses, criminosos, queixas diversas, ordens de prisão, ordens de soltura. Masoch assistia e ouvia a tudo com interesse.

O lado materno provém de Léopol, são eslavos. Seu avô cursou filosofia, depois medicina. Chamado Dr. Franz Masoch, ele desempenhava importante papel na organização sanitária da Galícia.

A mãe de Masoch, Caroline, ao contrário do esposo, gostava de ficar em casa, evitava a sociedade. Era religiosa e supersticiosa. Masoch chegou a comentar em alguns de seus textos que havia certo desequilíbrio entre o casal devido às diferenças de temperamento.

Relato sobre a mãe:

Foi ela que formou meu coração. Essa mulher bela e espiritual, de uma rara instrução, que passou toda sua vida no lar, dedicando-se inteiramente ao marido e aos filhos, já era por si só tão comovente e tão amável que todos se tornavam melhores em contato com ela. Em sua natureza, que mostrava um magnífico traço de idealismo e de entusiasmo, havia também um pouco de romantismo. O ditado que diz: "os grandes pensamentos vem do coração" parecia feito para ela. Minha boa mãe era muito piedosa, de uma piedade verdadeira que não magoava ninguém. Respeitava a filosofia e a fé de cada um, mas, quando tocavam em suas crenças, ela as defendia com zelo e energia.¹⁷

¹⁶ Sacher-Masoch. "*Souvenirs*", Le Gaulois, 20 agosto de 1887. Ver Bernard Michel, op.cit., p.50.

¹⁷ Ibid., 24 de agosto de 1887; op.cit., p. 30.

Entre suas memórias de infância, lembra-se do fato de sua mãe não ter mais leite para alimentá-lo e tiveram que procurar uma ama-de-leite. Encontraram uma bela jovem, na aldeia de Winiki, lugar aonde Masoch viria brincar e passar as férias por vários anos. Era um lugar de repleta natureza selvagem com carvalhos, ursos, ambiente folclórico e mágico que o afetou intensamente. O nome da ama era Handscha, uma russa, alta, esbelta, opulenta. Seu rosto, segundo Masoch, era de um oval perfeito, tinha traços severos e nobres, com um sorriso cheio de bondade e malícia.

Handscha seria a imagem de mulher a quem Masoch perseguiria por toda sua vida: Kottowitz, Pistor, Wanda.

Relato de Masoch:

A influência maior e mais decisiva sobre toda minha vida, mais do que o sangue heróico de dom Mathias, mais do que minha mãe, meu pai e todos os que me cercam, foi a da minha ama. Bebi com seu leite o amor pelo povo russo, por meu país e minha pátria, esse amor pelo camponês que compartilho com todos os poetas e autores russos. Pela minha ama, o russo foi a primeira língua que falei, pois na casa paterna ouvia-se principalmente o polonês, o alemão e o francês.¹⁸

Masoch cresceu ouvindo histórias folclóricas, contos, canções, participando de festas de épocas. Várias línguas, várias culturas, vários sistemas de referências, várias realidades. Fatores que provavelmente contribuíram para sua autonomia de pensamento e comportamento. Quando adulto confessava que muitas vezes escrevia em alemão, mas pensando e sentindo em eslavo.

A casa onde morava em Léopol ficava próxima ao trabalho do pai, de modo que rotineiramente ele via os soldados de polícia trazendo vagabundos e criminosos acorrentados, espiões que não ousavam olhar ninguém de frente, as prostitutas, os pálidos e melancólicos conspiradores poloneses:

Passei minha infância num quartel de polícia. Poucos sabem o que isso significava na Áustria antes de 1848: soldados de polícia que traziam vagabundos e criminosos acorrentados, funcionários de ar taciturno, prostitutas maquiladas, escarninhas, conspiradores poloneses. Deus sabe que não era um ambiente alegre.¹⁹

Os eventos de infância marcaram Masoch. Em muitas de suas histórias ele recompõe este ambiente primeiro: a vida nas cabanas e floresta da aldeia Winiki, a luta

¹⁸ Sacher-Masoch. "*Souvenirs*", Le Gaulois, 24 de agosto de 1887. Ver: Bernard Michel, op.cit., p.36.

¹⁹ Sacher-Masoch. "*Eine Autobiographie*", Deutsche Monatsblätter, junho de 1879, p.259-269. Ver: Bernard Michel, op.cit., p.37.

dos camponeses no campo, a aplicação da lei para os rebeldes e criminosos, as diferenças políticas, a revoltas.

Sua educação sentimental teria começado cedo, antes dos 14 anos. No livro *Coisas Vividas*, ele assim se refere a uma professora que teve:

Adela – era esse o nome de meu tirano – era, aliás, jovem e bonita e estava realmente encantadora nessa peliça régia. Eu estava completamente absorvido por minha admiração. Quanto mais Adela se zangava comigo, quanto mais seus olhos faiscavam e quanto mais sua voz adquiria uma inflexão severa, com o tom de comando, menos eu pensava na lição. Enfim ela perdeu a paciência e como castigo me ordenou que eu me ajoelhasse não num canto, mas no meio do quarto, bem diante dela. Eu sentia vergonha, mas ao mesmo tempo estava feliz; mas eu estaria mais ainda se me fosse permitido beijar o pezinho cuja ponta batia com impaciência num adorável acesso de cólera.²⁰

É essa volúpia causada por uma bela mulher autoritária que fascinará Masoch. Em vários de seus romances temos a ressonância de cenas como esta: o temor e o tremor diante de uma senhora que o trata com crueldade e que ele se encanta, se excita; serve e obedece os caprichos dessa mulher. Configuram-se os fantasmas que o assombrarão até o fim da vida, prazerosamente.

Ainda criança teve febre tifóide, ficou dois meses acamado, muito doente, entre a vida e a morte. Ulteriormente, escreveu:

Uma doença que pode tornar-se mortal, produz sempre uma crise moral, especialmente na infância, época em que o corpo ainda está em crescimento, em que o espírito e a alma são mais sensíveis e impressionáveis.²¹

O desejo de Masoch era dedicar-se às artes, literatura e teatro. Por esse motivo teve muitos conflitos com seu pai que queria sua entrada na carreira de polícia. Ele se manteve firme e resolveu caminhar com as próprias pernas. Em 1856, com 20 anos, inscreveu-se para doutorado de história por intermédio do professor Johann Baptist Weiss, em Graz. Para tal, fez três provas de alto nível em que passou brilhantemente. Depois fez doutorado em filosofia, empenhando-se com afinco. Para lecionar no ensino superior ele preparou uma tese cujo assunto era “*A história do século XVI sobre a época de Carlos V*” e obteve autorização imperial para pesquisar nos arquivos do Estado em Viena (K.K. Haus – Hof und Staats-Archiv). Em 8 de dezembro de 1856 o ministério lhe confiou o posto de Privat-Dozent, tendo por objeto de ensino “*A história*

²⁰ Sacher-Masoch. *Choses vécues*, *Revue bleue*, V, “*La Femme au fouet*”, 1888, p. 502. Ver: Bernard Michel, op.cit. p.55.

²¹ Sacher-Masoch. *Choses vécues*, *Revue bleue*, IV, “*Entre la vie et la mort*”, 1888, p. 410. Ver: Bernard Michel, op.cit.,p.49.

austríaca e geral da época moderna”. Seu primeiro livro, em 1857, publicado pelo editor suíço Herter de Schaffhausen teve como base sua tese. Este tema era bastante clássico na historiografia européia daquela época: a luta entre a burguesia de uma cidade mercantil e o poder real, pela recusa em pagar um imposto de guerra estabelecido pelo soberano, em 1539-1540.

Começou lecionar para se manter financeiramente: “o jovem professor dava suas aulas, ligeiramente enfiado e tranquilo. Sua exposição espirituosa cativava, mas sentia que a cátedra não era sua vocação”.²²

Masoch lecionava história na faculdade de filosofia e logo seu nome ressoou nos círculos universitários: quem era ele? Como ele era? Um homem bizarro ou um gênio? A verdade era que naquele ano, na universidade de Graz, um rapaz de vinte anos obtivera a habilitação, escrevera um romance surpreendente recebido com entusiasmo por toda a crítica e pelo público: *Uma história galiciana* e em seguida uma obra histórica cuja dedicatória “Sua Majestade” dignara-se a aceitar - a *Insurreição de Gand no tempo de Carlos V*:

A irmã de Carlos V, a rainha Maria da Hungria, então regente dos Países- Baixos, reprimiu vigorosamente a insurreição. Maria tinha uma natureza de ferro, segundo o julgamento de um embaixador da república, uma mulher que tinha muito de homem. Mas ela simbolizava antes de tudo a majestade do poder dinástico dos Habsburgo (...)²³.

Aos poucos foi se distanciando da universidade, mesmo porque havia certa concorrência com outros professores mais antigos, ambiente desagradável, que Masoch preferiria evitar. Foi, então, se lançando na literatura.

Nessa mesma época, volta-se também para o teatro, área que o fascinava. A primeira comédia foi *Os Versos do Grande Frederico*, 1864. O cenário era Paris, na corte de Luis XV. Peça política que toma partido contra a Prússia, um jogo diplomático existente em 1864 pela supremacia da Alemanha.

Outra comédia de “cunho político:” *Um Homem Sem Preconceitos*. Aí temos a adversidade ao clero e apoio ao partido liberal alemão, mais próximo aos ideais iluministas. Nessa peça o destino da Áustria viria a ser decidido por uma mulher,

²² Um jornal de Graz, *Telegraf*, apresentava o jovem historiador em 23 de dezembro de 1856: “Nosso jovem erudito local, Doutor Leopold cavaleiro von Sacher-Masoch”, reproduzido por Farin (Michel) Leopold von Sacher- Masoch, *Materialen zu Leben und Werk* (Materiais sobre a vida e a obra), 1987, p. 356-357. Ver Bernard Michel, op.cit., p.129

²³ Sacher-Masoch. *Der aufstand in Gent unter Kaiser Karl V*, Hurter, 1857, p.54 e 94. Ver: Bernard Michel, op.cit., p.127-128.

Tereza, baseado nos episódios passados na corte da imperatriz Maria Tereza. Mostrava a estagnação, corrupção, devassidão, desenvolvimento e progresso. Um diálogo brilhante conjugado com um senso agudo das situações reais.

Depois do sucesso dessas peças teatrais escreveu o romance *Don Juan de Kolomea*. Em 1867 escreveu a novela *Kapitulant, O Soldado Realistado*. Para esse personagem Masoch recorre a alguém da época de sua infância-adolescência, ainda em Leópolis: Jakub Szela, um líder dos camponeses. Nesta obra ele traz a cultura camponesa, a vida na aldeia, as festas de época, as comemorações da colheita, os rituais.

Baseado numa obra de Beethoven, em 1868 ele escreve *Noite de Luar* que trata das relações homem-mulher. É nessa novela que ele conta seu caso com Anna Kottowitz, pela primeira vez.

Em 1870 *A Mulher Divorciada*, um dos primeiros romances do gênero, teve grande repercussão, até na América.

Nesta época vem o desejo de escrever um ciclo romanesco que abarcasse a filosofia, história, literatura. Seria um ciclo que falaria sobre o amor, a propriedade, o Estado, a guerra, o trabalho, a morte: *O Legado de Caim*.

A pretensão seria transmitir a herança de crime e sofrimentos que pesam sobre a humanidade. Uma das principais idéias do ciclo é que a humanidade só será feliz quando as leis morais da sociedade tiverem seu pleno valor no Estado e quando os pretensos grandes príncipes, os grandes generais e os grandes diplomatas acabarem na força ou no trabalho forçado. Tal como acontecia com os assassinos, salteadores, falsários e escroques. Vasto panorama do qual ele realizaria apenas uma parte.

A crueldade de seus personagens seria apenas uma aparência sobre algo mais secreto: Masoch via a frieza da natureza e a comparava à imagem gélida da mãe. O frio desta mãe severa é uma transmutação da crueldade, donde sairá o homem novo. A crueldade de uma mulher despótica pode transformar o homem.

De Caim a Cristo, é o mesmo signo que leva o homem à cruz sem amor sexual, sem propriedade, sem pátria, sem briga, sem trabalho, que morre voluntariamente, personificando a idéia da humanidade.

Além disso, o Legado de Caim traz as interrogações: qual o sentido da vida? Que relações unem o homem à natureza? O que une o homem à mulher? Há uma atmosfera de certo negativismo que o próprio Masoch diz lembrar Schopenhauer.

No *O Errante* temos a aparição fantástica de um ancião gigantesco de longos cabelos brancos e barba que desciam até o peito. O ancião acusa um sujeito que matou uma águia. Eis um trecho:

- Sim, sim, você também é da raça de Caim, tem sua marca.
 - Eu me sentia constrangido.
 - E você, perguntei-lhe finalmente, quem é você?
 - Sou um errante
 - O que é um errante?
 - Um homem que foge da vida.
- Ele depositou o cadáver do pássaro no chão e me olhou: seus olhos tinham agora uma expressão de infinita doçura.
- Arrependa-se, prosseguiu ele com uma voz penetrante, repudie o legado de Caim, procure a verdade, aprenda a renunciar e desprezar a vida e amar a morte. O mundo é imperfeito; o homem é o mais inteligente, o mais cruel dos animais ferozes. Tudo é ilusão, o amor, a propriedade.²⁴

Os temas que constituem *O Legado de Caim* tratam da luta pela existência com certa rejeição a qualquer forma de felicidade instituída. É nesse sentido que Masoch diz que esse mundo em que vivemos não é como Leibniz procurava demonstrar, o melhor dos mundos possíveis e sim o pior dos mundos possíveis. Entendemos aqui que Masoch não exclui um mundo do outro, ou seja, a existência efetiva de cada mundo não implica a inviabilidade do outro. Mundos possíveis porque não se impedem mutuamente de existir, embora cada qual seja irreduzível ao outro, conservam suas determinações imanentes. As possibilidades do mundo “pior” são umas, as possibilidades do mundo “melhor” são outras, mas não se anulam.

O mundo ruim ao qual Masoch se refere e que prevalece em suas obras, é o mundo do sofrimento caínico, de humor triste: o amor não é cor de rosa, ele é a guerra dos sexos; homem e mulher são rivais implacáveis; esquecem apenas temporariamente sua hostilidade congênita durante o curto momento de vertigem e paixão - mais tarde se separam novamente e ficam mais ardentes do que nunca para um novo combate; empregado e patrão sempre na luta pelos seus interesses: a sociedade é aquela que esfolia quem não lhe adere. Masoch denuncia o mundo ruim para que possamos

²⁴ Sacher-Masoch. *L'Errant*, Villa, I, p. 47, 48, 49, 51. Ver: Bernard Michel, op.cit., p.204-205.

perceber a possibilidade de um mundo melhor. Mundos diferentes, no entanto, possíveis.

A reviravolta de Masoch, o grande lance que reverte, acontece no ápice do sofrimento, quando após a última lágrima esgotada de chorar, faz florescer o cômico. O cômico que brota do pântano e da escuridão-tristeza se reverbera em novas criações e transformações que se abrem para outros devires: uma nova vida. O humor triste pôde então, se tornar alegre.

O ciclo que leva o nome *O legado de Caim* utiliza referências da bíblia como simples alegoria que não tem mais realidade religiosa do que Apolo ou Vênus: Masoch era hostil ao clericalismo e às religiões. No ciclo do amor, nenhuma presença do pecado, nenhuma inquietação moral. Quando fala da ética em seu ensaio *Sobre o Valor da Crítica*, não se trata de modo algum de uma ética baseada no cristianismo, mas na ciência. Mais surpreendente ainda, a completa irreligião de seus camponeses galicianos, poloneses ou pequenos russianos - rutenos.

A religião aparece quando ele invoca seitas minoritárias, os adamitas na boemia *Para a Glória de Deus*, 1872, ou na Galícia Oriental, *A mãe de Deus*, 1884.

Em seus romances os espaços infinitos permanecem vazios sem a explicação através de divindades num século profundamente religioso - de Hugo a Tolstoi – Sacher-Masoch é figura de exceção.

Em 1875 escreve *Os Ideais de Nosso Tempo*, e constrói um sombrio painel da sociedade alemã, onde descreve o idealismo de um grupo de jovens que destroe o imoralismo da sociedade alemã. Foi um escândalo imediato. Teve tradução na França sob o título de *Les Prussiens d'aujourd'hui* em 1877:

Foram jogados para o alto os princípios da revolução, o idealismo alemão, as pretensões dos alemães de ser o povo mais moral, o mais culto, não tinham a mínima justificativa. Eles gastaram mais dinheiro com aguardente do que com livros. Os escritores, por falta de leitores são menos bem pagos do que na Inglaterra ou França. A cultura alemã sofre de hipocrisia geral: enquanto os grandes escritores franceses, ingleses, russos, mostram os defeitos de seu povo e de seu tempo, não se pode descrever a Alemanha tal como é sem ser acusado de mentira e imoralidade.²⁵

Masoch, em 1881 deixa Áustria-Hungria para se refugiar na Alemanha, depois de ser acusado de atentado à honra em suas publicações.

²⁵ Sacher-Masoch. *Les Prussiens d'aujourd'hui*, I, p. 223. Ver: Bernard Michel, op.cit., p. 269.

Na Alemanha recebeu ajuda de Rudolf von Gottschall, autor de história da literatura alemã e crítico literário - fiel admirador de Masoch. Este o aconselhou a viajar para Leipzig, um dos centros editoriais alemães da época. Colocou-o em contato com um jovem e rico editor, Baumgartner.

Com esta oportunidade, Masoch criou a revista internacional em língua alemã nos moldes da *Revue Des Deux Mondes*, cujo nome era *Auf der höhe - Sobre o Alto*. O conteúdo era literatura e artes, apresentava o que acontecia em Berlim, Viena, Paris.

A imprensa internacional foi favorável e elogiosa. Masoch dedicou o melhor de seu tempo à redação da revista desde a prospecção de autores em potencial até a revisão de provas.

Wanda, sua esposa na época, participou com texto de sua autoria *O Luxo das Toaletes no Teatro*. Ela mostrou interesse em escrever e Masoch a incentivou. Fazia correções e dava palpites em seus textos. Porém a produção de Wanda era uma cópia das obras de Masoch, mas sem a imaginação, o que tornava seus textos enfadonhos, segundo os críticos da época.

Em primeiro de janeiro de 1883, os colaboradores da Revista chefiados por Armand e Morgenstein, fizeram uma homenagem a Masoch, prestigiando-o com um volume de autógrafos dos maiores escritores e cientistas. Telegramas de toda Europa chegaram. Ele recebeu a cruz da Legião de Honra, atribuída por um decreto do presidente da república francesa.

Esse mesmo Armand, por ironia do destino, mais tarde se tornará amante de Wanda, traindo Masoch e aplicando um golpe financeiro. Era dono de falso caráter, ludibriador. Seu interesse era ter sucesso e riqueza.

No dia vinte, também de janeiro, Masoch recebe outra homenagem, na sala imperial Centralhalle de Leipzig, organizada por professores e estudantes. Leopold Sacher-Masoch usava a Legião de Honra e um cachecol com as cores alemãs, preto-vermelho-ouro. Um trecho de seu discurso:

Pelos meus 25 anos de escritor recebi tantos testemunhos de simpatia e aprovação dos escritores, artistas, cientistas alemães que não posso ter dúvidas... as pessoas de idade fizeram a paz comigo, a festa estudantil de hoje parece me provar que a juventude alemã, os estudantes alemães têm compreensão e simpatia pelos meus esforços (vivos aplausos). Festejando-me hoje, vocês se apoderam da bandeira que sempre empunhei bem alto, a bandeira do progresso (aplausos). E é por isso que quero agradecer-lhes, pois enquanto o núcleo de estudantes alemães presta juramento a esta bandeira e não à

bandeira da reação, do ódio dos povos, do ódio das religiões (o orador é interrompido por aplausos entusiásticos prolongados), tenho a esperança de que a Alemanha será ainda o que foi o sonho dos melhores de seus filhos: o coração da Europa (aplausos).²⁶

A Vênus das Peles é o romance mais conhecido de Masoch. É o que mais teve traduções e reedições. Mas ele é apenas uma parte do ciclo que fala do amor, da relação homem-mulher. Vários são os temas tratados por Masoch em outras obras, de cunho mais político, antropológico, sociológico: expressões de vivências ricas de que ele mesmo foi participante. Desde as revoluções, as guerras, as falcatruas políticas, a miséria, a riqueza, os relacionamentos de poder. Suas obras sofrem influências dos problemas das minorias, das diversas nacionalidades: contos galicianos, contos judeus, húngaros, prussianos. Há descrições das organizações das comunas agrícolas, das lutas dos camponeses contra a administração austríaca e, sobretudo, da luta contra os proprietários locais.

Enfim, a *Vênus* e sua ligação com o masoquismo é apenas uma faceta da criação de Masoch. Sua obra, bem como sua vida claramente não se restringe a esse âmbito, como poderemos verificar no decorrer deste trabalho.

Contudo, a *Venus* trouxe para a época um aspecto da vida sensual e do amor até então rejeitados, como tabu. *Vênus* e *O amor de Platão* foram vias de escape, rotas de fuga para uma libertação do padrão rígido de condutas sexuais.

Depois dele, a literatura fica mais rica não apenas de marginalidade exótica e erótica, mas da análise de um “eu” estranho e desconhecido: um aspecto encoberto da cultura veio à tona, a irrupção daquilo que seria o cerne da psicanálise: - sim, eu desejo! Ou: há um desejo em mim e não sei bem o que “eu” sou.

Os gostos de amor de Masoch eram famosos: brincar de urso ou de bandido, ser caçado, amarrado, sofrer castigos, humilhações inclusive fortes dores físicas infligidas por uma mulher opulenta com peles e chicote; se fantasiar de empregado, acumular fetiches e disfarces; colocar anúncios no jornal, passar “contrato” com a mulher amada, se preciso, prostituí-la. A vida de Masoch desemboca sempre numa decepção como se a força do destino fosse à do mal entendido. Ele busca sempre introduzir um terceiro na sua relação, aquele a quem chama o Grego: os desdobramentos de pessoas, máscaras, encenações que desandam para o sofrimento.

²⁶ Sacher-Masoch. *Jubilaüm in Leipzig*, AdH, 1883, 6, p.308-318. Ver: Bernard Michel, op.cit., p. 328.

Seus romances e contos foram traduzidos na França e uma de suas tradutoras apresenta-o como moralista severo, autor de romances folclóricos e históricos sem a menor alusão ao caráter erótico de sua obra.

Naquela época se tolerava mais uma sexualidade difusa, com menor precisão física e psíquica. Talvez, venha daí a linguagem onde o folclórico, o histórico, o político, o místico e erótico, o nacional e o perverso se misturam estreitamente, configurando uma forma sutil de chicotada. O suspense e o fantasmático permeiam suas obras. Ele dessexualiza o amor e sexualiza a história da humanidade.

Por tudo o que precede, fica claro o quão injusto é conhecer Masoch pelo termo “masoquismo” e não por sua produção literária. A literatura alemã o ignora, os poloneses mal conhecem seu nome e na Áustria as coisas não são muito diferentes: aparece acessoriamente em alguma página de literatura intelectual.

Extremamente conectado com os problemas sociais, culturais econômicos, seus escritos remetem a observações de cunho antropológico. Suas obras falam do homem, da cultura, da natureza. Masoch traz novas formas de sentir, pensar e toda uma linguagem nova que possibilita signos outros. Masoch viveu uma aventura individual, desejou reconhecimento literário, e procurou um ideal feminino.

1.3 A Revolução na Galícia

Camponeses munidos de foices e armas de fogo, em abril de 1846, massacraram centenas de nobres poloneses e empregados senhoriais na Galícia. Incendiaram suas casas, iluminaram com chamas as noites frias do inverno galiciano. Coisas do Partido Democrático Polonês, exilado na França após o fracasso da insurreição de 1830. Prepararam um levante nacional contra a dominação do império austro-húngaro dos Habsburgo.

A idéia era que os nobres armariam seus camponeses, poloneses ou rutenos, contra o exercito austríaco. Mas de maneira imprevisível, os camponeses aproveitaram a oportunidade e se revoltaram contra seus senhores. Ao invés da revolução nacional, houve a revolução social. Isso porque havia ódio contra o regime senhorial devido à

corvéia imposta pelos senhores. Houve um levante brutal das comunidades camponesas.

Com dez anos de idade, Leopold von Sacher-Masoch sente a intensidade desses acontecimentos, descobre fisicamente a violência na História - as guerras civis, a revolta dos escravos, o sofrimento dos mártires que ele lera em seus livros de história, tornaram-se realidade diante de seus olhos. Os camponeses que massacraram eram conhecidos da aldeia de Winiki, lugar onde vivia Handscha, sua ama de leite. Eis a força coletiva raiando como uma tempestade de verão envolvendo diferentes forças: a nobreza polonesa abastada, a facção polonesa democrática, os camponeses e a burocracia austríaca.

O imperador austríaco era contra essa exploração, mas não podiam sustentar uma garantia política em favor dos direitos dos camponeses a fim de evitar conflitos maiores. Ele procurou impor justiça, mas a conciliação era difícil.

Apesar da pouca cultura e alto grau de analfabetismo presente nas aldeias de camponeses, havia autodidatas que estudavam as leis e os textos jurídicos sobre a corvéia. Jakub Szela era um deles: um personagem misterioso que Masoch teve a oportunidade de conhecer e visitar na época de sua adolescência, juntamente com seu pai. Em vários heróis de suas obras encontramos retratos fiéis da personalidade de Szela, mas especialmente em dois romances: *Uma história Galiciana* (1858) e o *Novo Jó* (1879). Esse contato com líderes revolucionários acontecia porque o pai de Masoch, que fazia parte da chefia policial, era uma figura importante nesse cenário. Digamos que ele saudava com entusiasmo, um tanto silencioso, a revolta camponesa. Masoch assim diz:

Szela nos recebeu com calma e polidez. Era um homenzinho magricela, de sessenta anos, com uma figura que não fazia jus à imagem que se tinha daquele general camponês com quem a Europa se ocupara durante vários meses, a quem os jornais chamavam “o rei camponês” e que Henruk Bogusz acusara de vários homicídios. Mas nos seus olhos claros refletiam-se uma grande inteligência e muita energia.²⁷

O campesinato não queria dizer indivíduos, mas a força solidária e calorosa da comunidade camponesa, a *Gromada*. Para os camponeses rutenos ela era o

²⁷ Sacher-Masoch. *Choses vécues, Revue bleue, III, “Le Roi paysan”*, 1888, p. 407-408. Ver: Bernard Michel, op.cit., p.68.

equivalente ao Mir dos campos russos. Segundo o ditado popular, a “Gromada é um grande homem” sendo esta a verdadeira personalidade: a personalidade coletiva.

Em épocas normais, a comunidade organizava e regulamentava a vida da aldeia, controlava a moralidade dos indivíduos. Em tempos de crise, a comunidade podia se substituir às autoridades enfraquecidas. A justiça campesina, indiferente às regras normais das leis, passa como uma torrente furiosa, súbita e imprevisível, espanca ou lincha aqueles que se colocam à margem.

Em *A justiça dos camponeses* (1877); *O paraíso à beira do Dniester* (1877); *A mãe de Deus* (1883), Masoch descreve essa brusca onda de violência contra ladrões impunes, contra uma bela camponesa engravidada por um nobre, contra os membros de uma seita que contestaram a autoridade de seu chefe espiritual. Normalmente essa justiça campesina só se voltava contra os membros camponeses da comunidade, jamais contra os nobres. Mas em 1846 seria diferente: seria ela que diante do colapso das autoridades constituídas, esmagaria a insurreição dos nobres.

Dentro do campo de estratégias para favorecer o sucesso da insurreição de 1846, da nobreza polonesa contra as autoridades imperiais, temos o planejamento de uma ação muito interessante, conforme nos conta Masoch num trecho de seu livro *Coisas vividas*. Em vários momentos de suas obras históricas, nosso autor utiliza registros deixados por seu pai, nutrindo-os com alguns ingredientes de sua imaginação. Eis uma cena com o colorido “masoquista”:

Segundo o plano do comitê revolucionário, reservava-se um papel especial para as mulheres polonesas. Na capital e em todas as sedes dos distritos, estavam previstos bailes na noite em que deveria estourar a revolução. Os funcionários e oficiais haviam sido convidados. Para o cotilhão, as damas deveriam escolher os austríacos, e a um sinal combinado, lançar-lhes em volta do pescoço um nó corredio de fio de metal e estrangulá-los. A morte do duque de Modena e, conseqüentemente, o luto da corte cancelaram os bailes e fizeram abortar o projeto dos revolucionários.²⁸

Acalmada a insurreição, os proprietários de terras desejosos de prevenir novos massacres, cederam às petições que reclamavam a supressão da corvéia. A corvéia estava morta. O que passou a ser discutido foram as modalidades de reforma e condutas: haveria supressão simples da corvéia ou com alguma indenização? O sonho

²⁸ Sacher-Masoch. *Choses vécues, Reveu bleue*, 1888, I, “La bataille de Gdow”, p. 144-147; “Le Roi paysan”, p.407-410. Ver: Bernard Michel, op.cit., p. 72.

tornava-se realidade: o imperador Ferdinando, em 15 de maio de 1846 oficializou a liberdade dos camponeses e de sua propriedade.

1.4 A Revolução em Praga

Em maio de 1848, o intendente de polícia Sacher-Masoch chegou a Praga com a família. Foi então com doze anos que Masoch deixou sua terra natal, lugar onde teve as importantes memórias e marcas que contribuíram para sua visão de mundo. Ele só voltará mais tarde em breves estadas. Sua personalidade, sua maneira de sentir o mundo tem certamente algo a ver com que acontecia ali, entre Leópolis, a aldeia Winiki e Kolomea.

Assim como existia um patriotismo regional galiciano, havia também um patriotismo que unia todos os habitantes do reino da Boêmia: os tchecos, majoritários, do centro da província; os boêmios alemães das montanhas e planaltos.

Nesta época em que estamos tratando, a revolução industrial alterou os equilíbrios sociais: apareceram as minas de carvão e as “aciarias”²⁹ do norte e do oeste do país, as usinas têxteis com as grandes manufaturas de estampagem de tecidos; uma rede ferroviária que ligava a Boêmia à Viena e à Alemanha do norte, pela Saxônia. Em meio a toda essa mudança havia o descontentamento e insatisfações do povo. Esse clima favoreceu movimentos de reivindicações que ameaçavam entrar em ebulição a qualquer momento.

Com o nascimento do nacionalismo tcheco, no final do século XVIII, os eslavos tentaram fazer com que o seu lugar no reino fosse reconhecido. Defendiam o uso da língua tcheca na vida diária. O alemão era falado pela nobreza, pela administração central e pela boa sociedade citadina: Viena, Graz, Innsbruck, Budapeste, Praga e outras cidades pequenas. Ser burguês significava falar alemão. Muitos eram tchecos recém-germanizados.

O papel dos primeiros nacionalistas tchecos foi o de fazer a língua tcheca ser ouvida não só nas cozinhas ou pela criadagem, mas nos salões, nos bailes, em todos os lugares públicos.

²⁹ Fabricação de aço.

A revolução de 1848 não tomou a forma de um confronto entre tchecos e alemães. Os revolucionários das duas nacionalidades tinham redigido uma petição comum para pedir a supressão da corvéia e também reivindicando um lugar para a língua tcheca no reino. Mas eles se dividiram quanto à formação da unidade alemã. Quando o parlamento de Frankfurt foi convocado, os alemães da Boêmia enviaram para lá deputados entusiastas. Os tchecos se recusaram a participar das eleições, pois não queriam seu futuro numa Alemanha unida, na qual seriam afogados, mas numa Áustria reformada que daria um lugar aos eslavos na monarquia. Era a teoria do austro-eslavismo desenvolvida pelo conde alemão da Boêmia, Leo Thun e por Palacky. Para responder ao parlamento de Frankfurt os eslavos organizaram um Congresso eslavo partidário da Áustria. A resposta a unidade alemã seria o pan-eslavismo.

Pelo desenvolvimento da cultura, os tchecos contavam com a literatura moderna e associações científicas. Com o grande historiador Palacky, eles reencontraram as tradições do passado da Boêmia, as que para eles era principalmente a história do povo tcheco. E foi com a forte luta e iniciativa de Palacky, e sua vontade de firmar a identidade tcheca face ao germanismo, que concretizou a 2 de junho, a *Carta da Boêmia*, onde se reconhecia os direitos históricos do povo tcheco.

A nova casa³⁰ de Sacher-Masoch em Praga tornou-se o centro da propaganda eslava e idéias revolucionárias, contando inclusive com o revolucionário russo Bakunin:

Por efeito do acaso, nossa casa tornou-se o centro principal da propaganda eslava e, mais tarde, da revolução. Havia na casa, vários grandes apartamentos desocupados onde o comitê instalou numerosos convidados eslavos, vários emigrantes poloneses, um padre sérvio e o personagem principal do comitê, Bakunin, o agitador russo. Quase todas as noites, esses deputados eslavos que, por intermédio de duas famílias tchecas, tinham travado conhecimento conosco, se reuniam ao pé da escadaria que conduzia de nosso apartamento ao jardim. Meu pai mandara colocar ali uma grande mesa que servia de centro àquelas reuniões (...). Em Praga, Bakunin era um belo rapaz, cheio de vigor, de ardor e energia. Uma personalidade importante tanto pela pujança física de sua natureza quanto pela lucidez de seu espírito e a clareza de seus projetos.³¹

O que o congresso eslavo desejava não era voltar para a Rússia dos czares e sim para o imperador da Áustria. E a meta não era uma revolução, mas uma reforma

³⁰ Esta casa é atualmente a embaixada da Bulgária, 6, rua Krakovska.

³¹ Bernard Michel, *Sacher-Masoch*, [original 1989], Editions Robert Laffont, S.A., Paris. Trad: Ana Maria Scherer, 1992, Rio de Janeiro: Rocco p. 328

Dos 385 participantes dessas reuniões, 317 eram delegados, 68 observadores. Todos os documentos do congresso eslavo foram publicados na língua de origem, *Slovansky sjezd v Praze*, 1848, Praga, 1958.

pela via legal que tornasse os eslavos iguais, numa Áustria constitucional e renovada. Mas já se preparava a contra-revolução. As revoluções nacionais ameaçavam explodir o Império. Os alemães olhavam para Frankfurt, os italianos da Lombardia e da Veneza para Piemonte e para Roma. Os húngaros, após terem obtido um governo separado, queriam afastar-se de Viena e dominar, sem partilhar, os povos vizinhos, eslavos da Croácia e da Eslováquia, romenos da Transilvânia. O exercito multinacional e fiel ao imperador, representava, para eles, a idéia austríaca, pela contra-revolução.

Os revolucionários, na maioria tchecos, mas também alemães, podia contar com tropas armadas. O elemento de choque era formado pelos estudantes, reunidos no prédio da Universidade de Carlos, o Carolinum. Nos moldes da legião acadêmica de Viena, eles haviam formado uma tropa armada de fuzis e pediam às autoridades mais armamentos, principalmente canhões. Havia estudantes de direito, de letras, e alunos da escola Politécnica de Praga.

Era dia de pentecostes. Masoch estava com amigos estudando as obras de Homero quando seu pai pediu que eles fossem ver o que estava acontecendo, pois vieram lhe falar de barricadas que estavam sendo construídas próximo ao prédio do Comando Geral. Já a caminho, ouviam-se tiros de fuzil: “Foi ali que vi e ouvi pela primeira vez as balas assoviarem. Mas eu estava tão excitado que elas não me fizeram medo. A luta me inebriava e me arrastava como um cavalo de cossaco. Meu camarada, mais prudente que eu, desaparecera”.³²

A bandeira tricolor eslava estava sobre as barricadas. Em meio a toda essa confusão, Masoch relata que não pôde deixar de observar uma magnífica amazona, uma mulher sármata, com fuzil em punho. A existência da guerreira está solidamente atestada por uma gravura da época “*A Amazona sobre a Barricada*” – Theophila Dittrichova, corajosa e precisa no tiro.

Além disso, Masoch foi muito bem acompanhado ver a revolução, com sua vizinha Miroslawa, uma jovem beldade que fez amizade com ele. Ela se escondia sob peles e punhais, pistolas e até uma forte corda vermelha para amarrar os prisioneiros.

Numa quinta-feira, 15 de junho, pela manhã, o povo de Praga, ao acordar, constatou que o exército tinha partido e os revolucionários pensaram ter obtido a vitória

³² Bernard Michel. *Sacher- Masoch*, op.cit., p.95.

total. Mas na noite de 16 de junho a artilharia austríaca recomeçou os bombardeios. Toda a cidade, com seus moinhos, suas torres, e suas igrejas parecia um mar de chamas: "Sodoma e Gomorra!", exclamou o pai de Masoch.

O medo e a desmoralização venceram o movimento revolucionário. Os insurretos desertaram as barricadas, abandonaram as armas e se disfarçaram de camponeses para fugir dos soldados. Masoch se identificou com os revolucionários e se sentiu um deles. Em 17 de junho a insurreição cessou e a cidade foi submetida à lei marcial. Praga capitulou.

1.5 Nas Trilhas do Amor

Era o ano de 1861 quando uma bela mulher, sedutora e perigosa entrou na vida de Sacher-Masoch, sua primeira Vênus. Ela lhe inspirou três de suas obras: *Don Juan de Kolomea* (1864); *Noite de Luar* (1868) e a *Mulher Divorciada* (1869).

Anna von Kottowitz. Ela tentava se aproximar de Masoch, que a evitava por saber que era casada. Mas ela soube seduzi-lo. Infeliz em seu casamento, pois seu marido, rico e da alta sociedade, tratava-a como um bibelô. Sua única preocupação era desfilar ao seu lado com caríssimas toaletes.

A fama de Masoch já se espalhava nessa época e ela se dirigiu com curiosidade ao jovem escritor, tendo lido, inclusive, duas obras dele.

Idealista, moralista, hostil ao adultério, embaraçado nas condutas do código de honra, nem por isso menos sedutor. Eis que surge uma mulher que põe tudo isso ao chão! Kottowitz assim lhe fala: "anjos decaídos, e veja os princípios que você tanto se orgulhava estão aos meus pés, em farrapos, como cavalinhos de papel".³³

Aos 26 anos Sacher-Masoch, vencido e rendido, fazia amor pela primeira vez, uma entrada tardia, visto toda sua fama de conquistador. Masoch descreve-a sob o pseudônimo de Aldona em seu livro *Coisas vividas*:

Aldona de K., polonesa, de família aristocrática, casada com aristocrata, era uma das mulheres mais belas e mais espirituosas que eu já encontrara. Seu retrato estava sendo feito para a galeria das beldades austríacas. Eu freqüentava sua casa; ela vinha ver meus pais. Todos estavam a seus pés. Eu era o único que não a cortejava e foi justamente essa atitude para com ela que lhe sugeri a idéia de tramar sua delicada teia

³³ Sacher-Masoch, *La Femme séparée*. Ver Bernard Michel, op.cit., p. 169

em torno de mim. O que de início era apenas uma brincadeira, uma implicância, uma pequena vingança contra o catão juvenil, iria tornar-se uma fatalidade para nós dois.³⁴

O marido de Anna descobriu seu caso de amor e a expulsou de casa. Masoch precisou alugar um local para ela no subúrbio. Ele pediu um duelo ou uma declaração pública, mas o marido de Anna recusou.

Masoch e Anna enfrentaram duras críticas dos conhecidos e da sociedade. Devemos reconhecer que ela foi muito corajosa. Abandonou a vida luxuosa, perdeu a guarda dos filhos e com seus 30 anos, cansada da vida que levava, se permitiu viver seus desejos:

Ela me conduziu a um subúrbio afastado. Descemos diante de uma casinha. Ali, me tomando pela mão, ela me fez subir uma escada sombria e atravessar um corredor; finalmente me fez entrar num quarto, em que reinava também a penumbra. Assim que entrei meu guia desapareceu. Ouvi que fechava a porta à chave, depois o frufu de um vestido. Logo dois braços me enlaçaram e lábios ardentes, febris, procuraram os meus. Envolvi com meus braços uma cintura fremente, maleável e flexível como a de uma pantera. Eu lhe pertencia então, à bela traidora triunfante! Ela fizera de mim seu escravo, mas ao mesmo tempo obedecia minha vontade. Naquele momento de suprema felicidade em que ela me fazia prisioneiro, em que me vencera tão completamente, arranquei aquela mulher frívola do mundo. Na mesma noite raptei-a de sua casa e após tê-la colocado em lugar seguro, fui encontrar seu marido para me pôr à sua disposição. Ela possuía a arte de amar e ser amada e conhecia como nenhuma outra mulher a poesia da volúpia.³⁵

O divórcio ainda não existia na Áustria e o pai de Anna, advogado, conseguiu uma separação de corpos amigável, de forma que ela pudesse receber uma pequena pensão. Não teria direito a nada mais de sua fortuna. Todos a desprezaram - a rainha destronada. As portas se fecharam. Ela ficou reduzida a Masoch e seus amigos.

Na casinha do subúrbio ela se dedicou a ler e pintar. Para pagar suas toaletes, Masoch teve que aceitar os trabalhos forçados da pena. Por ela ele se lançou no teatro, escreveu artigos e novelas para várias revistas. A década de sessenta foi aquela que ele mais produziu.

Mas, ao mesmo tempo em que o sucesso vinha, o relacionamento começou a deteriorar e segundo ele, foi por causa de Anna:

A infidelidade de Kottowitz, por quem eu havia feito tantos sacrifícios, foi uma catástrofe em minha vida. Desde então não tive mais confiança na fidelidade de uma mulher. Terrível era, ver a mulher amada pertencer a outro; terrível era a idéia de ser perfidamente enganado, ali onde pusera meu amor e minha confiança.³⁶

³⁴ Sacher-Masoch. *Choses vécues*, XV, 1889, p.431-433. Ver Bernard Michel, op.cit., p. 162.

³⁵ Ibid., p. 163-164.

³⁶ Trecho de carta citada por Schlichtegroll. Ver Bernard Michel, op.cit. p.179.

Esse desabafo de Masoch deve-se a história de um polonês, de nome Meciszewski, que se fez passar por um conde. Tentando se beneficiar do prestígio de combatente da liberdade, dizia ser refugiado da insurreição de 1863 e procurou asilo político na Áustria, justificando ser perseguido pela injustiça dos russos. Na realidade, ele era um simples prático de farmácia, escroque, obrigado a fugir para evitar a justiça de seu país. Ele se aproximou de Masoch, que se mostrava ingênuo e generoso nas relações com seus amigos - como veremos, no capítulo sobre Wanda, esse não seria o único escroque de que ele seria vítima.

Meciszewski dizia ter a receber em breve da Rússia, uma soma considerável de vinte mil rublos e pediu a Masoch que assinasse em novembro de 1865, uma letra de câmbio de duzentos florins sacada ao agiota Köllner a qual venceria em 1866.

No entanto, em meio à suposta amizade e às freqüentes visitas à casa de Masoch, Meciszewski começou a cortejar Anna. Posteriormente, ela informou isso a Masoch para lhe provocar ciúmes. Não obstante, Masoch ficou furioso e chamou o rival para um duelo. Mas o polonês era covarde demais e os amigos de Masoch vieram lhe comunicar que o duelo seria impossível.

Certamente não foi Masoch quem avisou a polícia sobre a índole de Meciszewski, mas as queixas contra o falso conde se multiplicaram e ele acabou preso, expulso para a Suíça em 23 de abril de 1866. Foi em meio a essa confusão que terminou a relação de Anna e Masoch, que durara cinco anos.

1.6 Fanny von Pistor, a Vênus das Peles

Em 1866 houve a derrota da Áustria em Sadowa. Era a separação da Alemanha que realizava sua unidade em torno da Prússia. Cavava-se o fosso entre o império dos Habsburgo (Áustria/Hungria) e a Alemanha do Norte. Masoch sempre atento aos acontecimentos políticos sentiu essa derrota e quis dar ao público uma revista de língua alemã cujo conteúdo fosse austríaco.

Nessa época ele era diretor da revista *A Pérgula* que era um sucesso literário. Porém, não se podia dizer o mesmo do retorno financeiro - Masoch não tinha tino para negócios.

O que ele queria com a revista era apresentar a “austricidade” como uma nacionalidade política onde as nacionalidades naturais poderiam-se unir. Cada qual em pleno gozo de seus direitos e liberdade. Para ele o eslavo nascido nos países eslavos, os russos da Galícia deveria ter como evangelho a nacionalidade eslava, mas ser politicamente austríaco.

Masoch convocou textos dos melhores escritores da época para a revista e incentivava novos talentos. Em dezembro de 1866, um jovem intelectual, filho de camponês, veio submeter um manuscrito a Masoch. Era Peter Rosegger, o futuro romancista da vida dos camponeses da Estíria. Sua primeira novela foi publicada no numero de Natal, juntamente com um conto do grande escritor Adalbert Stifter (1805-1868), um alemão da Boêmia instalado na Alta Áustria.

Posteriormente acrescentou-se à revista um suplemento chamado “O Salão”, crônica da vida teatral, intelectual e social de Graz. O próprio Masoch redigia a maioria dos artigos e segundo suas declarações, a revista teria vendido três mil exemplares: seiscentos na Estíria, dois mil na Áustria e quatrocentos no exterior.

Porém, um jornal vienense, *A imprensa*, fundada em 1848 por Zang, sujeito que fizera fortuna em Paris abrindo padarias vienenses, iniciou uma série de ataques a Masoch. Em 1864 uma parte da redação desse jornal separou-se para criar a *Nova Imprensa Livre*, *Neue Freie Presse*, órgão da grande burguesia judaica liberal de Viena. Nesta época, a tensão entre nacionalidades era muito forte. Do meio dos liberais alemães destacou-se, após 1866, um grupo nacionalista de partidários da grande Alemanha e admiradores da Prússia. Entre eles, judeus alemães da Boêmia que se faziam notar por suas vociferações antieslavas. Quem seria uma das vítimas prediletas destes extremistas? – Sacher-Masoch. Durante toda sua carreira, os críticos que lhe serão mais hostis são antigos pan-germanistas.

Zang terceirizou seus ataques pessoais. Pediu para o escritor Hieronymus Lorm, cujo nome verdadeiro era Heinrich Landesmann, um judeu alemão da Morávia que era surdo desde jovem, quase cego, amargurado, pessimista e profissionalmente fracassado. Ele atacou Sacher-Masoch com violência no dia 6 de novembro de 1866, num artigo intitulado: “Parasitas e renegados da Áustria”:

Sacher-Masoch, que elogiara a missão alemã da Áustria em *Uma História Galiciana*, não passava de um desertor que se bandeia para o escravismo. Existem renegados pagos e

repugnantes, serpentes que cospem o veneno, especialmente nessas folhas que pertencem às mais tristes manifestações da história, nas folhas que, em língua alemã, lutam contra os interesses alemães, que fazem à cultura alemã na Áustria a involuntária homenagem de se servir do idioma dessa cultura, porque é somente através dele que podem se fazer compreender na monarquia e desse modo voltam as armas que lhes foram dadas pela cultura germânica contra ela, num matricídio.³⁷

Sacher-Masoch replicou:

Compreendo que não é muito exaltante trabalhar para a imprensa que não é livre, que nela o senhor continua a engraxar suas botas literárias como se ainda tivesse que prestar seus serviços de laçao em Jacoberhof (sede do jornal *Weiner Zeitung*). O senhor é suficientemente cômico para ver num programa austríaco um perigo para a Áustria, porque a Áustria não é a Áustria, diz o senhor, a Áustria não são os tchecos, os húngaros, os poloneses, os romenos, os sérvios, os croatas, os eslovenos, os italianos; a Áustria somos nós, aliás, não os alemães, mas Viena e, em Viena, antes de tudo, a redação de *A imprensa* ultrapassada; nós também já vivemos nossa Sadowa, nos também perdemos milhares de assinantes por causa do fuzil da *Nova Imprensa Livre*; entre nós também a crise ministerial é permanente, nós também fizemos vir nosso chefe de governo do exterior – nós – nós somos a Áustria... Qual é, portanto, o sustentáculo político que o senhor despreza tanto, senão essa plebe culta da capital, que olha com supremo desprezo as “províncias” e as “nações” e sempre se espanta quando faz a desagradável experiência de ver que o destino da monarquia se decidirá em Pest e em Praga, Léopol, Zagreb e Graz, e não em Viena?³⁸

Masoch terminava o revide com as frases que sempre dizia:

Eslavo, nascido de pais eslavos, russo da Galícia, tenho como evangelho ser de nacionalidade eslava, mas politicamente austríaco. Essa profissão de fé eu coloco à frente do meu jornal e por essa profissão de fé, pela grande Áustria do futuro, eu combaterei, enquanto brilhar em mim uma centelha de vida, contra os nobres inimigos e igualmente contra os renegados sem honra, pela Áustria e pela liberdade! É uma mentira descrever-me como um “russo da Galícia”, no sentido da Rússia. É sabido que pertenço, desde sempre, não somente à nacionalidade russa, mas também ao partido ruteno que é também na Galícia, o partido austríaco, do que já dei testemunho em várias ocasiões.³⁹

A imprensa publicou um artigo anônimo: “*Jafé à procura de sua nacionalidade*”. Acusava Masoch de ter inventado “uma nacionalidade” completamente nova. Já que como Jafé procurava seu pai, Masoch procurava sua nacionalidade, qual seria a próxima?

Masoch ironicamente respondeu: - Eu sou um prussiano moldo-valáquio!⁴⁰ A réplica de Masoch colocou Zang na berlinda. Contudo, ataques e insinuações ardilosas

³⁷ Lorm Hieronymus. “*Der Deutsche-österreichischer Schriftsteller III. Parasiten und Rennegaten in Österreich*”, Die Presse, 6 de novembro de 1866. Ver o dossiê da querela em: Farin (Michel), Leopold von Sacher-Masoch, *Materialen zu Leben und Werk (materiais sobre a vida e a obra)* 1987, p. 332-342. Ver Bernard Michel, op.cit., p.182

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid., p. 332-341. Ver Bernard Michel, op.cit., p.183.

⁴⁰ Moldavia e Valáquia eram províncias da Europa oriental, hoje pertencem à Romênia. Devemos dizer que Masoch com suas palavras desmonta o autoritarismo de seu adversário, visto que ele mesmo se dizia alemão, mas era também originário da Morávia - província tcheca.

de diferentes direções rodeavam Masoch porque ele se posicionava publicamente em suas opiniões políticas. Entendemos que para Masoch seria difícil assumir uma nacionalidade e defendê-la como única. Sua história de vida nos mostra a multiplicidade de culturas que ele vivenciou desde a infância e respeitou a particularidade de cada uma. Devemos lembrar que as fronteiras na Europa ainda estavam em formação. Não havia um país único, mas várias províncias, estados multinacionais: eslovenos, tchecos, croatas, poloneses, eslovacos, alemães, etc., reunidos sob uma administração.

No ano de 1868, Masoch não esteve bem da saúde e resolveu tirar umas férias, foi quando conheceu a baronesa Fanny von Pistor, uma jovem viúva de 25 anos. Ela, e não sua primeira mulher Wanda, como muitos pensam, serviu de inspiração na criação da *a Vênus das Peles*:

Menos clássica, mas por isso mesmo mais sedutora, foi a jovem baronesa russa que me serviu de modelo para a *Vênus das Peles* e que eu acompanhei na Itália sob o disfarce de criado, para não comprometê-la. Era uma mulher de beleza estranha, diabólica, de cabelos ruivos, de um esplendor que desafiava qualquer descrição, com algo de mágico e fascinante, como o olhar de uma serpente.⁴¹

E Masoch amou novamente e loucamente. Fanny foi a primeira que o chicoteou, ela que era a bela e a fera, o doce e o amargo, voluptuosa e cruel. É com Fanny que ele descobre seu mundo de desejos, até então adormecido.

Bernard Michel relata que existe uma fotografia datada de 1869, um apaixonante documento sociológico, onde temos a relação de dominação: a baronesa com seu casaco de peles, estendida na otomana, empunhando um chicote, com seu apaixonado aos seus pés.

Foi também com Fanny que aconteceu o primeiro contrato de servidão com duração de seis meses; a troca de nome, Gregor (Gregório); a procura do terceiro elemento, o grego. Eles combinaram de Fanny ter um amante jovem e belo. Ela então lhe pediria para chicotear seu criado, humilhá-lo, enganá-lo e fustigá-lo. Para tal papel escolheram um autor italiano Salvini. Fanny torna-se amante dele. O incrível é que, segundo Michel, o triângulo não foi adiante. Masoch nunca se contorceu sob as chibatadas do grego. A cena da Vênus é pura ficção, mas isso não impede de ficarmos curiosos: se ele realmente tinha esse desejo porque não aconteceu de fato? – Não se

⁴¹ Carta de Sacher- Masoch a Santella, Graz, 3 de fevereiro de 1872 transcrita por Schlichtegroll em seu livro *Wanda sans masque*, p.30-31. Ver Bernard Michel, op.cit., p.191

sabe. Também por questões não claras, Masoch e Fanny se separaram, antes do prazo de vencer o contrato.

O que ocorre logo em seguida foi a triste notícia da morte de sua mãe, em nove de janeiro de 1870 - um golpe terrível, pois ele lhe era muito afeiçoado.

1.7 Wanda von Dunajev

Muitos leitores da *Vênus* confundem Wanda-esposa com a Wanda-Vênus das Peles. Acreditam que ela foi a inspiradora do romance. Como vimos, isso não procede.

Wanda utilizou esse romance, encarnou o personagem para conquistar Masoch. Ela teve a ajuda e astúcia de uma conhecida, madame Frischauer. Wanda na verdade chamava-se Aurora Rumelin, era pobre e não rica como havia dito. Sua mãe lavava roupa para os soldados e o pai era furriel do exército.

Mas há duas versões dessa história. Uma que ela mesma escreveu em seu livro *Confissões de Minha Vida*, memórias de uma moça que se diz inocente e que fora entregue a um marido desorientado do qual teria sido vítima involuntária. Quase todos os biógrafos de Masoch copiam esse relato de Wanda.

A outra versão está em dois livros de Carl Felix von Schlichtegroll *Sacher-Masoch e o Masoquismo* (1901) e *Wanda Sem Máscaras e Sem Peles* (1906), que contam uma história diferente. Cabe esclarecer que Schlichtegroll⁴² é um nome fantasia e ele não era secretário de Masoch como muitos pensam. Segundo Michel (1992), os arquivos da Sra. Saturnus, neta de Masoch, revelam sua identidade, um nobre alemão de nome Klinkowström. Em 1900, ele passou duas semanas na casa da segunda mulher de Masoch, Hulda. Ele se utilizou das cartas, interrogou membros da família, reproduziu trechos inteiros do diário de Masoch.

Segundo a pesquisa de Schlichtegroll, Wanda e a mãe passaram fome quando seu pai as abandonou e foram viver no subúrbio em regime de sublocação. Sua mãe conseguiu abrir uma pequena tabacaria num circo e a filha como vendedora, atraía clientes interessados em seus encantos. Aurora não queria continuar na pobreza e planejava, por intermédio dos homens, chegar a uma posição social respeitada. Daí

⁴² Utilizaremos no decorrer do trabalho o nome fantasia, porque assim ele é conhecido tanto nas produções de Sacher-Masoch como na de outros autores.

temos duas versões que se opõem, de modo que não se sabe a verdade última: Wanda inocente ou Wanda interesseira?

Madame Frischauer, que ajudou Wanda, era do tipo que sabia da vida de todo mundo. Além disso, seu filho Berthold, era amigo de Masoch. Mais tarde, viriam a separar-se, pois Masoch considerou seu amigo dono de uma índole interesseira e enganadora. Mas enquanto isso não acontecia, Berthold dava todas as informações sobre Masoch para sua mãe, que por sua vez contava à Aurora.

Foi madame Frischauer que escreveu as primeiras cartas para Masoch, se passando por Aurora. Houve inclusive um baile de máscaras que a própria madame se passou por Aurora para se aproximar e seduzir Masoch.

Nos últimos tempos, 1871, Aurora já tentara seduzir o jovem escritor Rosegger, fazendo-se passar por uma mulher vítima da infelicidade, cansada da vida e da luta pela existência. O escritor, porém, logo pôs fim à correspondência, no que ela então resolveu investir em Masoch.

O mistério da audaciosa desconhecida, que coincidentemente usava os predicados que agradavam Masoch, liberou nele seus fantasmas - a obsessão de seu ideal de mulher que ele esperava encontrar. Ela se fazia passar por uma mulher rica e casada. Assim se pronunciava numa carta:

Estimado mestre,
devia agradecer-lhe por ter me respondido? Penso que não, pois eu sabia muito bem que me responderia. O senhor tem razão de escrever que em mim existe algo da Vênus das Peles e é justamente esse livro que me impele para o senhor e me repele ao mesmo tempo. Mestre, quero possuí-lo e se por ventura fosse impossível possuí-lo sem que o senhor me possuísse eu daria longos anos de minha vida para chegar a isso.⁴³

Masoch ficou platonicamente apaixonado pelo estilo de Aurora. Encontros secretos aconteceram, mas sem que ela revelasse o rosto, usava máscara.

A resposta de Masoch a esta carta foi em 23 de dezembro de 1871, ele assim diz:

“Acreditar-me-ia se lhe dissesse que podemos nos apaixonar com a simples leitura das cartas de uma mulher? Eu mesmo pensava ser isto impossível até então, mas devo reconhecer que é perfeitamente possível. Estou apaixonado pela senhora, sinto-o e já que não a conheço, já que nunca a vi, só posso estar apaixonado por suas cartas e não por seus encantos que, como já me fez prever, saberão satisfazer o gosto mais exigente.

⁴³ As cartas e o diário de Sacher-Masoch são citados segundo Schlichtegroll e reproduzidos por Bernard Michel, *conf. op.cit.* p. 243

Estou apaixonado por sua maneira de ser, pelo modo como fala de minha Vênus das Peles. Isto me atrai (...).⁴⁴

Nessa época, Masoch era noivo de Jenny. Aurora pede que ele se separe. Ela só faz provocá-lo sexualmente e adia sua entrega física. Ela definitivamente encarna a Vênus. Exige contrato. Ele por sua vez, acreditando que ela era casada, pede também separação. Eis o caso limite das relações entre o romancista e seu personagem. Ele criou Wanda e aceita tornar-se escravo de sua própria criatura. Sua imaginação literária e erótica ganha corpo.

Em agosto finalmente ela se torna sua amante. Ela fica grávida em 1873, mas o primeiro filho, cujo nome era Leopold, morre com 6 dias. Logo após a morte, Aurora/Wanda conta toda sua história de pobreza, mas deixa oculto a interferência de madame Frisbauer e sua encarnação da "Vênus" para conquistá-lo.

Longe de se indignar com as mentiras de Wanda ele a tranqüilizou com generosidade e se dispôs a lançar-se mais ainda no trabalho para proporcionar a ela, uma vida mais doce em compensação por seu passado sofrido. Mudaram-se para Estíria. Em 1874 Wanda deu a luz a Alexandre (Sacha), para alegria de Masoch. Ele tinha a sensação de recuperar o filho perdido.

Wanda começou a mostrar sinais de avareza. Reclamava dos amigos de Masoch que vinham visitá-lo, dizia que gastavam muito dinheiro com isso. Mostrou-se contrariada com a visita do pai dele que logo veio a falecer.

O final de 1874 foi muito difícil para Masoch. Nesta época também entrou em desacordo com seu editor, Günther. Ele quis até separar-se de Wanda, o clima estava insuportável. Nesse tempo ele começou a corresponder-se com uma jovem escritora Emile Mataja. A correspondência adquiriu um clima de suspense e novamente ele voltou a sentir a excitação febril de sensualidade, a espera de uma desconhecida que viria realizar seus sonhos.

Wanda, percebendo seu distanciamento, logo voltou a seduzi-lo novamente, apropriando-se de seu espaço. Voltou a ser a dominadora, cruel e sedutora que era no início. Cogitou até a entrada do "grego" na relação. Os desejos de Masoch ressurgiram, assim como a perseguição pelos seus fantasmas.

⁴⁴ As cartas e o diário de Sacher-Masoch são citados segundo Schlichtegroll e reproduzidos por Bernard Michel, *conf. op.cit.*, p. 244.

Masoch decidiu pôr fim à correspondência com Emile, onde além do conteúdo erótico, ele também orientava a moça em sua carreira de escritora. Ele ajudou inclusive na publicação de seus primeiros folhetins e um romance, *Talmor*.

Entre 1878 e 1879 uma tempestade sentimental fez passar para segundo plano todas as outras preocupações de Masoch: o caso Anatole. Ele recebeu uma carta em 4 de janeiro de 1878, vinda de Ischl que assim começava:

O que resta de você do *Novo Platão*? Que pode oferecer seu coração? O amor pelo amor? Reflita: se suas aspirações não eram fingidas, você encontrou o que buscava. Eu sou porque devo, sim, porque devo ser.
Seu Anatole.⁴⁵

Tudo era para fascinar Masoch: um misterioso anônimo dando endereço de uma caixa postal, o que sempre provocava nele uma grande excitação: a incerteza sobre o sexo. Na novela *O Amor de Platão*, citada na carta, Anatole era uma bela mulher disfarçada de homem.

Masoch se inflamou:

Anatole!
Suas linhas agitam minha alma como a tempestade agita o mar: suas ondas sobem às estrelas – e por que - já que uma estrela desceu até ele...
Você me pergunta o que tenho ainda do *Novo Platão*? – Tudo, Anatole, tudo e mais ainda o que não pude descrever na história. Porque existe amor, existem sensações, sonhos, sugestões divinas da alma que nenhuma pena soube descrever. Se você é Anatole, sou eu, tome-me!
Com toda minha alma,
Seu Leopold.⁴⁶

Houve trocas de cartas, encontros com máscaras sem que Masoch descobrisse realmente quem era Anatole. Wanda chegou a entrar na história porque havia esperança de que Anatole pudesse ser o grego. Mas a história não avança. Anatole chegou a conhecer Wanda sem revelar sua identidade, mas depois marca um encontro para despedir-se do casal, alegando que precisaria mudar-se.

Posteriormente Masoch e Wanda desconfiaram, por informações que lhes chegaram, de que Anatole era o rei Luis II da Baviera.

Depois vem o caso Armand. O sujeito começou a trabalhar na revista *Sobre o Alto*. Era um homem cheio de lábia. Masoch o admirava por sua astúcia e só veio a

⁴⁵ Texto de Schilichtegroll, *Wanda sans masque*, p. 120-130. Ver Bernard Michel, op.cit., p.299.

⁴⁶ Ibid., p. 299.

desconfiar dele quando também sofreu um golpe financeiro e descobriu que era estelionatário. Porém, Armand cativou Wanda, que interessada numa vida melhor, entregou-se a ele. O caso dos dois ficou escancarado e Wanda há tempos vinha tratando mal Masoch. Tais fatos foram a gota d'água para que Masoch a deixasse, levando consigo seu filho predileto, Sacha.

Separado de Wanda, depois de algum tempo, Sacha adoece muito e a mãe só veio visitá-lo já quando estava para morrer. Quem cuidou de Sacha, noite e dia, foi Hulda Meister, tradutora da revista de Masoch. Mais tarde ela será sua segunda esposa - a pessoa com a qual ele conviveu até seus últimos dias.

Sacha faleceu de tifo. Masoch o considerava um gênio e a perda foi cruel. A dor arrebatou Masoch que já não via mais sentido na vida:

Atiro três pazadas, calmo, marmóreo e agradeço rapidamente ao pastor e aos outros. Volto depressa para casa. No carro desabo. Solução. O conto da felicidade acabou. O que eu tinha de mais caro esta enterrado. Estou cansado da vida.⁴⁷

1.8 Hulda Meister

Aquebrantado pela morte do filho Sacha e do rompimento com Wanda, Masoch precisaria de tempo para reencontrar o equilíbrio junto à Hulda. Ela era da média burguesia, bastante viajada, conhecia várias línguas e ajudou muito Masoch cuidando de Sacha. Ele não tinha por ela aquela paixão arrebatadora, nem procurava mais a encarnação do seu ideal feminino. Mas havia paz ao lado de Hulda. Eles tiveram três filhos.

Posteriormente Armand abandonou Wanda por outra mulher. E mesmo depois de separada, mesmo depois de Armand morrer, Wanda quando questionada sobre ele não o recriminava. Em contrapartida, não perdia a oportunidade de prejudicar Masoch, fazia-se de vítima e dizia ter sido abandonada. Publicamente, falava: “O Senhor Masoch era austríaco e católico. Os senhores não ignoram que na Áustria o divórcio não existe para os católicos. Por isso, o Sr. Sacher- Masoch não pode se divorciar nem voltar a casar: ele não tem outra viúva senão eu”.⁴⁸

⁴⁷ Carta de Masoch à Wanda, 17 de outubro de 1885. Ver Bernard Michel, op.cit., p.341.

⁴⁸ Um trecho da carta de Wanda ao *La Libre Parole* em 18 de janeiro de 1896. Ver: Bernard Michel, op.cit. p.363.

Por simples obsessão ela acusou Hulda de ser uma concubina e seus filhos bastardos. Durante toda a vida ela sobrecarregou Masoch com pedidos de dinheiro injustificados. Quando ele estivera doente, com poucos recursos, ela tentou bloquear os honorários dele, em seu proveito.

Wanda também quis negociar o nome “Masoch”, tirando proveito da reputação escandalosa da palavra “masoquista”, usada por Krafft-Ebing. Dizendo-se moralista, ela pretendia condenar o masoquismo do qual fora “apenas vítima”. Dizia-se pura e inocente. Condenava a obra de Masoch e suas tendências perversas.

Não obstante a todo empecilho que Wanda colocou na época, Masoch conseguiu casar com Hulda em 11 de fevereiro de 1890. Foram para uma ilha alemã de soberania inglesa, onde o casamento de divorciados era possível legalmente. Assim os três filhos do casal foram legitimados.

Foi na casa que comprara em Lindheim, num ambiente calmo, que ele viveu com a esposa e criou amorosamente os três filhos.

Em 1893, Masoch fundou uma Associação pela Cultura Popular do Alto Hessen. Sua pretensão era favorecer a formação cultural e patriótica dos camponeses, dada a situação de extrema desigualdade social na Alemanha da época:

Por enquanto a Fundação quer criar bibliotecas populares, promover conferências, representações teatrais e concertos, conceder apoio financeiro aos jovens camponeses, principalmente para que cursem escolas de artes e ofícios e as escolas de agricultura. As contribuições de adesão chegam apenas a um marco. Elas dão acesso às bibliotecas e à entrada gratuita em todas as manifestações da associação.⁴⁹

O sucesso foi notável. Em 1894, vinte bibliotecas populares estavam funcionando, seis bolsas de cinquenta a cem marcos por ano eram atribuídas aos escolares pobres.

Nas turnês de conferências que ele organizava, chegou a vinte comunas e cada vez era um tema: sobre história, ciências naturais, química. Hulda o acompanhava. Ela tocava muito bem piano e realizava os concertos musicais. Assim, Sacher-Masoch tornava-se uma espécie de reformador tolstoiano.⁵⁰

⁴⁹ Comunicado à imprensa de Oberhessische Verein für Volksbildung de 14 de janeiro de 1893. Demandt, p. 193-204. Ver Bernard Michel. Op.cit., p. 368

⁵⁰ Tolstoi, escritor famoso, em sua velhice torna-se pacifista e realiza obras humanitárias

Na casa onde vivia com Hulda, ainda uma quantidade razoável de mulheres continuava a visitá-lo e pedir orientações em seus trabalhos literários. Contudo, Masoch já vinha, há algum tempo, com problemas no coração, o cérebro estava cada vez mais mal irrigado. E foi devido a isso que em cinco de março de 1895, às dezenove horas e quarenta e cinco minutos, ele morreu. Sua obra prima dos últimos anos (1890) foi a *Serpente no paraíso*. Tinha o subtítulo de “*Romance de Costumes Russos*”, mas na realidade falava dos pequenos russianos da Galícia. Segundo Michel, trata-se de uma comédia leve e irônica, cheia de luz e felicidade.

Num livro que só foi publicado após sua morte, 1898, *Entre nós*, Sacher-Masoch fala sobre a reconciliação e o apaziguamento: uma mulher da sociedade, cansada de sua vida passada, conhece um homem superior. Juntos viviam no campo, ensinando, ajudando a população campesina. Parece que Masoch aqui, tenta reconciliar corpos ardente e almas febris, no refúgio da resignação e no tolstoísmo da maturidade.

O crítico literário Karl von Thaler, segundo Michell, 1992, assim o evoca: “Um foguete, que sobe impetuoso e ofuscante, risca na sombra noturna um longo traço de fogo, lança para o alto bolas de fogo coloridas e depois se apaga. É a imagem da atividade literária do homem que acaba de falecer.”⁵¹

Segundo o historiador americano, Carl Schorske, o racionalismo triunfa quando do domínio político do liberalismo (1865-1879), antes de dar lugar às correntes irracionais fundadas na predominância dos instintos; Sacher-Masoch transforma essa cronologia. Ele é racionalista, liberal, partidário convicto dos processos da ciência, mas ao mesmo tempo, em pleno período do liberalismo, faz penetrar no romance, o mundo da natureza e do instinto. Ele emprega as palavras “amor sensual” em *Vênus das Peles* e no *Amor de Platão*, ali onde a geração seguinte falará “instinto sexual”.

⁵¹ Homenagem a Sacher-Masoch feita por Tahler na *Neue Freie Presse* em 12 de março de 1895. Ver Bernard Michel, op.cit., p.380.

CAPÍTULO II

2.1 O DUPLO DO MUNDO⁵²

Sabei que eu sou um sensual supra-sensual⁵³ e que em mim tudo tem raízes na imaginação e nela encontra alimento. (Sacher-Masoch, manuscrito inédito, 1943)

Ao dar asas a sua imaginação, Masoch desenha uma realidade que brotou de seus desejos, de suas tendências, das pulsões que não foram interditadas. Sua necessidade de vivência intensiva é a revelação das marcas inconscientes que clamam por serem atendidas. O masoquismo é um plano onde os desejos e experiências de Masoch podem se realizar; onde ele pode incitar acontecimentos de natureza dolorosa. Sim, o masoquismo se compraz no sofrimento, na perturbação, na humilhação, no assujeitamento. A satisfação no masoquismo é a insatisfação. Esse é o colorido que permeia sua vida e suas obras. A arte expressando a vida e a vida como expressão da arte. Uma mista tecelagem compondo destinos de autor e personagens cujo movimento é capaz de comover a alma, fora de toda representação.

O corpo de Masoch parece percorrido por fluxos de alta intensidade que alucina e cria fantasmas. Denota um funcionamento instintual de pura positividade. A violência do desejo é o demônio que habita sua alma. A novidade, a surpresa, o inesperado, elementos preciosos em sua obra, formam um complô sedutor. Convida saber mais e a participar dos acontecimentos; convida a voar rumo a outros ares, a virar a página do livro; a desdobrar o que parecia não ter mais dobras. Ele assedia o desejo de profecia: o que irá acontecer?

Masoch em vida se revelou sedutor e o mesmo acontece com sua escrita imbuída de detalhes, emoções, sentimentos, tensão, beleza, dor, suor e lágrimas. O sofrimento atrai o olhar do leitor e ressoa. Não passa despercebido e se faz ouvir nos

⁵² Este capítulo trata-se do desdobramento do real. Através da criatividade, sensualidade e eroticidade, Masoch ultrapassa o mundo representacional, deslancha do solo e subsolo e conecta-se com as forças de sua imaginação. Ora, a imaginação é o duplo e sempre se desdobra do real seguindo caminhos e variações múltiplas, por isso: O Duplo do Mundo.

⁵³ O termo supra-sensual Masoch empresta de Goethe - são as palavras de Mefisto para Fausto: "Ó libertino sensual, supra-sensual, uma mocinha te carrega como bem entende"! Supra-sensual é para além do sensual, é o sensual idealizado, espiritualizado. Em *A Mulher Divorciada*, de Sacher-Masoch, o herói Juliano, invoca uma necessidade de observação ao ver pela primeira vez a sua amada nua. Mas ele se vê tomado por um sentimento quase religioso, e se relaciona com ela como se fosse uma obra de arte. Masoch transmuta a sensualidade, refina-a e faz dela sua doutrina.

rincões da alma. Mas uma bela e intensa tragédia tem até lapsos cômicos de tanta fatalidade junta. Rasga-se a ferida purulenta para uma melhor cicatrização. O trágico se torna alegre.

Primoroso criador da arte do suspense, os rituais masoquistas de suplícios revelam verdadeiras suspensões físicas: o herói é pendurado, crucificado, preso nas alturas, ser das alturas.

A mulher carrasco permanece em poses estáticas como se fosse estátua. Ela suspende o gesto da chicotada, ou lentamente abre o casaco de peles. Ela se reflete no espelho e paralisa sua pose. Essas imagens refletidas, lentas, paralisadas de suspense dramático facilitam uma identificação do espectador com a vítima – o sofredor.

No ambiente criado por Masoch, configura-se uma atmosfera estranha como um perfume pesado demais, quase insuportável, mas atraente. Um quarto com muitas cortinas, tecidos e objetos na penumbra. Os cenários sobressaem-se pela pesada tapeçaria, entulhamento, saletas, rouparias, um claro-escuro onde se destacam gestos e sofrimentos.

As descrições são deslocadas de uma parte do objeto para outro, de uma parte do sujeito para outra sem que a revelação se dê por inteiro. A mensagem não é evidente, é sugestiva. Diante disso a obscenidade não é dada, mas pode ser imaginada, de forma que a censura nada teria a reclamar.

Os romances de Masoch são de sugestão. Há a “denegação”⁵⁴ como processo reativo e o suspense como ideal da imaginação pura. Uma denegação não é uma negação ou destruição, é outra coisa. É algo que pretende contestar a legalidade daquilo que é, que pretende colocar a realidade em suspensão, que pretende neutralizar o atual para que um virtual possa se manifestar. É também um processo reativo porque é um contrainvestimento para representações às quais Masoch quer se

⁵⁴ Foi através de experiências clínicas que Freud pôs em evidência o processo de denegação: tanto nos estudos das “histéricas” como no estudo do “homem dos ratos”. No texto *La Negacion (Die verneinung)*, 1925, Freud pontua a propriedade de certos conteúdos recalçados que só poderiam ter acesso à consciência sob uma única e importante condição: a de serem denegados. O processo de denegação denuncia que responder com o “não” diz respeito a rebater ou rejeitar algo. Mas, o importante neste processo seria o efeito da suspensão do recalque, mesmo não ocorrendo a aceitação do conteúdo. A denegação de certa forma aponta, faz surgir na consciência o que não é aceito. Importante dizer que há diferentes traduções para *Verneinung*, segundo Pontalis (2001). Em alemão, esta mesma palavra, designa tanto o sentido lógico, “negação”, como também, psicológico – “recusa de afirmação”, por exemplo: eu “não disse isso, não pensei isso”. Em francês temos *négation* no sentido gramatical ou lógico e também *dénégation* ou *déni*, que implica contentação ou recusa. Pontalis diz que essa ambigüidade sobre *verneinung* é um dos elementos propulsores de riqueza nos textos de Freud. Até o presente nem sempre tem sido feito, na literatura psicanalítica e nas traduções, as distinções terminológicas e conceituais como aqui tratamos.

opor, das quais quer se libertar. Representações indesejáveis. A denegação como processo reativo é um recurso útil que lhe permite manter a realidade que deseja em seu ambiente, que lhe permite criar o seu mundo. O pensamento de Deleuze a esse respeito assim se pronuncia:

Poderia parecer que uma denegação em geral é muito mais superficial que uma negação ou mesmo uma destruição parcial. Mas não é assim; trata-se de outra operação. Talvez seja preciso compreender a denegação como um ponto de partida de uma operação que não consiste em negar nem mesmo em destruir, mas bem mais em contestar a legalidade daquilo que é, em afetar aquilo que é como uma espécie de suspensão, de neutralização próprias a nos abrirem além do dado, um novo horizonte não dado.⁵⁵

O processo de denegação, suspense e contemplação em Masoch podem ir tão longe e ser tão prazeroso que se aproxima do prazer sexual – extasiado ao máximo e tocado por uma sensação que suspende a realidade para se identificar a si próprio como um novo homem, sem sexualidade.

A linguagem sensual em Masoch é recoberta por certa decência, como se não pudesse passar um limite, como um “quero mais” que não pode ser satisfeito. Mesmo nos romances mais atrevidos, como a *Vênus*: o corpo da mulher carrasco se mantém coberto de peles - a seminudez é para ser contemplada, reivindicando uma religiosidade sob o olhar: “olho, mas não te toco”, eis a contemplação religiosa do amor.

Os acontecimentos e o desenrolar das cenas são justificadas pelas mais diversas motivações ou por uma exigência fatal que não deixa risco de ser intencional. Desta forma, os fantasmas criados se disfarçam através dos costumes folclóricos, nas brincadeiras inocentes de crianças, nos gracejos de uma mulher apaixonada, ou ainda através de exigências morais ou patrióticas: homens que, segundo um velho costume, bebem nos sapatos das mulheres, mocinhas que pedem aos seus namorados que banquem o cachorrinho, uma patriota que se deixa levar pelos turcos, entrega-lhes o marido como escravo e depois entrega-se a si mesma ao paxá para salvar a cidade.

Configura-se uma atmosfera sedutora, um desejo que paira no ar, provocando uma respiração carregada de eroticidade e suspense.

⁵⁵ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch. O frio e o Cruel*, op.cit., p.34.

2.2 A Mulher Fálica

O feminino circula fortemente em Masoch e ele o traz sob dois aspectos: o feminino submisso e passivo; o feminino autoritário e ativo. Não estamos falando aqui de gênero, mas sim de atitudes que se deslocam e assumem diferentes papéis.

Masoch contesta a legalidade daquilo que é - denega. Deixa em suspensão os padrões normais de realidade. Ele neutraliza as funções homem-mulher e coloca-os em outro nível, para além do horizonte dado.

Masoch cria outro lugar para a mulher, um território onde ela pode ser fálica. Sim, aquela mesma mulher considerada impotente e faltante nascida sob signo da castração, agora detém o poder. Masoch cria a possibilidade de uma nova imagem feminina: a mulher que controla, dá ordens, decide, dirige, castiga, corrige, como uma czarina cruel. Mas faz tudo isso em nome do amor. A mulher interpreta o papel que o homem tem em nossa cultura. Há uma reviravolta nas posições que conhecemos na comum relação homem-mulher. Os papéis se inverteram - é a mulher que na relação, maltrata e trai. É certo que ela realiza isso por um desejo dele e com sua orientação, porque é desta forma que o amor lhe satisfaz. O ideal sobre o real.

Uma abertura para o novo nas instituições cristalizadas. A “risadinha” dá espaço à curiosidade de um novo olhar sobre a masculinidade e a feminilidade.

Masoch tira a mulher da vida privada, da maternidade, da prostituição, da submissão, das bruxarias, das loucuras, das histerias, dos fogões e das panelas. A mulher ganha um novo contorno e o sujeito é diluído para uma nova dimensão. Há a dissolução da identidade e a desnaturalização do imaginário popular.

A mulher não precisa mais se sentir excluída pela figura divina do homem. Este homem que matou deus, mas que por outro lado, se colocou em seu lugar. Para Masoch, a família e a conjugalidade são criações humanas, inclusive a função da mulher. Ele renuncia a isso.

No momento em que a mulher é convencida a bater no homem, ela se torna livre de sua função estabelecida. O investimento de Masoch é a tentativa de impedir que as relações estabelecidas de família vingam em sua vida. Ele quebra o pacto com a sociedade e com deus: não há juramento entre marido e mulher segundo o sagrado

matrimônio. Masoch apanha para ver o velho papel de pai e marido ser pervertido por uma mulher. Ele transgride e foge da tradição. Quer ser infeliz para se satisfazer. O gozo na depreciação de si mesmo em relação aos papéis sociais que deveria representar. Ele revoluciona, violenta a sociedade que lhe é apresentada. Ele desdobra as funções familiares e desloca papéis.

Temos a oportunidade de olhar as experiências humanas e a sexualizarmos com a possibilidade de desligamento do aspecto social homem/mulher enquanto individualidades.

“Masoch dessexualiza o amor e sexualiza a história da humanidade”.⁵⁶ Sua literatura não serve para nomear as coisas deste mundo, porque já estão nomeadas, mas ele oferece uma espécie de duplo do mundo, um lugar que acolhe a violência, o erótico, o excesso, a crueldade, o fora do comum, o fora do padrão. Sua linguagem age diretamente sobre os órgãos dos sentidos porque é intensiva.

A psicanálise sustenta que o que há de excesso numa excitação é erotizado. A excitação sexual surge como efeito da intensidade dos processos internos quando estes passam de um limite.

Masoch ultrapassa o limite, cria um tempo maior de tensão, na espera e no suspense, nas articulações, nas fantasias, sonhos, imaginação. Tudo conflui em expectativa perturbada e provoca um excitamento prolongado, com elevações e quedas de intensidade. É um desprazer prazeroso que entra em contradição com o prazer de descarga e alívio.

O erotismo pode servir de espelho para o mundo quando reflete seus excessos. Extrai sua violência pretendendo espiritualizá-la através dos sentidos. O erótico, o sensual, pode tornar a estupidez algo depurado, refletido, tornado inteligente, erotizado. Masoch é um aliado diplomático da transgressão porque se conecta como inimaginável. Ele transgride eroticamente. Sensualmente supera os interditos, as leis, os valores da época. Educadamente ele transgride, pois é desta forma que ele consegue a prática do proibido e obtenção de seu prazer.

⁵⁶ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch. O Frio e o Cruel*, op.cit., p.10

A transgressão é uma possibilidade fascinante de superar a estagnação, a mesmidade, o hábito e permite a Masoch conectar-se com o não pensável, isto é, o inimaginável.

Parece violento usar o termo transgressão, mas Masoch consegue diplomaticamente aplicá-lo sem ser um fora da lei porque ele traz um sentido positivo, de transformação, de criação de algo diferente. Eis a ajuda erótica em ação de socorro. Podemos arriscar dizer que a transgressão em Masoch beira uma ética – a ética da transgressão. No capítulo 3, no item *Transgressão da lei*, voltaremos a falar sobre esse assunto.

2.3 O Sobrenatural

*Em todo homem, é claro, habita um demônio oculto:
o demônio da cólera, o demônio do prazer voluptuoso
frente aos gritos da vítima torturada,
os demônios da luxúria sem peias.
Dostoiévski, Os Irmãos Karamazov.*

É certo que o fetiche é o substituto de um falo feminino já que o homem não quer ver a falta do pênis na mulher. Porém ele o sabe faltante, mas quer denegar essa realidade.

Mas o fetiche não é o substituto de qualquer pênis e sim um bem específico e especial porque não foi abandonado. Está preservado da extinção e é referente a uma vivência particular. A impressão da castração continua, mas uma ação enérgica é empreendida para manter a rejeição. “ He aquí, pues, el proceso: el varoncito rehusó darse por enterado de un hecho de su percepción, a saber, que la mujer no posee pene”.⁵⁷ Essa imagem o assustou. Então a última impressão antes da estranha e traumática visão, foi retirada como fetiche. Assim o substituto do objeto sexual pode ser uma parte do corpo: o pé, o cabelo – quando o olhar inquisitivo do menino espiou os órgãos genitais a partir do pé. Peles e veludo poderiam ser a fixação nos pelos púbicos provocando a sugestão da ansiada visão do membro feminino. Peças de roupas íntima, tão freqüentemente escolhidas, cristalizam o momento de se despir, o último momento em que a mulher ainda podia ser encarada como fálica. É como se o fetichista

⁵⁷ Sigmund Freud. *El porvenir de una ilusión, el malestar en la cultura y otras obras*. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores S.A., v. 21, p. 148.

escotomizasse a castração: as peles cobrem os genitais, mas deixam partes do corpo à mostra.

Parece que entre os fetichistas, e observamos isso nos personagens masculinos de Masoch, há certo rebaixamento do desejo do alvo sexual. Severino, na *Vênus*, tem anseio em ver Wanda com as peles, com o chicote, deitada sobre a otomana, ou com a kazabaika. Isso se sobrepõe ao desejo propriamente de penetração e satisfação sexual. Fica nas entrelinhas das obras de Masoch, esse distanciamento dos órgãos sexuais femininos tanto que, em uma cena, Wanda abre seu peignoir e Masoch o fecha parcialmente para contemplar partes nuas de seu corpo, não o todo. Há ocasiões em que ele tem o cuidado de deixar apenas o colo e os braços descobertos. Intensivo demais, a revelação do todo feminino.

Os amores de Masoch em sua vida e obra revelam um perfil parecido da mulher que ele busca: é opulenta, com traços severos, ao mesmo tempo, amorosa e bela. Essas mulheres se aproximam, em suas características, da ama que cuidou dele durante muito tempo. Conforme seus relatos, ela foi importante em sua vida e assim o confirma a autobiografia escrita por Schlichtegroll. Um primeiro amor que perdura. Uma conexão simbólica de pensamentos pode remeter à memória da pessoa amada e ser instituído como um fetiche – algo parecido a ela – Handscha.

Arriscamos dizer que o fetiche lembra uma foto a que recorremos sempre que uma nova imagem ameaça surgir, mas queremos resguardar a passada. A foto é um recurso que pode sustentar uma idéia ou um pensamento como uma barreira para que outra coisa não tome seu lugar.

O fetichismo é uma denegação: - não... não... à mulher não falta o pênis. É uma defesa, pois o conhecimento real existe, mas de certa forma é suspenso, neutralizado. É o ideal contra o real.

È difícil pensar o masoquismo sem fetiche devido a todo o ritual que este elemento provoca.

Apesar de toda invenção de Masoch, ele deixa claro que não se trata de acreditar com isso que o mundo seja perfeito, esclarece: precisamos colocar asas em nós mesmos e escapar do mundo pelo sonho.

Ainda assim, não se trata de negar o mundo ou destruí-lo, trata-se ainda de denegá-lo, de suspendê-lo para abrir a possibilidade do ideal como um fantasma que não assombra, mas encanta. É uma contestação da legalidade do real para fazer aparecer o ideal – eis a jurisdição masoquista.

2.4 Os Tipos Masoquianos

Como vimos, o ideal feminino de Masoch são mulheres de caráter altivo, uma vontade imperiosa, certa crueldade, mas ao mesmo tempo um grau de ternura e ingenuidade:

Não importa que seja cortesã, czarina, uma revolucionária, uma criada ou patroa, camponesa, mística gelada, ou uma mocinha de boa família: que seja princesa ou camponesa, que vista pele de arminho ou de cordeiro, sempre essa mulher das peles e do chicote, que torna o homem seu escravo, é ao mesmo tempo minha criatura e a verdadeira mulher sármata.⁵⁸

Mas, sob essa aparente mesmidade, três tipos se pronunciam fazendo certa orgia na composição destas mulheres: a prostituta, a sádica e a mãe.

O primeiro tipo é a mulher pagã, a grega, a hetera, a aventureira, geradora de desordem. Ela vive pelo amor e pela beleza. É sensual, ama quem lhe agrada e se dá a quem ama. Busca a independência da mulher, é fugaz nas relações amorosas, isto é, não estabelece vínculos. É a Afrodite moderna que desdenha as normas instituídas. É soberana e coquete, dominadora, sujeita o homem aos seus desígnios.

No outro extremo, temos o terceiro tipo, é a mulher sádica. Gosta de fazer sofrer e torturar, é cruel e fria. Mas curiosamente ela é compelida por um homem com o qual corre sempre o risco de se tornar vítima. É como se a grega primitiva tivesse encontrado seu grego viril com a pulsão sádica.

Na Vênus temos o momento em que o Grego chega para formar o triângulo com Wanda e Severino. O grego de certa forma impulsiona Wanda a ser mais cruel, mais sádica, mais fria, tanto que no fim do romance ela acaba acreditando que se tornou sádica. Diz: "- A sensualidade serena dos gregos para mim é uma alegria, isenta de dores, um ideal que tento realizar em minha vida. Não acredito nesse amor que o

⁵⁸ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch. O Frio e o Cruel*, op.cit., p.51.

cristianismo, os modernos, os espíritos cavalheirescos pregam. Sim, olhe bem para mim, sou pior que uma herege, sou uma pagã(...)”.⁵⁹

Wanda solta gargalhadas enquanto Severino é chicoteado pelo grego e acaba indo embora com o amante em busca de novas crueldades.

Mas não é a mulher hetera/prostituta, nem a sádica/cruel, o ideal de Masoch.

É verdade que na Vênus tudo começa com a hetera, a grega pagã, e tudo termina no sadismo de Wanda, mas entre os dois tipos temos outro elemento que é essencial para Masoch. Os dois extremos são os limites onde esse ideal se movimenta e suspende. Entre os extremos acontece o jogo masoquista. O jogo se dá no entre, porque nos extremos não há razão de ser.

Com certeza Masoch não cria um conto de fadas para que, com sua varinha de condão, escolha uma entre três mulheres.

Bem verdade que as três mulheres estão quase sempre presentes nos contos, nas histórias, cuja escolha constitui um destino.

O rei Lear resolve escolher uma das três filhas para deixar suas riquezas, aquela que mais amor devotar a ele. Acaba escolhendo duas, porque Cordélia, a terceira não lhe demonstrava amor – amava calada. O tempo revelou que ela seria a escolha mais sensata.

Cinderela, a irmã mais nova é a preferida pelo príncipe às duas irmãs mais velhas.

Páris, na mitologia grega, era filho do rei de Tróia e foi nomeado juiz para escolher a deusa mais bela: Afrodite, Hera, Atena. Ele escolheu Afrodite.

A escolha se coloca no lugar da necessidade do destino.

Mas qual seria o elemento essencial para a escolha de Masoch? É preciso ir buscar nos escritos de Masoch qual é essa mulher entre a hetera e a sádica. E Deleuze (1983), assim nos esclarece:

No conto a *Estética do Feio*, Masoch descreve uma mãe de família: “uma mulher imponente, com ar severo, traços acentuados, olhar frio, nem por isso acalenta menos a pequena ninhada”.

⁵⁹ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch. O Frio e o Cruel*, op.cit., p.167.

Em a *Mãe de Deus*, Mardonna, meiga e alegre, no entanto severa e fria, dona dos suplícios: "seu belo rosto estava inflamado de raiva, mas seu grande olho azul brilhava com doçura".

No *Ao Luar*, Masoch entrega o segredo de sua natureza dizendo: "a natureza em si mesma é fria, maternal, severa": eis a trindade do sonho masoquista: Frio/Maternal/Severo; Gélido/Sentimental/Cruel.⁶⁰Essas características distinguem a mulher-carrasco (mazoquizante) dos seus duplos: hetera e sádica.

À sensualidade delas (hetera e sádica) se substitui essa sentimentalidade supra-sensual; ao calor do fogo - essa frieza e seus gelos, à desordem - uma ordem rigorosa.

No sadismo, a frieza remete à apatia, diretamente contra o sentimento, é impessoal. Trata-se de tirar prazeres de tudo que alarma o coração – sem entusiasmo.

Em Masoch é diferente. A frieza não é a negação do sentimento, mas a denegação da sensualidade. O ideal masoquista tem como função fazer triunfar a sentimentalidade no gelo e no frio. É uma sensualidade supra-sensual – acima do sensual, onde a razão não pode alcançar, envolvida de gelo e protegida por peles. O frio protege a sentimentalidade supra-sensual e a exprime como ordem exterior, como cólera e severidade.

Ao falarmos das mulheres e o feminino em Masoch é importante mencionar um autor contemporâneo seu, que traz referências próximas às que abordamos. Trata-se de Johann Jakob Bachofen (1815-18877). Ele era etnólogo, filósofo social, escritor.

Bachofen escreveu sobre o matriarcado no mundo antigo. Dizia que a maternidade é a fonte da sociedade humana. Segundo ele, houve uma fase onde se tinha muita promiscuidade sexual, relações múltiplas entre homens e mulheres. O princípio feminino dominava e o pai não era ninguém. A paternidade não era detectável. Era a linhagem feminina que ditava o parentesco.

Na segunda fase, Demetéica, houve a instalação da ordem agrícola e gineocrática severas (governo de mulheres).

Na terceira fase, apolínea, há a denegação do matriarcado nas suas formas dionisíacas. Transição para a monogamia e a mulher pertencente a um homem só. Princípio de modelo de família burguesa que se estende até hoje.

⁶⁰ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p.55-56.

Sem dúvida, temos aproximações nos tipos femininos de Masoch. Como se passa do ideal grego ao ideal masoquista? Da desordem e sensualidade heterista à nova ordem – a sentimentalidade ginecocrática? - A ponte é o “frio”. É preciso passar pela catástrofe glacial, a era do gelo.⁶¹

O frio consegue recalcar a sensualidade e dar o brilho da severidade. Neste momento as peles mantêm a função utilitária – menos por pudor do que por um medo de um resfriado: (...) “em nossos países abstratos do norte, em nosso mundo cristão gelado, Vênus tem que se esconder numa boa pele se não quiser se resfriar” - dizia Masoch.

As heroínas de Masoch sempre espirram, possuem corpo de mármore, mulher de pedra, vênus de gelo: “(...) a divina espirrou pela terceira vez...sua cabeça admirável a despeito dos olhos mortos e petrificados, mas era tudo que eu podia ver dela. A sublime criatura tinha envolvido seu corpo marmóreo numa grande pele e encolhe-se como uma gata que tivesse arrepios.”⁶²

E o gelo suspende a sensualidade e fica na atmosfera o desejo de algo mais. É preciso que haja a insatisfação: ela é a satisfação. A frieza e o gelo fizeram da sentimentalidade o objeto de reflexão do homem, da crueldade, o castigo de sua grosseria. Na sua fria aliança, a sentimentalidade e a crueldade feminina fazem o homem refletir e constituem o ideal masoquista.

A crueldade masoquista pode até dar impressão de teatro, mas não significa que são fingidas ou supérfluas, é uma crueldade do ideal, vivida pela mulher carrasco.

As três mulheres para Masoch correspondem às imagens fundamentais da mãe: a *mãe primitiva*, uterina, hetera, mãe das cloacas e dos pântanos; a *mãe edipiana*, imagem da amante, aquela que entrará em relação com o pai sádico, seja como vítima, seja como cúmplice; mas entre as duas, a *mãe oral*, mãe das estepes e grande nutriz, portadora da morte. O elemento próprio do masoquismo é a mãe oral. Ela tem o ideal de frieza, de solicitude e de morte. Ela consegue sublimar os dois extremos, é sádica e prostituta, mas como uma boa mãe. Masoch assim modela sua obra de arte.

⁶¹ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p.58

⁶² Ibid., p. 147.

CAPÍTULO III

3.1 Masoch sem Sade

Pensar Masoch sem Sade é algo tão difícil quanto libertar o masoquismo da cadeia patológica em que se encontra. É preciso descartar o instituído e pensar como o masoquismo funciona e não o que ele representa. Trata-se aqui de denunciar um híbrido sadomasoquismo como um monstro mal fabricado.

Muito se falou em masoquismo e o colocaram como polaridade do sadismo ou mesmo sua complementaridade. Muito se falou numa entidade sadomasoquista e até hoje se acredita em sua existência.

A entidade sadomasoquista não foi inventada por Freud, já vinha antes, com Krafft-Ebing, Havelock Ellis, Fere. Simplificou-se muito essa relação prazer e dor. Apelou-se para uma cumplicidade em que se complementam.

Será que o sádico gosta tanto de chicotear como de ser chicoteado? É verdade que Severino declara-se sádico no final da *Vênus das Peles*. Será que o reviramento de um no outro acontece no final da experiência? Severino declara-se curado e diz ter se tornado martelo ao invés de bigorna.

Será que de tanto espiar e sofrer, o herói masoquista permite a si mesmo aquilo que as punições deveriam impedir-lhe? Se assim for, os sofrimentos e castigos tornaram possível o exercício do mal que antes era proibido.

Parece que o masoquismo do herói sádico aparece também ao término dos exercícios sádicos, como seu limite extremo. O libertino não teme que lhe façam o que ele faz aos outros. As dores que lhe infligem são prazeres últimos e não porque viriam satisfazer-lhe uma vontade de expiar ou um sentimento de culpa, mas pelo contrário: debaixo da dor, o libertino expia e goza em seu interior por ter ido longe o bastante para merecer ser tratado assim. O sádico não sente vergonha, nem remorso, nem gosto para castigos, tudo isso é estranho para ele.

Há algo que chama a atenção no sadismo e no masoquismo: há uma produção humorística de certo sadismo ao término do masoquismo e uma produção de ironia de certo masoquismo ao término do sadismo. Deleuze assim nos esclarece:

Chamamos sempre ironia o movimento que consiste em ultrapassar a lei para um mais alto princípio, para reconhecer na lei apenas um poder segundo (...). Chamamos humor

não mais o movimento que remonta da lei para um mais alto princípio, mas aquele que desce da lei para as conseqüências.⁶³

Na Vênus, ao ser chicoteado pelo Grego na frente de Wanda, marcando o fim de sua experiência masoquista, Severino diz que a situação é terrivelmente cômica e ele próprio poderia rir se não fosse ao mesmo tempo tão ultrajante. Há certo humor contido, quase um humor negro.

Sade e Masoch representam os dois grandes empreendimentos para uma contestação, uma derrubada da lei. Para Sade a lei é ligada às exigências de conservação e usurpa a verdadeira soberanidade. A lei favorece a manutenção da união das forças fracas. O tirano é sustentado pela união dos fracos. A lei cultiva tiranos e tiranizados. Com efeito, só se é tiranizado pela lei – é pelas suas sombras que se faz o tirano. Sade considera que as paixões do vizinho são infinitamente menos temíveis que a injustiça da lei, pois as paixões desse vizinho são contidas pelo outro, enquanto que nada impede e nada contraria as injustiças da lei. Por isso Sade é a favor da anarquia e das instituições. Já Masoch, derruba a lei pelo excesso de zelo. Ele consegue revirá-la pelo aprofundamento das conseqüências. Ele aplica vigorosamente a lei e consegue o efeito oposto ao que seria normalmente esperado. Se vimos a lei como processo punitivo, Masoch começa por se aplicar a punição e nessa punição sofrida ele encontra paradoxalmente uma razão que o autoriza e até lhe ordena sentir prazer; o prazer que a lei antes proibia.

Não obstante toda proximidade, antagonismo e complementaridade que se possa imaginar é duvidoso que o sadismo do masoquista seja o de Sade e que o masoquismo do sádico seja o de Masoch: “o sadismo do masoquismo se cria a força de expiar. O masoquismo do sadismo na condição de não expiar”.⁶⁴ Deleuze cuidadosamente separou as diferenças que estavam reunidas na falsa determinação da entidade sadomasoquista.⁶⁵ Essas diferenças não só denunciam a dita unidade patológica, mas também restabelecem as singularidades dos procedimentos literários de Sade e Masoch:

⁶³ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p. 94 e 96.

⁶⁴ Ibid., p 43.

⁶⁵ Ibid., p.142-143.

- a) A demonstração e a especulação no sadismo; a imaginação e a dialética e no masoquismo
- b) O negativo e a negação no sadismo; a denegação e a suspensão no masoquismo
- c) A reiteração quantitativa; o suspense qualitativo
- d) O masoquismo próprio do sádico e o sadismo próprio do masoquista: um não se combina com o outro
- e) A inflação do pai e a denegação da mãe no sadismo e a aniquilação do pai no masoquismo e a denegação da mãe
- f) A diferença do sentido do fetiche e do fantasma nos dois casos
- g) Antiestetismo no sadismo e estetismo no masoquismo
- h) A instituição no sadismo e o contrato no masoquismo
- i) Formas diferentes de dessexualização e ressexualização
- j) O superego e identificação no sadismo, o ego e idealização no masoquismo
- k) Resumindo, eis a diferença radical: a apatia sádica e o frio masoquista.

Esses elementos de observação nos dão bases para não criarmos uma pseudo-unidade de opostos que se complementam ou se atraem, como se o sádico e o masoquista devessem se encontrar e seria uma desgraça se assim não fosse. Ou pensar que um gosta de causar sofrimento e o outro padecer.

Cabe uma anedota: Masoquista diz ao sádico: “Por favor, me machuque!” ao que o sádico responde: - “NÃO!”

Um verdadeiro sádico não suportaria uma vítima masoquista. O sádico quer que seus crimes causem lágrimas, mandaria embora alguém que se entregasse voluntariamente.

Mas também um masoquista não quereria um carrasco verdadeiramente sádico. O masoquista quer uma natureza de mulher carrasco, mas que ele deve formar essa natureza, educá-la, persuadi-la de acordo com o seu mais secreto projeto. Tal projeto fracassaria imediatamente com uma sádica.

Wanda Sacher-Masoch se espantava ao ver que Masoch não se interessava por uma amiga dela, sádica.

A mulher carrasco no masoquismo não pode ser sádica porque ela está dentro do masoquismo, porque ela é participante da situação masoquista, é o elemento realizado e formado do fantasma masoquista – ela pertence ao masoquismo. Não queremos dizer com isso que ela tenha os mesmos gostos da vítima, mas porque ela tem esse sadismo que não se encontra nunca no sádico, que é como o duplo do masoquismo, sua reflexão.

O mesmo se dá no sadismo. A vítima não pode ser masoquista. Não porque o sádico libertino se sentiria despeitado se ela tivesse prazeres, mas porque a vítima do sádico pertence inteiramente ao sadismo, é parte integrante da situação, é o duplo do carrasco sádico. Portanto, não convém pensar que a vítima do sádico seja também sádica nem que a mulher carrasco seja masoquista.

Krafft-Ebing diz que a mulher carrasco é sádica ou finge sê-lo, mas cabe discordar. A mulher carrasco pertence ao masoquismo, ela não é o personagem, mas é um puro elemento do masoquismo. Cada pessoa de uma sintomatologia só precisa do “elemento” da mesma sintomatologia e não de uma pessoa com outros sintomas. O sujeito seria a pessoa e o elemento a essência. Cabe dizer que uma pessoa escapa ao seu destino, mas escapa parcialmente, pois mantém papel de elemento na situação: “A mulher carrasco escapa do masoquismo se fazendo masoquizante”.⁶⁶ Ela propicia o masoquismo infligindo elementos que o sustenta. Não no papel da vítima, mas no papel de autora: carrasco e vítima lidam com os mesmos elementos de uma “enfermidade”, num campo de ação comum, mas em posições diferentes. Uma atração vinculante num conluio perverso.

E temos os heróis de Masoch, e também ele próprio, em busca de uma natureza de mulher difícil de encontrar. O masoquista sujeito precisa de certa essência do masoquismo realizada numa natureza de mulher que renuncia ao seu próprio masoquismo.

A psicanálise a princípio (1903) não reconhecia um masoquismo primário, via-o como descendente do sadismo. Após a introdução do conceito da pulsão de morte, Freud anunciou um masoquismo erógeno como sendo primário: Eros neutraliza a destrutividade da pulsão de morte deslocando-a para fora, porém um *quantum* ainda

⁶⁶ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch, O frio e o cruel*, op.cit. p. 46.

permanece no organismo que seria a base para uma estrutura masoquista (Freud 1924). O sadismo então seria sempre secundário.

Deleuze lê o desenvolvimento das teorias de Freud sobre o sadismo e masoquismo, desmembrando-a em três momentos:

- a) Encontro interior - o reviramento das pulsões sadismo-masoquismo ocorreria numa mesma pessoa:

Ahora bien, la propiedad mas llamativa de esta perversión reside en que su forma activa y su forma pasiva habitualmente se encuentran juntas en una misma persona. El que siente placer en producir dolor a outro en una relación sexual es capaz también de gozar con placer del dolor que deriva de unas relaciones sexuales . Um sádico es siempre también al mismo tiempo um masoquista, aunque uno de los dos aspectos de la perversión, el pasivo, el activo, puede haberse desarrollado en él con más fuerza constituir su práctica sexual prevaleciente.⁶⁷

- b) Identidade de experiência - o sádico, enquanto sádico, só poderia ter prazer em causar dores porque teria tido a experiência vivida de uma relação entre o seu prazer e as dores que ele próprio sente. Ainda dentro da primeira teoria - o masoquismo derivava do sadismo anterior, não havia a proposta da pulsão de morte. Podia se reconhecer dois tipos de sadismo: um de pura agressividade que procura somente o triunfo e outro hedonista que só visa o prazer perante a dor do outro. O sádico não teria a idéia de encontrar prazer na dor do outro se não tivesse sentido antes “masoquistamente” a relação de sua dor com seu prazer:

El sadismo consiste en una acción violenta, en una afirmación de poder dirigida a otra persona como objeto.

Este objeto es resignado y sustituido por la persona propia. Com la vuelta hacia la persona propia se ha consumado también la mudanza de la meta pulsional activa en una pasiva.

Se busca de nuevo como objeto una persona ajena, que, a consecuencia de la mudanza sobrevenida en la meta tiene que tomar sobre si el papel de sujeto.⁶⁸

Temos então: sadismo de agressividade -> volta contra si -> experiência masoquista -> sadismo hedonista (por projeção e regressão)

- c) Transformista - neste caso, as pulsões sexuais tanto em suas finalidades quanto nos seus objetos são suscetíveis de passar de uma para outra ou de se transformarem diretamente – volta ao seu contrário, volta a si. Vai em

⁶⁷ Sigmund Freud. *Fragmento de análisis de um caso de histeria (Dora)*, três ensayos de teoria sexual y otras obras. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, v. 7 p.145.

⁶⁸ Sigmund Freud. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras*. Buenos Aires: Amorrortu editores, v. 14, p. 123.

contrariedade a proposta de Freud se pensarmos na sua última teoria das pulsões e o reconhecimento do masoquismo erógeno como sendo primário, resultante da sobra da pulsão destrutiva/agressiva que Eros não deslocou para fora. Mediante o reconhecimento de Eros e tânatos, não há a possibilidade evolutiva das pulsões e ele manterá certo dualismo como que para limitar a possibilidade de transformações entre um grupo e outro de pulsões. Assim um masoquismo não se transforma num sadismo, como também reconhece Deleuze: há de se tomar cuidado porque são coisas diferentes. Assim como o amor não pode ser transformado diretamente em ódio porque dependem de pulsões diferentes. A frase que cairia bem seria: “ninguém se torna perverso, continua-se”.

A unidade sadomasoquista não faz sentido: sádico ou masoquista, cada qual com seu drama, diferente, suficiente, com personagens outros.

A teoria evolucionista neste caso é perigosa. Não se pode encadear tudo numa mesma linha, com resultados próximos, comportamentos complementares. Temos sim, formações irreduzíveis, configurações heterogêneas, dramas com algumas cenas parecidas, mas conteúdos diversos, singulares.

Confundir as formações como uma rede, como uma matéria libidínica, só faria passar de uma expressão à outra. E não é o caso.

É fato que uma mesma pessoa pode sentir prazer nas dores que inflige e naquelas que sofre. É fato que a pessoa que gosta de fazer sofrer sente a relação do prazer com seu próprio sofrimento. Mas não podemos isolar os acontecimentos, não podemos isolar a relação prazer/dor das condições reais em que elas se dão. Seria misturar prazer/dor como uma matéria neutra comum ao sadismo e ao masoquismo e cometeríamos o crime de isolar a relação particular de cada um: “seu prazer-sua própria dor”. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é. O sádico não sente o mesmo prazer que o masoquista quando sofre uma dor e vice versa.

3.2 O Horizonte do Possível

Nos relacionamentos de Masoch não se vê companheirismo, simetria. Temos uma relação de dominação e submissão. Impõem-se uma forma – a forma masoquista, um modo de organização das relações humanas, baseado no sofrimento e na eroticidade, domínio, sujeição, humilhação. Mas isso tudo se torna um jogo quando vemos que na verdade é o masoquista que dita regras, que faz o contrato de como as coisas devem ser e acontecer. Severino falava baixinho no ouvido de Wanda as crueldades que ela deveria dizer e fazer. Ele é o autor do roteiro, diretor das cenas. Autor e intérprete, submisso e dominador. Esses deslocamentos de papéis enriquecem os acontecimentos e é um jogo que Masoch zelosamente faz com prazer.

A angústia no masoquismo não está no recalque da libido, pois ela realiza encontros criativos e prazerosos. Talvez a angústia esteja na percepção da força interior, da pulsão de morte, na ânsia de realização do ideal como um elo que quer ligar-se, mas quando liga, essa ligação é efêmera e novas tentativas são necessárias – porque o ideal é o ideal, não passível de ser alcançado.

O mundo masoquista tem seu valor de produção, é um dispositivo para o novo no sentido de uma possibilidade criativa. Então Masoch inventa cada vez mais, cria formas diferentes, desejando o ideal, combatendo a angústia com entusiasmo. A pulsão de vida investindo em novas tentativas. Investidas de combate ao instituído - indesejável para Masoch.

Essa produção imaginária de um real impossível no momento fica subordinada a um simbólico que será pré-requisito para a produção do novo. O próprio ser se encaminha para a cura, com seus recursos internos, dádivas da própria vida.

Lembramos que o que é verdadeiramente produtivo não são as estruturas já formadas no indivíduo, mas sim os fluxos, os movimentos. Essa é a questão de Masoch. O masoquismo é uma possibilidade de renascimento – um homem novo. O que é um homem novo senão um homem transformado? Uma subjetividade renovada em produção, como consequência de um acontecimento – o masoquismo: “o

tratamento foi cruel, mas radical, e o principal é que estou agora curado” - disse Severino.⁶⁹

A voz imperativa da mulher cruel diz: “você não é um homem, eu te transformo em um!” Ser um homem aqui não significa em absoluto “ser como o pai”, nem ocupar seu lugar. É ao contrário. É suprimir seu lugar e a sua semelhança a fim de permitir que o novo homem advenha. Um novo homem com atributos outros, com outra potência além do gênero masculino. É o declínio da figura paterna, o declínio do papel de homem. Fantasias primitivas terão espaço para irromper com um certo superego configurado a partir de figuras femininas cujo princípio é o da “mãe fálica”. Um superego que é deslocado para a mulher cruel.

A dessexualização é o que permite uma direção outra. É preciso tirar a libido do objeto para investir em outra coisa. Então ele dessexualiza o amor, isto é, não há interesse sexual ou busca do prazer genital, mas sim a busca de um amor severo que eroticamente revestido de poder, poderá transformá-lo. O homem que Masoch busca ser, é um homem transmutado, formatado com valores outros, diferente daquilo que se tem culturalmente como imagem de “homem”, imagem de “pai”. Ele se desidentifica para escapar do anterior, daquilo que é dado. Quer libertar-se do jugo social para elevar-se a alteridade. Ele exorciza a identificação com o velho, com o pai; sofre a dor do gozo quase mortal rumo a outro devir. Quer dar conteúdo singular à sua individuação já que não aceita a inadequação entre o desejo e a empiria vigente no social. Ele renuncia à castração, afirma seus desejos e os vive, mesmo que necessite burlar a lei: “sim, eu já me puni, agora posso gozar”. Assim podemos entender o sintoma masoquista sem aprisioná-lo na patologização, mas pensar num “sem nome do sintoma” para uma positividade do sujeito. O grito de Masoch é uma nova formação de homem, uma nova estética e ele se autoformata para isso. Utiliza-se da virgem, a mãe severa para pô-lo na cruz. A mulher cristã que conduz o homem ao suplício para que possa renascer.

Sim, argumentos dados e insuficientes nos fizeram acreditar que Masoch pode ficar preso a uma forma estrutural simplesmente para dar conta de uma patologização. Mas urge entrarmos com argumentos outros, um *habeas-corpus*, para abrir a

⁶⁹ Sacher-Masoch. *A Vênus das peles*. Ver Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p.300.

possibilidade de pensar que o masoquismo tende mais a um processo, uma prática, possibilidades de um sujeito radicalmente novo, não só as definições sintomatológicas do DSM-IV. Quem sabe o masoquismo não é um laboratório de onde podem surgir os mais incríveis eventos e descobertas? – autênticas invenções, novidades surpreendentes, insólitas, audazes. Um laboratório produtor de anti-sistemas, redemoinhos, turbulências, tempestades que prenunciam uma brecha para a alteridade.

Pode-se pensar que, por vezes, Masoch é confundido com suas obras, seus personagens: vida real ou imaginário se misturando, é bem verdade. Porque é impossível dissociar a realidade da produção literária. A realidade de Masoch, como confirma Wanda (Aurore Rumelin) e o seu secretário Schlichtegroll era tal qual sua produção literária, às vezes com acréscimo de alguma outra invenção, mas não destoava em sua essência. E Deleuze sabiamente observa que a literatura não é representação, nem imaginação ela é também realidade.

O masoquismo infere dinamismo, variância, mobilidade, permanente novidade: a crueldade da mulher carrasco nas mais variadas cenas, a humilhação e submissão de homem-criado em vivências variadas de puras intensidades. Estas intensidades fazem a diferença nas repetições, por isso não é repetição do mesmo. Deleuze, (1968) esclarece que quando a repetição incide sobre a repetição, introduz a diferença. E quando se repete não se espelha uma repetição primeira, mas sim se abre à diferença, que já está na repetição. Esta já tem em si a seleção do que se repetirá.

A desconstrução dos valores imperantes é forte em Masoch, uma vontade de potência. Ele representa uma singularidade sexual e denuncia uma lógica de valores definidos como normais em sexualidade. Ele atua destruindo leis que justificam o império da sexualidade para toda uma hegemonia masculina.

Se pensarmos o masoquismo como uma força, ela estará presente no campo de forças que atravessam as pessoas, que circula em toda e qualquer direção. A força masoquista esta por aí espalhada, interagindo de diferentes formas, em diferentes contextos como algo propriamente humano. Integra nossa realidade e como tal não somos imunes – fluxos de essência masoquista que nos atravessam e que nos deixam prenhes de devires, grávidos. É um campo deslizante, escorregadio e atravessador. O masoquismo é produtor de perturbações, paixões, afetações, angústia, novas

conexões, possibilidades de rompimento com o status quo. O masoquismo descodifica porque seu grito é de libertação, de desconstrução.

A submissão do sujeito o leva a procurar um agente salvador externo – a imagem do pai – de modo que há o afastamento de sua própria potência. Masoch, evidenciando uma patologia do mundo, utiliza-se do laboratório masoquista para retomar sua potência, desterritorializando, diferenciando da produção social comum. Ele não refaz a história, mas acessa suas sensações para fazer diferente, é uma superfície de produção.

Podemos dizer que ele é um estilo, um modo de funcionamento do sujeito, seu movimento, sua velocidade, sua intensidade que permite inventar mundos. O masoquismo expressa sua singularidade única e irrepetível o que não impede que qualquer um o expresse constituindo diferentes trajetórias, sempre experimental e aventureira. É uma força que cada um pode usar como lhe for mais fecunda – o masoquista vive desejando acontecimentos: é produção de mundos.

3.3 Os Papeis Parentais

Sem entrar num inventário de identificações, semelhanças e dessemelhanças do papel de pai e mãe no masoquismo, trilharemos o caminho de expressão do masculino e feminino em Masoch.

Nos fantasmas das três mulheres temos a transferência simbólica do masculino. A mulher incorpora o masculino, ela detém o poder e o falo, sendo o homem dispensável – ao modo como pensava Bachofen em sua primeira teoria do matriarcado.

As cenas de caça nos romances de Masoch também são feitas por mulheres que decidem, que castigam, controlam. Essa é a mulher poderosa, que para Masoch, é capaz de fazer renascer o homem novo. Temos a condensação do homem-mulher na “boa mãe”, que é a mãe oral.

Não podemos incorrer no erro de pensar que existem fantasmas de mães ruins em Masoch, pois mesmo as mães dos extremos – a prostituta/hetera ou a edipiana/sádica são acolhidas pela “boa mãe”. Mesmo quando Masoch prostitui a

mulher – Wanda e o Grego, Wanda e Luis II - não podemos esquecer que aqui a prostituição é delegada para a mulher honesta.

Wanda conta que Masoch a persuadia a arranjar amantes, de responder aos anúncios classificados, de se prostituir por dinheiro. Mas ele justifica assim seu desejo: “é uma coisa maravilhosa encontrar em sua própria e honesta mulher, volúpias que se precisa geralmente ir buscar com as libertinas”.⁷⁰

Toda essa orgia criada por Masoch nada tem a ver com a prostituição no sadismo. Masoch utiliza-se do contrato privado, persuade sua mulher, enquanto boa mãe, a se dar a outros. É como se a “boa mãe” sublimasse as funções das outras mulheres. É deslocada a ordem simbólica que é dada ao homem e passa para a mulher. Ela detém a lei, uma nova condição na qual o masoquista se exprime. O universo masoquista é do feminino fálico.

Masoch denega a falta do pênis na mulher e denega o pai – o pai não é nada. No entanto, há constantemente um terceiro nas relações de Masoch. Na Vênus, temos a entrada do Grego para formar o triângulo. E Masoch tece dois olhares na figura do Grego: um olhar andrógino, o grego é efeminado e bonito como uma mulher: “em Paris foi visto no início vestido de mulher e os homens enviavam lhe cartas de amor”. O outro olhar se desdobra para a virilidade do Grego: “ele toma o chicote e bate em Severino fazendo seu encanto supra-sensual evaporar-se como uma fumaça”. E é a partir deste acontecimento que Severino diz tornar-se sádico. O que temos aí? Podemos inferir que embora o pai estivesse anulado dentro da ordem real ou vivida, ele não foi abolido simbolicamente, apenas denegado.

A imagem do pai se produz neste momento, retorna, mas só chega por intermédio da mulher-carrasco que é também, a boa mãe.

Para se proteger da volta deste pai, o masoquista se utiliza do contrato como uma segurança. O contrato que ele fez com a mulher, que num momento preciso e por tempo determinado, confere a ela todos os direitos.

Quem é surrado e humilhado e ridicularizada é a imagem do pai, a semelhança do pai. Não é uma criança, é um pai que é espancado.⁷¹

⁷⁰ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p.68.

⁷¹ Ibid., op.cit., p. 72.

O masoquista se torna livre através de um novo nascimento em que o pai não tem papel algum. A surra foi o último elemento-recurso para expulsá-lo do reino masoquista.

Mas se é o pai que é anulado, porque a presença do grego, essa ânsia do terceiro? Seria simplificar demais o confronto e a reafirmação da anulação do pai e por isso a presença do terceiro. Devemos ir além, para o que é mais caro a Masoch: o feminino. Feminilizado, o terceiro reúne elementos diversos, ele ainda indica o desdobramento da mulher. Sabemos que o masoquista quer que a mãe oral arranque da mãe prostituta as suas funções. E também da mãe edipiana ele quer as funções sádicas, ou seja, o castigo. E além de tudo isso, a mãe oral deve confrontar o terceiro.

O terceiro só é convocado para ser neutralizado. O terceiro é o elemento que faltava no ritual para se dar o renascimento do homem novo.

A aventura com Luis II é um bom exemplo. Quando Masoch recebe as cartas de Anatole, ele espera que seja uma mulher, mas já tem um plano caso seja homem: introduzirá Wanda na história e com a cumplicidade do terceiro ele fará com que Wanda cumpra as funções de prostituta e sádica, mas a fará cumprir enquanto boa mãe.

3.4 A Transgressão da Lei

A escravidão pede um pacto formal, burocrático, conforme leis e regras estabelecidas pelas partes. Mas o masoquista só em aparência é preso por algemas. Na verdade, ele só é preso por palavras.

“A ironia e o humor formam essencialmente o pensamento da lei”⁷², diz Deleuze. A ironia é um jogo de pensamento que funda a lei num bem superior, num princípio mais alto a fim de reconhecê-la como um poder segundo. O sujeito fica para além de seus enunciados. Enunciar uma lei de maneira irônica significa mostrar que seu enunciador não está lá onde seu dizer aponta. Esse recurso a um lugar transcendente seria uma maneira de evidenciar que se segue um princípio para além da lei que se

⁷² Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch, o frio e o cruel*. Op.cit., p. 89.

enuncia. É essa a relação que Sade tem com a lei moral por isso dizemos que ele tem como base a ironia.

Já o humor de Masoch, segundo Deleuze, não é o movimento que ascende da lei a um princípio mais alto, mas sim um movimento que desce da lei em direção às conseqüências. Masoch revira humoristicamente a lei porque se aprofunda em suas conseqüências – ele se pune antes de sentir prazer. O ritual masoquista tem o efeito oposto do que é esperado normalmente: as chicotadas, longe de punir, provocam a ereção, é a sua garantia.

Masoch renuncia à moralidade sexual da época, segunda metade do século XIX e pratica o que é proibido, não aceita - transgredir. Entendemos transgressão como afirmação de produção, a positividade do excesso. Uma transgressão criadora baseada na afirmação da diferença aos valores vigentes. Se vimos a lei como processo punitivo, o masoquista se pune e nessa punição ele encontra a autorização que lhe possibilita sentir prazer, onde a lei supostamente proibia. Aí consiste o humor masoquista. A mesma lei que proíbe a realização do desejo, que recalca sob a pena de punição, é agora a lei que primeiro pune e depois autoriza. O humor seria como um jogo do pensamento em direção a um melhor infinitamente mais justo como um meio de subverter a lei, torcê-la.

A lei depende do princípio do bem. Se os homens soubessem o que é o bem ou soubesse se conformar a ele não precisaria da lei. Desta forma ela é o representante do bem num mundo no qual ele pouco se faz presente. Pensando nas conseqüências, obedecer as leis é o melhor, sendo o melhor a imagem do bem.

Há muita ironia na formulação das leis para um bem absoluto e há humor neste melhor relativo necessário para nos persuadir a obedecer. O humor permite torcer a lei por meio do aprofundamento de suas conseqüências. Não há aí nenhum princípio de significação para além da lei moral, mas os efeitos da lei são invertidos devido à possibilidade de torções: a mais estrita aplicação da lei tem o efeito oposto ao que normalmente esperávamos.

A noção de lei não se sustenta por si mesma, exceto pela força que ela precisa de um ideal mais alto e uma derradeira conseqüência.

Kant, segundo Deleuze (1983), na *Crítica da Razão Prática*, diz que a lei não depende mais do bem, porém ao contrario, o bem depende da lei. Ela agora se funda em si mesma e não num princípio superior. A lei age sem ser conhecida. Ela define um domínio de erros onde somos desde já culpados, já transgredimos sem saber. Como o Édipo, como os divinos mandamentos, como em Kafka.

E a culpabilidade e o castigo nem mesmo nos fazem conhecer o que é a lei, mas deixam-na nessa indeterminação, que corresponde como tal à extrema precisão do castigo.

Longe de nos sentirmos mais justos nos submetendo a lei, esta se comporta tanto mais severamente e manifesta uma desconfiança tanto maior quanto um sujeito for mais virtuoso: “toma-se a lei ao pé da letra e não se contesta seu caráter último ou primeiro”⁷³.

Há um rigor de consciência moral nos seres melhores e mais dóceis. E Freud já dizia, no texto o mal estar da civilização, que não é a renúncia às pulsões que deriva da consciência moral, mas sim a consciência moral que nasce da renúncia. Quanto mais a renúncia é forte e rigorosa, mais forte é a consciência moral. A lei não se preocupa com a felicidade do sujeito e nem sequer é questionado se é possível obedecer. Os que obedecem são os fracos, como tão bem disse Nietzsche, que são separados daquilo que podem.

Não obstante, a existência da inclinação para a vida instintual que detectamos em nós e supomos que está presente nos outros, perturba o modo de viver civilizado. Arrumamos subterfúgios para driblar a lei. Não dá para amar o próximo como a nós mesmos. Não dá para ser só racional. O coração pulsa e bombeia o sangue cheio de desejos que as leis querem interditar.

A lei se empenha em impedir os excessos humanos, mas não é capaz de deitar sua mão sobre as manifestações naturais da agressividade e da sexualidade. Superficialmente acha-se que o homem é capaz de tudo que lhe é exigido, que o ego dispõe de um domínio sobre o Id. Trata-se de um equívoco.

Parece que a lei nos adverte que quanto mais difícil é obedecer mais virtuoso o sujeito será. Quem segue a lei só se coloca em desvantagem frente à pessoa que com

⁷³ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p. 77.

consciência e responsabilidade a despreza. Obedecer a lei é uma falsa aparência de autonomia, manifestação da moralidade escrava. No sentido positivo que tratamos aqui, a idéia é contrapor uma transgressão negativa fundada na renegação da lei e da ordem para uma transgressão criadora de novos valores. Assim é a transgressão em Masoch: baseado na afirmação da diferença.

Quem obedece de modo geral as leis, se encontra em desvantagem pelo fato de que o desejo volta sobre si mesmo, enfraquece e mutila o poder. Mina a vontade de potência a qual se expressaria pelo desejo afirmativo, baseado na abertura para a alteridade.

A obediência não costuma ser característica dos homens de ação, nem pensadores originais, nem revolucionários. A submissão é a aliada dos homens fracos, bem comportados, homens que se perdem na multidão, que seguem com má vontade seus caminhos. É o escravo, diz Nietzsche. Ele tem sua importância, sabemos. É preciso ter aqueles que tenham a força da obediência para que a força do comando possa se manifestar. A força ativa não nega a outra, mas se afirma.

Porém, lembremos, Masoch só é escravo no papel. Ele interpreta esse papel porque lhe dá prazer. Não é escravo da lei - ele cria a sua lei transgredindo a lei maior. Não se deixa dominar pelas normas sociais vigentes.

A existência da lei abre brechas para desvios e perversões que se seguem pelas sombras. E é assim que Masoch ataca a lei pelo outro lado e dribla. Ele primeiro se castiga para depois se deleitar em seus desejos. A perversão é uma forma de desvio em relação a um padrão de comportamento e, sobretudo é uma maneira de distorcer a lei moral da qual o próprio perverso reconhece a existência.

Não estamos aqui contestando a finalidade da lei e nem sua importância, mas criticando que ela é egoísta, pensa na satisfação dela própria e não de quem se alia e a respeita. A lei reserva para si os prazeres que nos são interditados. Então, ao transgredir a lei podemos provar um pouco dos prazeres que ela egoisticamente se apropria. A lei poderia assim dizer: - "estou satisfeita, realizaram meus desejos". Porém, aquele que realiza os desejos da lei, abre mão dos seus próprios. Aí consiste o humor masoquista. A mesma lei que proíbe a realização do desejo, que recalca sob a pena de punição, é agora a lei que primeiro pune e depois libera.

Theodor Reik diz que o masoquismo não é prazer na dor, nem mesmo na punição. No máximo, o masoquista encontra na dor e na punição um prazer preliminar para depois encontrar seu verdadeiro prazer, naquilo que a aplicação da punição torna possível⁷⁴. Se for só a busca da dor, caberia o termo *algolagnia* que se restringe ao anseio pela dor.

O masoquista deve sentir a punição antes de sentir o prazer. Temos aí uma causalidade que não deve ser confundida: não é o sofrimento que causa prazer, mas é a condição previa indispensável para a vinda do prazer. Há inversão do conteúdo: “você não deve fazer isso” por “você deve fazer isso”.

Podemos compreender o masoquismo como uma paródia da passividade simulada e isto facilita o desdobramento do desejo com a lei. O superego dá lugar ao id. O que estava interditado pela lei, pela moral introjetada agora é liberado para ser vivido. O próprio desejo se opõe a ética tradicional, desdobra-se. O desejo torna-se lei. O id ganha corpo e emerge golpeando as resistências da moralidade. Ele sai da escuridão, provoca perturbação, conclama desordem e passagem. O pacto edipiano é rompido, o desejo sobrepõe-se à lei subvertida. Ela só se faz valer através da punição, humoristicamente abre caminho para o gozo, a realização do desejo.

Podemos pensar que a negatividade do desejo é uma doença cultural sustentada pela sociedade, cuja lei proibitiva vem com uma força moral imperativa, onde o resultado é o desejo que se volta sobre si. Masoch então positiva a lei do desejo e não o desejo da lei: *dá-se o desejo produtivo*. Forças que representam corrente de vida, interesses e desejos, prazeres e pensamentos são liberadas da prisão: “Observa-se que o masoquista é com o todo mundo, que encontra seu prazer ali onde os outros encontram, mas que simplesmente uma dor prévia, ou uma punição, uma humilhação, serve para ele como condição indispensável à obtenção de prazer”⁷⁵.

Vale lembrar que o prazer de Masoch não é de alívio. É um prazer na tensão, no desejo parcialmente realizado. Por isso o sofrimento que nunca acaba. Disto temos novos sentidos para “prazer”: ele não é somente atingido pelo desvio do sofrimento. O prazer para o masoquista é diferente: *o prazer que deve ser postergado ao máximo porque o advento da descarga, da realização do desejo, interrompe o seu processo*

⁷⁴ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. op.cit., p. 97.

⁷⁵ Ibid., op.cit., p. 77.

continuo de desejo positivo. Com isso fica claro que o desejo não se alivia no prazer, mas também no prazer obtido para calar num momento, o desejo. O essencial é o suspense e a plenitude. Obter prazer aqui, seria uma maneira de interrompê-lo, trata-se de livrar-se do prazer-descarga, uma renúncia ao prazer que alivia. E assim, cultivar sua postergação, seu distanciamento ao infinito como se ao desejo nada mais faltasse e ele pudesse se preencher a si próprio.

3.5 O Contrato

O contrato masoquista enfatiza o consentimento da vítima, a concordância e reciprocidade de deveres; um tempo determinado, acordos e combinados, direitos que conferem à mulher retirar do sujeito tudo - até o nome, a honra, a vida. Deveres que conferem ao homem assisti-la eroticamente conforme sua fantasia.

O contrato, na *Vênus das Peles*, muda o nome de Severino para Gregório. Wanda compra uniforme, dá-lhe alimentação e estadia de escravo. O contrato estabelece a lei cruel de maltratar, de restringir os direitos da vítima, que é a parte instigadora de tudo isso. É dado o poder simbólico da lei à mãe. Pelo contrato a aplicação da lei paterna é colocada nas mãos da mãe. Mas esta transferência é singularmente eficaz – é a lei inteira que muda e agora ordena aquilo que se admitia que ela proibía. É a culpabilidade que torna inocente aquilo que ela fazia expiar; é a punição que torna permitido aquilo que se admitia que ela sancionava.

A culpa vivida no masoquista não é em relação ao pai, mas à semelhança que se tem dele, é o pai interno. É o pai dentro do filho que é culpado e não o filho em relação ao pai.

Wanda propõe a Severino que viagem para Florença e que ele a acompanhe trajado de criado, tendo um novo nome escolhido por ela: Gregório.

É neste contexto que o contrato acontece. Severino diz:

Sinceramente quero ser teu escravo; quero que teu poder sobre mim esteja assegurado pela lei, que minha vida esteja em tuas mãos, que nada me proteja ou me defenda contra ti. Que prazer quando souber que dependo de teu capricho, de teu gesto, de teus gostos!

Que delícia, se fores tão graciosa a ponto de permitir alguma vez ao teu escravo beijar os lábios de que depende sua sentença de vida ou de morte!⁷⁶

Neste contrato ele se compromete ser escravo de Wanda pelo tempo que ela determinar. Ele será castigado, aviltado, espancado, ridicularizado. Terá todos os deveres e ela por sua vez, todos os direitos. Ela poderá se servir dele quando desejar e também se envolver com outros homens, caso queira. Poderá entregar Severino para que seus amantes cometam atrocidades com ele. A única obrigação de Wanda é vestir-se de peles quando estiver na companhia do escravo. O contrato masoquiano:

Senhor Severino Von Kusiemski cessa a partir deste dia de ser o noivo da senhora Wanda von Dunajew e renuncia a todos os seus direitos de amante, obrigando-se, com sua palavra de homem e de honra a ser, para o futuro, o escravo daquela senhora, e isto até que ela própria lhe conceda de volta a liberdade.

Como escravo da senhora von Dunajew, ele usará o nome de Gregório, deverá satisfazer todos os desejos da sua ama, obedecer cada ordem sua, submeter-se a ela e considerar qualquer favor que porventura receba como uma graça extraordinária.

A senhora von Dunajew pode, não apenas castigar o seu escravo por qualquer negligência ou qualquer falta, mas lhe assiste também o direito de maltratá-lo por capricho ou até mesmo somente para se distrair, podendo inclusive matá-lo, se lhe der vontade. Ele se torna em suma, sua propriedade.

Se a senhora von Dunajew conceder um dia a liberdade a seu escravo, o senhor Severino von Kusiemski deverá esquecer tudo que viveu ou sofreu enquanto escravo, e nunca pensar, sob nenhum pretexto e de forma alguma, em qualquer vingança ou represália.

Por sua parte, a senhora von Dunajew promete em tanto que ama, mostrar-se tão frequentemente quanto possível vestida de peles, sobretudo quando for cruel para com seu escravo.⁷⁷

A data era computada abaixo do texto.

Além do contrato Wanda ordena que Severino assine um documento em que ele declara a intenção de se matar. O documento seria usado como justificativa de sua morte, caso ela quisesse assassiná-lo. Suas linhas traçavam seu trágico fim: “cansado há anos da existência e das suas decepções, pus voluntariamente fim em minha vida inútil”.⁷⁸

É importante observar que Masoch renuncia a qualquer tipo de retaliação ou vingança futura. Ou seja, ele desde o princípio garante as consequências de seus desejos, sem culpabilizar o outro, como se dissesse: “-Não se preocupe, o que farás é de minha inteira responsabilidade – o que sofrerei é porque eu assim quis”.

⁷⁶ Sacher-Masoch. *A Vênus das peles*. Ver: Gilles Deleuze, *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p. 210.

⁷⁷ Ibid., p. 240-241

⁷⁸ Ibid., p. 241.

E será que não é dessa forma que o sofrimento vem a nós? Nós mesmos provocamos? No entanto, por vezes, é mais fácil aceitar que o outro seja o responsável.

No contrato masoquista ocorre a expulsão da figura paterna e vai para a mãe o cuidado de fazer valer a lei. Por isso essa mãe é severa e cruel. Mas se o pai é a figura que interdita o incesto agora este está livre para acontecer. A mãe que castra é a mãe que é a condição do incesto. Esse deslocamento é que possibilita o devir masoquiano: o nascimento de um novo homem, onde o pai não tem nenhum papel. Mas o que significa tornar-se outro homem? Certamente não é fazer como o pai, nem tomar seu lugar. Tornar-se um homem significa renascer da mulher, um segundo nascimento partenogenético.

O masoquista denega por três vezes: denega que à mulher falta um pênis, denega o pai, denega a genitalidade porque seu prazer está em renascer – “Eis o homem na cruz, sem amor sexual, sem propriedade, sem pátria, sem briga, sem trabalho”⁷⁹.

Arriscamos a pensar que a figura da vítima que forma o carrasco utiliza-se do contrato como um asseguramento da dignidade de ambos a fim de sustentar uma encenação limitada no tempo e no espaço. Esse ideal possibilita poder gozar parodicamente do papel da heteronomia e da submissão.

Um ato supremo de humor, eis o contrato masoquista. Ao mesmo tempo realiza e nega a lei em suas expectativas iniciais de performance. A simulação da servidão pode ser a significação da autonomia.

Se lembrarmos do motivo freudiano de subordinação da “autonomia” da lei moral à experiência de culpabilidade vinda da pressão sádica do superego contra o eu, tudo então se passa como se a faticidade da lei moral fosse indissociável de uma experiência de culpabilidade. Apareceria, inclusive, como saldo de processos de socialização do desejo sexual nas sociedades modernas dependentes do mecanismo de repressão.

No entanto, Masoch torna possível pensar numa obsolescência da culpabilidade enquanto saldo das experiências de socialização e de internalização da lei moral. É

⁷⁹ Gilles Deleuze. *Apresentação e Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p 109.

possível uma flexibilização da lei, mais que isso, é possível burlar a lei pela lógica da paródia.

Deleuze assim nos esclarece: o masoquismo permite a anulação da culpabilidade por meio da parodização da lei. Movimento de subversão da lei. Temos então que a culpabilidade vinda da pressão sádica do superego repressivo seria encenada de maneira paródica mediante a externalização do superego na figura da dominadora, a czarina, a mulher despótica.

É por isso, voltamos a dizer, que Deleuze fala que quem é humilhado no masoquismo pela figura feminina é aquilo que no sujeito moldou-se à semelhança da identificação paterna, é aquilo que no sujeito assemelha-se a imagem do pai. Ou seja, ao invés da repressão do superego paterno como resultado da internalização da identificação paterna, teríamos no masoquismo sua destruição, cujo instrumento é o contrato.

CAPÍTULO IV

4.1 Sob o Céu de Tânatos⁸⁰

“Duas almas, oh! Habitam em meu peito
e cada qual esta ávida por abandonar sua irmã”.
Goethe, Fausto, prólogo.

Simplificar as coisas e ter um entendimento racional dos acontecimentos é um caminho rápido para perder sua riqueza e amplitude. Além de toda explicação tem-se um além ou aquém. Reduzir seria cair no terreno da representação, do que é dado e passivamente aceito.

Muito se diz que um sujeito pode participar de uma sexualidade sádica e em certas ocasiões ser também, masoquista. Aí devemos abrir os ouvidos: quando duas histórias são dadas temos entre elas uma lacuna que as separa, porém, impulsivamente tendemos a construir algo que as una. No entanto, esse preenchimento nem sempre forma uma história única do mesmo grau: dão-se então, os equívocos. Vale lembrar que no domínio das ditas “anormalidades” as lacunas pertencem a cada perturbação. É procurando compreender a estrutura que elas delimitam, sobretudo em se preservando de preenchê-las, que se pode evitar as ilusões dos transformismos e então progredir na análise de tal e qual perturbação.

Seguindo esse caminho, temos que a passagem do masoquismo para o sadismo não se dá como simples transformação e troca de posição. Como se bastasse sair de um lugar e ir para outro conforme alguma estratégia articulada para obtenção de prazer.

Não devemos nos enganar segundo as aparências. A constituição e a dinâmica psíquica desses dois casos são profundamente diferentes. O masoquista molda a mulher carrasco. Sadismo este, que é construído segundo os preceitos masoquistas. A construção é feita pelo arquiteto masoquista e será segundo sua essência e plano. Nesse terreno há supra-sensualidade, eroticidade, crueldade e frieza, humilhação e sofrimentos, em tonalidades próprias.

⁸⁰ Este título refere-se à prevalência de tânatos no masoquismo. Sabemos que as pulsões eros e tânatos se apresentam juntas. Contudo, geralmente uma sobressai mais que a outra, constituindo a dinâmica psíquica particular a cada caso.

O arquiteto sádico, e mesmo sua vítima, constitui um território de apatia, ironia, negatividade pura. Atmosfera diferente do território masoquista.

Se pensarmos em termos de dualidade, eros e tânatos, temos que o masoquismo, como qualquer estado psíquico, representa certa combinação dessas duas pulsões: de vida e de morte.

Como vimos no *Capítulo III*, há nuances qualitativas que não possibilitam a passagem de uma pulsão em outra. Primeiro porque não há transformação direta entre pulsões distintas. Segundo porque é necessário um processo de dessexualização e ressexualização das pulsões para ir de um estado a outro. Elas se desinvestem de sua propriedade para depois investir novamente. Elas se recombinaem em certas quantidades, de libido (eros) ou de tânatos. Uma pode neutralizar, em proporções a outra, ou se deslocam rumo a outros destinos que lhes são sintônicos. Geralmente, ocorre o predomínio maior de uma delas. No caso do masoquismo a voz mais alta é de tânatos: a pulsão agressiva deslocada do eu para o objeto e depois retorna deste para eu: a mulher carrasco orientada por Masoch lhe inflige castigos, punições, violência, maus-tratos, desenhando a vítima masoquista: “Sofro cada dia um pouco mais; e ela não faz outra coisa senão sorrir”.⁸¹

Pensar o masoquismo através dos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte é uma forma útil para entendermos a funcionalidade econômica do psiquismo.

No texto *Além do Princípio de Prazer* (Freud, 1920) há toda uma explicação de que os eventos mentais são colocados em movimento por uma tensão desagradável – aumento de tensão – e a partir daí tomam uma direção onde seu resultado final coincide com uma redução da tensão – evitação do desprazer. Assim, o princípio de prazer seria como um guardião da vida mental, cuidando para que o nível de excitação não ultrapasse um limiar. Esse cuidado na “não ultrapassagem” seria para que um *quantum* de energia esteja disponível para as ações no mundo externo. Por experiência sabemos o quanto de energia gastamos com conflitos mentais. Às vezes a disposição para as atividades do cotidiano e para novos pensamentos são confiscadas: “vivi até agora como pinteiro e fiz versos, ou seja, nunca fui além da primeira demão de tinta, do

⁸¹ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p.175.

plano, do primeiro ato e da primeira estrofe. Existem certos homens que começam uma coisa e nunca a acabam: sou desses.”⁸²

Há prazeres na vida psíquica assim como há dores. Há energias ligadas e energias não ligadas – afetos desvinculados de suas representações. Mas é só a ligação que possibilita a excitação ser amansada e direcionada a sua descarga. Sem a atividade de ligação não é possível o prazer como princípio – o princípio de prazer é destronado.

Então, incorreto seria dizer que o princípio de prazer domina a vida mental. O que existe é uma forte tendência no sentido desse princípio. Uma tendência no sentido de um objetivo não significa que o mesmo seja atingido, pode ter apenas aproximações. “O princípio de prazer reina sobre tudo, mas não governa tudo.”⁸³

E quando as energias estão desligadas, quando a tensão psíquica esta em alta, quando o desprazer e a excitação falam mais alto: estamos sob o domínio de tânatos. Sua constelação é o caos, a dor, e excitação forte, as moléculas descontroladas e enlouquecidas, um poço sem fundo beirando o abismo, o escuro, a perdição: “(...) olho-a com espanto e de novo esse pânico indescritível se apodera de mim e vou embora”⁸⁴.

A própria natureza clama a presença de eros na medida em que for possível sua participação. É preciso apaziguar um pouco, fazer ligações, a ligação energética da excitação para acalmar a energia alucinada, as moléculas perturbadas. “É preciso certo acolhimento para tanta excitação para que não se chegue à loucura.” Meu amor é uma espécie de demência. O pensamento de perdê-la ou de que realmente fique perdida para mim, me atormenta dia e noite.”⁸⁵

Masoch escolhe sempre um mesmo objeto (a mulher cruel) para se relacionar e vive sofrimentos variados. A repetição o faz atuar: acting-out. A pulsão de morte colocada a serviço da pulsão de vida na tentativa de fazer ligação e aliviar a tensão, enquanto não se consegue, repete-se. Como uma máquina desejante, desejando..

⁸² Sacher-Masoch. *A Vênus das Peles*. Ver Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch, o frio e cruel*, op.cit., p.159

⁸³ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p. 121.

⁸⁴ Ibid., p. 164.

⁸⁵ Ibid., p. 180.

4.1.1 Dor e Prazer no *Bis Repetita*

A repetição, podemos dizer, é independente do princípio de prazer e traz à tona experiências aflitivas para o sujeito. Ela irrompe como algo mais primitivo para ser elaborado, como uma força demoníaca em ação cuja tendência é a perpétua recorrência.

Não obstante, não há contradição propriamente dita entre *repetição* e *princípio de prazer*. Porque se há situações que desagradam uma instância, por exemplo, o ego, as mesmas situações podem agradar o id e vice versa.

As vivências de repetição são tentativas de eros e tânatos: repetição que enlaça, repetição que não consegue enlaçar ou fazer ligações. Em alguns momentos parece que a repetição é uma única força, ora demoníaca e ora salutar. Em outros momentos parece que há o mais puro dualismo entre eros e tânatos como naturezas diferentes, construção e destruição, morte e vida. E às vezes, a diferença entre as duas pulsões é vista como qualitativa em termos de ritmo, intensidade, amplitude.

Contudo, apesar da aparente polaridade entre pulsão de morte e pulsão de vida, eros e tânatos são parceiros indispensáveis na realização da vida; são processos que não cabem numa lógica identitária. O que um destrói o outro ajuda a construir – ora um é protagonista ora é coadjuvante. Há conflitos envolvendo em maior proporção eros onde tânatos precisa intervir.

Deleuze enriquece o conceito de repetição freudiana dizendo que além de tentar fazer ligações para alívio de tensão e elaboração, repete-se também em função de um prazer antes obtido ou a se obter. Coloca a repetição como aliada ao princípio de prazer. Nesse sentido, o princípio de prazer nunca seria destronado, mesmo diante da mais grave perturbação, nem derrubado pelas resignações que lhe são impostas pela vida. “A vida se encontraria sempre preenchida pelo princípio de prazer e suas combinações.”⁸⁶ Diante de toda morte sempre haveria uma direção à vida.⁸⁷

⁸⁶ Gilles Deleuze, *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op. cit., p. 126

⁸⁷ Há evolução no pensamento de Deleuze no que se refere à pulsão de morte. No *Anti-Édipo*, juntamente com Guattari, temos a negação da teoria freudiana da dualidade pulsional: a pulsão de morte limitaria a libido, bloquearia o desejo. A morte, no *Anti-Édipo*, seria um dos elementos, em meio a infinitos outros, da máquina desejante. A dualidade tópica freudiana seria, então, contrária à posição de Deleuze e Guattari que enfatizam a existência de inúmeras pulsões que funcionariam maquinicamente.

Mas para além da perturbação neurótica, para além da sublimação há ainda uma via possível nas relações entre eros e tânatos? Via esta que não diga respeito à funcionalidade do ego e superego, mas sim à cisão do id e ego? Uma possibilidade nesse pensamento é a perversão. E disso vamos falar porque assim é visto o masoquismo.

Diz-se que a perversão é o negativo da neurose porque ela se contrapõe justamente devido a ausência de recalcamto. Mas se não há recalcamto, há recusa da realidade, mecanismos que se aproximam da psicose. Podemos pensar numa manifestação bruta da sexualidade infantil no masoquismo, se consideramos que a sexualidade adulta seria a satisfação pelas vias genitais. Há satisfação nas preliminares, há satisfação nas pulsões parciais, na erogeneidade do corpo, mas a pulsão sexual, no masoquismo, não vai direto à satisfação nas vias genitais.

Aí temos a dessexualização e esta se produz mais claramente que na neurose e na sublimação. Ela age com uma frieza incomparável. Entretanto se acompanha de uma ressexualização que opera sob bases diferentes, como vimos acima, nada a ver com a genitalidade. É nesse sentido que a frieza e o gelo são elementos essenciais na estrutura perversa. É como se houvesse um controle do prazer que não deve ser satisfeito inteiramente, mas em parte. O parcialmente é a satisfação. A força da ressexualização perversa é tanto mais forte e extensa quanto a frieza da dessexualização tiver sido intensa.

O vínculo misterioso e polémico do masoquismo não está em sua vinculação com a dor; esta é apenas um efeito. O mistério reina alhures. O mistério esta justamente no processo de dessexualização. O que o masoquista procura não é a dor propriamente dita, mas sim um renascimento sem uma sexualização. Por isso neutraliza e desloca a energia libidinal – dessexualiza: a libido é deslocada para o ego e confunde-se com o processo de idealização. Em termos da teoria deleuziana de desejo, dir-se-ia que o masoquismo mantém a intensidade desejosa por meio de operações que suspendam a explosão prazerosa.

Também vale acrescentar os esclarecimentos que Luiz B. L. Orlandi, no texto *Pulsão e Campo Problemático* (1999), traz sobre Deleuze no que se refere a distinção entre “Instinto” e “Pulsão”. Os instintos seriam os princípios em sua transcendentalidade: Eros como fundamento do princípio de prazer e tânatos o sem-fundo donde eros emerge, ou seja, eles não são dados na experiência. As pulsões seriam representantes diretos de eros e representantes indiretos de tânatos, sempre misturados no Id. Desta forma as pulsões eróticas e destrutivas seriam resultantes das combinações destes dois instintos.

Temos então, que o prazer conjuntamente com a dor do masoquista vem com a ressexualização: encontros e desencontros de pulsões e mesclas pulsionais. Eros e tânatos constituindo experiências, processos de intensidade e potência eruptiva - coexcitações onde a excitação sexual acompanha as produções do psiquismo, inclusive a dor.

Diante disso, temos que a dor no masoquismo não tem um sentido sexual, mas representa, pelo contrario, a dessexualização. Essa dessexualização chama à repetição e torna-a autônoma, e tenta neutralizá-la para melhor ressexualizar. Dessexualiza-se eros para ressexualizar tânatos.

A própria repetição das experiências de sofrimento e dor, vistas como um objetivo a ser alcançado. "E temos aí o prazer na repetição - um salto in loco".⁸⁸ As moléculas furiosas se manifestam. O masoquista encontra seu prazer na sua própria dor e o sádico na dor do outro. Essa dor que é uma condição para o prazer:

Amar ser amado, que felicidade! No entanto, como todo esse resplendor é suave comparado à felicidade cheia de tormentos que sente quando se adora uma mulher que faz do homem seu brinquedo, tornando-se este o escravo de uma criatura tirânica, que pisa impiedosamente. Sansão também, esse herói, esse gigante, entregou-se de novo nas mãos de Dalila que, entretanto já o havia traído e mais uma vez ela o trai; os filisteus apoderam-se dele diante de Dalila e furam-lhe os olhos que, até o derradeiro instante, cheios de coragem e de amor, permaneceram ligados à bela traidora.⁸⁹

E Nietzsche já dizia que se o sofrimento e até mesmo a dor tem um sentido, é preciso que ele dê prazer a alguém. A partir disso temos três hipóteses bastante interessantes: se a dor existe e é cultivada: ou ela dá prazer aos deuses, ou ela dá prazer a quem inflige ou para aquele que sofre. Há uma tendência psicótica em todas se pensarmos na quebra da realidade da vida. Mas analisaremos particularmente a estrutura perversa onde o princípio de prazer, estranhamente, também tem o seu poder. O vínculo do masoquista com a dor é subordinado ao que Deleuze chama de reiteração: a dor só é valorizada com relação às formas de repetição que condicionam seu uso. A vida se reiterando para se recuperar de sua queda.

Quanto mistério há na repetição, nesse bis onde nada nunca é igual: "nunca se entra de novo num mesmo rio". A repetição se tornou independente de qualquer prazer.

⁸⁸ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. op.cit., p. 127.

⁸⁹ Sacher-Masoch. *A Vênus das Peles*. Ver Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch; o frio e o cruel*. op.cit., p.162

Ela própria se tornou idéia, um ideal. E foi o prazer que se tornou conduta para com a repetição - é ele que a segue. Foi feito o *salto in loco* no masoquismo. Entre a repetição e o princípio de prazer dá-se uma briga amigável e pensamos que a repetição venceria, mas é o princípio de prazer que mantém a palavra. O prazer é aparentemente deixado de lado, denegado, renunciado, mas apenas para melhor ser reencontrado, ou como recompensa ou como resultado.

Há um poder na vida psíquica que conforme suas metas, agressivas ou destrutivas, são derivadas da pulsão de morte. A pulsão de morte, quando tenta desfundir-se da pulsão de vida, podemos observá-la em estado quase puro nos quadros de melancolia. É verdade que quando falamos de pulsão de morte colocamos em cheque o governo do princípio de prazer, mas podemos pensar também que o princípio de prazer pode estar a serviço da pulsão de morte. Na última teoria psicanalítica do masoquismo, a pulsão de morte é deslocada para fora, ou seja, a agressividade expulsa do organismo para o mundo externo a fim de preservar a vida. Mas dá-se que um tanto de tânatos fica no organismo. Ocorre a fusão das duas pulsões onde cada uma poderá se sobressair conforme sua proporção maior, dependendo da tendência do próprio organismo, cuja revelação se dá na vida do próprio sujeito. Mas ainda assim o sujeito não é as pulsões, mas é em grande parte criado por elas. É através da experiência que o sujeito se cria, ainda que já esteja lá. Temos então que tudo é a combinação das duas pulsões.

E tal como uma folha solta na tempestade o homem fica a mercê de suas paixões. Pode se posicionar ou não contra essa besta desenfreada - a pulsão - que se agita por trás de sua máscara civilizada. É neste sentido que as idéias de Masoch devem ser incluídas, a liberação das pulsões, do id, para que as articulações que as vinculam possam ser postas a descoberto e para que não se confunda o que é radicalmente novo com o simples prolongamento do anterior.

É certo que o erotismo, a imaginação, a criação, já se encontravam na cultura, mas o novo em Masoch é uma tematização constante, e mais que isto é a posição central que nele ocupa a problemática do masculino e feminino, o papel do homem e da mulher.

Essa promoção do desejo, do novo homem liberto dos valores sexuais vigentes faz o conjunto da obra de Masoch e sua vida surgir sob uma nova luz – sob a sombra de tãatos, que trabalha silenciosamente, mas que faz ouvir sua voz no clamor da vida que Masoch convoca. Uma vida que constitui história.

4.2 A Mordida da Maçã

Sabemos que o ego masoquista só é esmagado em aparência. Sua fragilidade é meramente superficial, a fraqueza do ego é uma estratégia masoquista para esculpir a mulher carrasco no ponto ideal de sua função. Se falta algo ao masoquista é o superego.⁹⁰ E não absolutamente o ego. O superego, podemos dizer, falta simbolicamente, pois foi projetado no exterior tomando a forma da mulher carrasco, servindo assim ao ego.

O que moraliza o superego é a interioridade e a complementaridade de um ego sobre o qual ele exerce seu rigor – o componente materno é o guardião dessa complementaridade. Ele guarda então seu poder de julgar e sancionar. Quanto mais ele guarda esse poder mais se torna derrisório. Ele não é negado, mas denegado. E denegado pode atuar melhor, disfarçadamente.

A mulher cruel representa o superego para torná-lo também objeto de golpes e espancamento. Essa é a cumplicidade da imagem da mãe e do ego contra a semelhança do pai. A semelhança do pai é a sexualidade genital e o superego é o agente de repressão – a sexualidade genital é esvaziada com o superego. Eis que se dá aí o humor. Nada a ver com a ironia, mas o humor pelo humor é o triunfo do ego sobre o superego; “vê, o que quer que você faça você já está morto, você só existe em estado de caricatura e quando a mulher que me bate o representa, é você ainda que é batido em mim...eu o denego⁹¹, já que você mesmo se nega⁹²”.

Afirmando sua autonomia na dor, o ego triunfa. Dá-se seu nascimento partenogenético no fim das dores, já que estas são vividas afetando o superego. As interdições do superego possibilitam o prazer proibido, autoriza o masoquista a morder

⁹⁰ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p. 131.

⁹¹ Termo usado por Deleuze, conforme explicação na citação da página 52, nota 54: *denegação* como contestação da realidade. Não negação, mas suspensão daquilo que não se quer lidar num dado momento.

⁹² Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p. 133.

a maçã no éden mesmo sem a tentação da serpente. O humor é o resultado de um ego triunfante – se ri porque se pode rir. É a arte decorrente do desvio ou da denegação do superego com todas as suas conseqüências masoquistas. Daí poderia superficialmente imaginar um pseudosadismo por causa dessa satisfação do ego em sobressair ao superego: - sim, eu fiz aquilo que você não queria – o narcisismo triunfou.

Sim, o masoquismo vai da denegação ao suspense. A denegação libera o superego da pressão e o suspense possibilita a encarnação do ideal. No suspense vai acontecendo a produção.

Importante é o papel da denegação, ela transfere a posse do falo para a mãe oral e o suspense produz a nova qualificação do ego. O ideal do renascimento a partir do falo materno.

A denegação tira a voz do superego e confia à mãe o poder de fazer nascer um novo ego, o ego ideal, autônomo, independente.

A denegação da castração tem aí um papel importantíssimo. É através do fetiche que é possível dizer “não à mãe não falta o falo”: daí deriva todas as outras figuras - a anulação do pai e a retratação da sexualidade.

Denegar e suspender pertencem à essência da imaginação e a conduzem ao ideal como sua função particular. Daí a denegação ser o processo de dessexualização propriamente masoquista.

O masoquismo conta uma história. Uma história de como o superego foi destruído, quem o destruiu e o que sobrou dessa destruição. O superego longe de triunfar, agoniza. Eis a história masoquista: era uma vez três mulheres... Entre elas há um incrível combate de vida e morte. Entre doçuras e amarguras, o troféu da vitória é dado à mãe oral. O corolário desse prêmio é o nascimento de um novo homem... É isso que Masoch quer - ele produz o que ama e ama o que produz.

O masoquista rejeita a semelhança do pai, rejeita a sua sexualidade proveniente dessa herança. Recusa a imagem do pai como autoridade repressiva. Ele opõe ao superego a aliança contratual com a mãe oral. A mãe oral também detém a imagem da morte, com seu frio, para que através da morte haja o segundo nascimento, partenogênese, donde o ego sai livre de superego e de sexualidade. O ego narcísico

contempla o ego ideal no espelho materno da morte. O ego narcísico goza deste desdobramento: ele se ressexualiza, na medida da dessexualização do ego ideal.

No ego ideal há o processo de dessexualização que possibilita a liberação do superego com a semelhança do pai. No ego narcísico ocorre a ressexualização que lhe dá precisamente os prazeres que o superego proíbe.

4.3 Genialidade Perversa

Masoch é genial quando, junto a toda infelicidade e sofrimento que ele cria, e frente toda espera, temos humor, irrompe comicidade.

Quando Kafka lia o manuscrito do *Processo* para seus amigos, todos estouravam de rir. Os amigos de Masoch poderiam ter feito a mesma coisa. O cômico aparece nos momentos dramáticos.

Quando Gregório iria tomar o trem para Florença, eis sua frase: - “uma passagem de terceira classe!”- disse com furor cômico. E a situação era engraçada. Ele tinha que correr, a cada parada, até o vagão de primeira classe onde estava Wanda, cercada de galantes cavalheiros:

- “Eu morro de ciúmes e preciso dar saltos de antílope cada vez que tenho que lhe levar o que deseja e não perder o trem”.

E mesmo quando chega o grego para chicotear Gregório, Wanda grita:

- “Vamos, meta-lhe o chicote!”

Gregório pensa:

“Imediatamente fico perturbado sem dizer uma palavra. A situação é assustadora, cômica; eu mesmo poderia rir dela se não fosse ao mesmo tempo tão desesperadamente lastimável e ultrajante para mim”.⁹³

A comédia começa no rebaixamento voluntário de um homem diante de uma mulher. É com humor que entendemos o final da *Vênus*: arrependido Severino decidiu definitivamente não ser mais joguete nas mãos das mulheres.

Mas o que Masoch traz da mulher neste texto?

⁹³ Sacher-Masoch. *A Vênus das Peles*. Ver Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher-Masoch; o frio e o cruel*, op.cit., p.295.

Pensamos ser a reflexão sobre a emancipação da mulher. Ele assim o diz:

A posição da mulher no estado, no casamento, se tornará bem diferente no dia em que a mulher não tiver mais necessidade do homem para mantê-la, no dia em que ela puder prover às necessidades próprias e de seus filhos. Observem como em todo lugar em que essa tendência à independência existe, a liberdade aumenta, o número sempre crescente de artistas, músicos e principalmente escritores e médicos do sexo feminino prova que estamos à beira de uma revolução social da qual só poderemos entrever as últimas conseqüências.⁹⁴

Por que essa originalidade? Ele foi marcado pela herança do séc. XVIII, austríaco e francês. Libertinagem e racionalismo andavam juntos. Depois vem sua formação universitária em história e filosofia. Ele deu grande importância às ciências naturais que constituíram, junto com a história, o coração da ciência moderna.

Seu imaginário sexual é totalmente escravizado, por isso em seus romances e novelas a mulher é dominadora, a amazona armada, imagem comum na Galícia.

Por muito tempo Masoch rondou a porta do mistério da sexualidade e do inconsciente, mas é Freud que na geração seguinte encontra as chaves para abri-lo. É importante colocarmos Masoch em seu lugar de merecimento, entre os grandes escritores da Europa central.

É oportuno lembrarmos que as fantasias, desejos, em grande parte são perversos por natureza e isso não depende de estrutura perversa, psicótica ou neurótica. Não estaríamos sendo justos se dissemos que nunca tivemos pensamentos perversos. Injusto também seria dizer que todo perverso atua porque nem todo perverso atua e alguns ditos neuróticos não se impede de fazê-lo.

Pensamos que o sujeito se cala sobre as fantasias, fica cheio de vergonha e precaução, se previne de seus desejos, inibe-os, limita-os. Socialmente não é permitido que a fantasia, principalmente erótica, passe da cena privada para a pública. Há a silenciosa censura social que incute vergonha, medo, precauções, pecados, coisas da ordem da impureza, devassidão, etc., dada essa situação, soterra-se os desejos. Nesse sentido, Masoch provoca o moralismo sexual, nos convidando a desenterrar os desejos e perceber que eles são múltiplos e assim podem acontecer de várias maneiras. Quer dizer, não é preciso ficar preso às formas restritas e dadas como único

⁹⁴ Sacher-Masoch. *A mulher divorciada, história da paixão de idealista*. Trechos desse romance também foram publicados pelo *New York Belletristisches Journal*, de 12 de março a 30 de abril de 1869. Ver Bernard Michel, op.cit., p. 229.

meio de viver o desejo. Não é preciso aprisioná-lo, mas deixá-lo escarpar. Isto não significa ser inconseqüente. Masoch demonstra uma liberdade de vivência ética, estética, política e autônoma do desejo. E isso ele nos mostra através de suas vivências próprias, do seu jeito de ser, através de sua escrita e da criação de suas histórias.

Apelo ao irracional e ao instinto, todo o ciclo do *Legado de Caim* mostra uma ordem aberrante do mundo, sem lógica. Os personagens de Sacher- Masoch tentam, pelo instinto e pela busca de um ideal irracional, impor ao mundo sua própria ordem, modelada por seus desejos. Se quase todos são destinados ao sofrimento e fracasso é porque a natureza é má em seu princípio.

A multiplicidade do eu? Masoch nunca acreditou, desde a infância, na unidade do eu. Wanda em, a *Vênus das Peles*, é ao mesmo tempo impiedosa, dominadora, mas também amorosa, incapaz de desempenhar o seu terrível papel.

Poucos escritores dão importância às máscaras, aos travestis, às falsas identidades, a quebra de tabus. Masoch declara:

Desde o início de minha carreira, digo-lhe entre outras coisas: estou convencido de que o romancista tem uma tarefa mais elevada do que a de narrar contos e divertir o público. Não me parece suficiente que explicasse seus heróis psicologicamente ou, segundo a moda atual, fisiologicamente. O autor, além disso, esta é a tarefa a cumprir, a de explicar seus heróis, antes de mais nada, saídos da natureza que os produziu e da época, das condições históricas nas quais eles viveram.⁹⁵

Leopold von Sacher-Masoch é moderno porque é barroco. Aí se explica sua violência, seu poder, sua indiferença para os limites. Por isso ele choca. Toda arte barroca ignora limites do bom gosto e do decoro.

⁹⁵ Prefácio de *Chos vécues, Reveu bleue*, 1888, p. 144. Ver Bernard Michel, op.cit., p.383.

CAPÍTULO V

5.1 A Herança de Caim

José Saramago, em seu livro *Caim*, redime o protagonista do assassinato de seu irmão, Abel. Aponta deus como autor intelectual do crime ao desprezar o sacrifício que Caim havia lhe oferecido.

Caim é punido e mal quisto por deus e seu pai, Adão. É banido de suas terras e condenado a viver bem longe. Acusado secularmente de cometer o primeiro crime da história da humanidade e de ser o patrono das baixezas e fraquezas humanas, Caim por outro lado evidencia sua potência, ele faz valer sua força desafiando deus e mostrando sua alteridade: não é bonzinho, nem piedoso, nem obediente.

Mas por que deus favorece Abel? Parece não haver justiça nessa relação. Cada irmão deu o melhor do que produziu. Caim não pode oferecer ovelhas porque sua vocação era lavrar a terra. Deus prefere a ovelha ao milho. Talvez se deus fosse vegetariano tivesse dado preferência à oferenda de Caim.

Caim rompe com deus e com o pai. A semelhança e a obediência ao pai são abolidas. Talvez aí a simpatia de Masoch por Caim – o rompimento com o instituído, a libertação das amarras da obediência. E por isso a homenagem a esse personagem histórico, o primeiro transgressor das leis divinas e familiares. Eis então, a reverência de Masoch: *O Legado de Caim*.

Outro personagem caro a Masoch: Cristo. Cristo diz: “Pai, por que me abandonaste?” Não foi o pai que esteve presente na vida de Cristo e sim a mãe. É a mãe que põe o filho na cruz – a contribuição masoquista para o fantasma mariano, a versão masoquista de que deus está morto. E assim como Eva, Maria assegura ao filho um renascimento, um segundo nascimento partenogenético. Novamente diremos, não é o filho que morre, é deus-pai, a semelhança do pai no filho.

Sim, em Caim também há um novo nascimento. Ao abandonar sua família, suas terras e deus, ele se transforma num outro homem e para isso foi preciso que Abel morresse. E Caim teve filhos. Novas famílias surgiram em outro lugar, que se

dedicaram e viveram de forma diferente de seus pais. A arte e ofícios foi o trabalho predominante.

Caim criminoso, herói ou justiceiro pré-histórico? O primeiro a dizer “não”, tanto a deus quanto as imbecilidades familiares? Não seria Caim um exemplo de originalidade ao dizer: “- não abaixo minha cabeça para as coisas que não fazem sentido e para obediências tolas?” Sustenta, assim, sua alteridade.

Outra coincidência, Caim é também o preferido da mãe. Eva saudou seu nascimento com gritos de alegria, mas não teve alegria por Abel, o pastor ao lado do pai. O preferido da mãe foi até o crime para romper a aliança do pai com o outro filho: “ele matou a semelhança do pai, e fez Eva deusa-mãe”⁹⁶. Caim não é caro a Masoch apenas pelos tormentos que sofre ou pela perturbação de sua alma, mas já pelo crime que comete. Seu crime não testemunha um crime sádico. Seu crime pertence inteiramente ao mundo masoquista, pelo projeto que o sustenta, a fidelidade ao mundo materno que o inspira, a eleição da mãe oral, a exclusão do pai, o humor, a provocação.

Mas por que essas dores e tanto sofrimento em Masoch? Por que essa expiação como condição para o segundo nascimento? A enormidade do castigo de Caim, o peso do sofrimento da humanidade em suas costas, o suplício de Cristo... O que significa esse tema constante nas obras de Masoch? - “Tu não és um homem, eu faço de ti um homem”! A crueldade e o sofrimento como possibilidade de transformação e de morte do velho para que o novo apareça. O que Masoch quer é ser um homem diferente daquilo que conhecemos e que a cultura construiu. Seu grito é de Liberdade. Ele não quer repetir papéis, quer realizar-se de outra forma. O caminho para essa transformação é confiado à mãe oral. Ela detém o poder da trindade que transforma: É fria-maternal-severa; gélida-sentimental-cruel. Maria leva o Cristo à cruz e Eva é cúmplice em assassinato - nem por isso elas amam menos seus filhos. Elas são para Masoch, mulheres promotoras de renascimento.

⁹⁶ Gilles Deleuze. *Apresentação de Sacher- Masoch: o frio e o cruel*, op.cit., p.104

5.2 Cristianismo e Masoquismo

Na ocasião em que o papa João Paulo II foi ferido em 1981, por um tiro disparado em meio à multidão, ele deu posteriormente uma entrevista dizendo que via seus próprios sofrimentos como uma oferenda à igreja e ao mundo, dando a entender que outros se beneficiariam com sua dor. Crenças da cultura judaico-cristã, propriamente mais cristã que judaica. Pois foi Jesus, transformado em Cristo que trouxe o exemplo da dor e do sofrimento como necessários ao homem, para sua evolução e felicidade. A religião católica é a que tem maior número de adeptos amansados com o chicote do medo, do pecado, da rendição. No antigo evangelho temos Jó, como a figura que padece de todos os sofrimentos e que depois é agraciado por deus, como recompensa.

Mas, podemos dizer, o cristianismo é uma grande fonte do masoquismo em nossa cultura pelo fato de Jesus ter sofrido na cruz para salvar a humanidade e com isso parece que devemos nossa humanidade a ele. Muitos cristãos tentam suportar os mesmos sofrimentos acreditando que assim também conseguirão a salvação e irão para junto de deus-pai.

A salvação só é possível para os que sofrem, assim prega a igreja. Estes sofredores são dignos de um mundo melhor: desde que maltratam a pecaminosa carne, privem-se de prazeres, suportem a humilhação, infortúnios e desgraças. Nada mais que renunciar, a não ser a condição humana, pois precisamos abdicar de nossos desejos e liberdade para seguir leis e mandamentos divinos.

Os mulçumanos, pelo sofrimento e respeito ao Alcorão, terão setenta virgens esperando por eles no céu para que possam desfrutar o êxtase e os prazeres que não foram possíveis na terra. São muitas recompensas e felicidades cujo sofrimento é o pagamento, a passagem e a entrada para a ilha da fantasia – o reino de deus.

Freud já dizia que a religião é uma bengala para aqueles que ainda não conseguem andar sozinhos. É a necessidade de uma figura de poder, deus-pai, alguém que possa direcionar, dar as regras e as leis do certo e errado, qual uma criança pequena que necessita que alguém lhe diga o que fazer e como agir.

Nietzsche fala do cristianismo como a religião da compaixão, da moral escrava que rebaixa o potencial do homem, sua energia vital, porque apregoa valores baixos, reativos, negativos, inculcando o sentimento de culpa e o menosprezo pela vida - a má consciência. Isso tem um efeito pânico-depressivo. Perde-se a força quando se compadece, quando se culpa, quando se diz não à vida. O que é virtude para os cristãos é fraqueza para Nietzsche.

A bem-aventurança, a penitência, o pecado, a salvação – essas inocentes retóricas são uma tendência hostil à vida. Podemos arriscar a dizer que é o masoquismo como prática social que sustenta a fantasia de que é preciso sofrer para ser digno de felicidade. O sofrimento humano irrompe por vedação dos instintos e desejos, ressentimento por não poder ter uma reação e somente ficar na vingança imaginária que envenena o sangue e apequena o ser.

O masoquismo brotou em nossa cultura porque achou terreno fértil e tal como erva daninha prolifera por todos os lados em que encontra uma brecha.

Parece que já nascemos numa existência subterrânea. Parece que a cultura precisa de sangue e de martírio. Parece que nosso sistema nervoso foi hipnotizado por idéias fixas de sofrimento.

O que Masoch faz é evidenciar esse sofrimento, torná-lo conhecido, percebido, consciente. É certo que ele se utiliza da imagem da mulher, mas não devemos nos restringir a isso: cada um utiliza a imagem que lhe convém, sob o signo do masoquismo. Este sofrimento que jaz pelos quatro cantos do mundo é romanceado e apresentado, tornado público, denunciado, porque faz parte da nossa história, faz parte de nossa cultura. Ele configura-se como um assédio moral ao indivíduo e o convence que é natural suportá-lo na vida - eis a naturalização feita pela cultura. Atem-se a ele quem quiser! Há os que se contentam em viver de forma padronizada, porém há os que anseiam viver de outra forma, que não a dada, como experimentações, não só biológicas, mas políticas. É certo que haverá censuras e repressões, mas aos que se atrevem, fica o desafio de lidar com isso. O homem normatizado já está quase destruído, mas nada acontece. A cultura, o instituído, os padrões são quase uma ineficácia gritante.

E porque estamos falando de Masoch e da cultura padronizada? Falamos disso porque Masoch, entre muitos outros escritores e filósofos, nos possibilita a libertação desse discurso padronizado, dessa maneira instituída de viver. Ele contribui na desconstrução das representações porque rompe com a prisão social/cultural. Sua vida e obra trazem elementos que privilegiam a idéia da diferença para instalar novos ângulos e perspectivas do real.

Considerando os três tipos de masoquismo, o erógeno é a base dos outros dois: o feminino e o moral:

Volvamos al masoquismo. Se ofrece a nuestra observación em três figuras: como uma condición a la que se sujeta la excitación sexual, como uma expresión de la natureza feminina y como uma norma de la conducta em la vida (behavior). De acuerdo com ello, es posible distinguir um masoquismo erógeno, uno feminino y uno moral.⁹⁷

O masoquismo feminino está relacionado à castração, a ser copulado, ser torturado, espancado, aviltado, amarrado, sujado. O masoquismo moral já não tem vínculo com a sexualidade. Todos os outros sofrimentos masoquistas levam consigo a condição de que emanem da pessoa amada e sejam tolerados à ordem da pessoa. No masoquismo moral essa restrição foi abandonada.⁹⁸ O próprio sofrimento é o que importa; ser ele decretado por alguém que é amado ou por alguém que é indiferente não tem importância. Pode mesmo ser causado por poderes impessoais ou pelas circunstâncias. O verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe.

Mas qual seria a origem do masoquismo sob o ponto de vista biológico? Ele é uma tendência do organismo conforme a sua constituição desde a mais tenra idade. A história de cada um deixou marcas afinadas ou não, com mais ou menos tendências masoquistas. Conforme a constituição do indivíduo, ele funcionará num determinado ritmo, numa determina qualidade e intensidade. Tais características podem favorecer ou não determinados graus de afetação masoquista.

Quais são as vivências que o sujeito comumente pode ter que são de certa forma masoquista? Um bom exemplo é a própria supressão dos instintos, dos desejos capturados pela sociedade capitalista que desnuda a particularidade de cada um para

⁹⁷ Sigmund Freud. *El yo y El ello y otras obras*. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 19, p. 167.

⁹⁸ Ibid., p. 183.

introjetar o que é geral, o que é da moda, o que promove lucro e sustenta sua hegemonia e isso produz sofrimento.

A igreja católica, cúmplice do capitalismo, faz a sua parte em amansar as almas rebeldes, inculcando medo e provendo castigos para quem não obedecer, prevendo o mal para os que não se curvarem diante de seus pressupostos.

O homem, cuja cultura embotou grande parte do pensamento crítico e criativo, não se dá conta das artimanhas sociais que lhe capturam a subjetividade e vitalidade. Com isso sofre por calar-se e aprendeu a conviver com este sofrimento que se tornou normal. Frases que ora ou outra escutamos comicamente relatam: “tá tudo tão bom que acho que logo alguma coisa ruim vai acontecer”. A felicidade foi declarada estar num outro mundo e cegamente acreditou-se nisso. E Nietzsche já dizia que não há amor suficientemente aqui na terra para ainda quisermos pensar, em coisas de outro mundo.

Nils Bejerot, psicólogo e criminólogo, ajudou na negociação do longo seqüestro de Estocolmo, onde as vítimas ficaram seis dias presas sob imensa tensão e mesmo assim depois defendiam seus algozes sequestradores. Estudando esse comportamento de se acostumar com o sofrimento e achá-lo normal - até defender o algoz - Nils denominou tal comportamento como síndrome de Estocolmo.⁹⁹

Na história da bela e a fera, a bonita mocinha é feita prisioneira por uma fera e acaba tendo carinho e depois se apaixonando.

A filha de Silvio Santos, Patrícia Abravanel, ao falar de seus seqüestradores após ser libertada, referia-se a eles com afeto.

No filme Jogos Mortais, a jovem ex-drogada Amanda após concluir as provas que o assassino Jigsaw lhe impôs, este se tornou simpático a ela, conquistando sua admiração. No episódio III ela começa a trabalhar para ele, ajudando-o nas torturas e matanças.

Tais casos são provocantes ao pensamento. Trazem à tona uma dinâmica diferente de relacionamento, um certo gozo no sofrimento e identificação com o “carrasco”. E com isso, inculcando raízes em surdina, o masoquismo se dissemina como água que entra em qualquer brecha e ocupa espaço que lhe é afim.

⁹⁹ Caso em que as vítimas defendem e gostam de seus carrascos.

5.3 Kafka e Masoch

Deleuze no texto *Reapresentação de Masoch*, em nota de rodapé, aponta para a relação entre Masoch e Kafka. Segundo ele, na *Metamorfose*, o herói Gregor Samsa remete ao apelido que Severino adota na *Vênus das Peles*, quando na Itália se torna escravo: Gregor ou Gregório. Quanto a Samsa, poderia ser SAcher-MASoch? Um anagrama? Uma homenagem de Kafka a Masoch? Assim como Makart renunciou na pintura seu admirador Klimt, Masoch precederia os escritores Hofmannsthal, Schnitzler, Musil e Kafka.

Os problemas das minorias são trabalhados pelos dois autores bem como os temas: animais, monstruosidades, fetichismo, luta pelo poder, esvaziamento dos personagens pelo frio e pelo gelo, ruptura de padrões, intercâmbio com o Fora, despersonalização. Permeia uma coloração comum nas obras dos dois autores embora cada qual tenha seu estilo e tipo.

Há uma relação particular de síntese ou de análise. Síntese porque algo vai ser produzido sobre tal modo singular. Análise porque aquilo que é produzido já faz parte da produção de suas essências, já estava compreendida neles. Daí decorrem muitas passagens, divisões e subproduções dos fluxos que os atravessam. São obras que resultam de intensidades; são povoadas por fluxos. Somente intensidades circulam e elas mesmas se distribuem também num espaço intensivo. O campo social em questão é o desejo e o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer insistência exterior. Mas lembremos que no masoquismo o sofrimento serve como um meio para construir esse campo.

Cada vez que o desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência é porque há rondando um polvo devorador exorcista: a cultura. Mas os autores citados evidenciam certa imunidade à cultura exorcista. Ela é especialista em exorcizar criatividade, pelo que sabemos, mas alguns já adquiriram anticorpos. Alhos e crucifixos, crenças e medos, acusações e indiferenças, marginalidade declarada... Há pessoas que não se afetam mais com discursos sociais e religiosos conclamados.

Bem, Kafka também inventa uma nova língua na língua. Ele traz à luz novas potências, leva a delirar, comunica com o Fora, assim como Masoch. Eles fogem do

padrão rumo a novos ares. Conhecemos tanto Kafka como Masoch “entre as palavras”, “acima das palavras”, “além das palavras”, por isso uma nova língua. Quando lemos suas obras, arrastamo-nos como vermes, tateamos como cegos, corremos como loucos, viajamos no pensamento, fugimos para o deserto. Nesse deserto dormimos, lutamos e relutamos, descobrimos a felicidade arrasadora e a queda fabulosa.

Kafka e Masoch dizem:

- Não, não encontre seu eu. Vá mais longe, encontre seu desejo. Denunciem, falem, libertem - se!

Kafka também é erótico para transgredir. Sai do comum para conexões com o inimaginável por isso dissolve formas, despersionaliza os personagens, a identidade pessoal. Ressaltamos que o erótico acontece através de um plano cuja intenção é dissolver formas.

A maneira como concebemos o erotismo aqui, é que ele jamais deve se constituir num fim, num ponto de chegada, mas deve se constituir na condição para que as formas e as relações sejam desfeitas. O objetivo último dos planos dos autores eróticos em questão nunca esteve em fazer erotismo por fazer, mas sempre esteve em diluir os papéis prontos e para isso é preciso um plano que seja capaz de assim proceder.

Deleuze (1983), na *Apresentação de Sacher-Masoch* diz que Sade e Masoch não são autores pornográficos, mas sim pornólogos porque os seus planos ultrapassam a função descritiva da linguagem obscena.

Pensamos que Kafka também se encaixa aí: se o erotismo fosse um fim e não uma condição não seria preciso um plano, bastaria uma linguagem obscena por si só. Eles elevam o erotismo para uma função superior. O erotismo para eles é um procedimento: um modo de proceder para diluir formas em função da indeterminação.

Tanto Kafka como Masoch se utilizavam de cartas dirigidas às mulheres cuja escrita era disparadora de fluxos que mexiam com a circulação sanguínea: suspense, descrição dos desejos, acordos, sensualidade, queixas, pedidos, desabafos da alma. Assim como Masoch convence Wanda a se transformar na mulher carrasco, Kafka convence Felícia a escrever pelo menos duas cartas destinadas a ele, por dia. Parece que seu objetivo com as cartas é evitar a aproximação pessoal, que poderia

desencadear uma relação conjugal entre eles. Ao que sabemos, Kafka desistiu do casamento com Felícia em cima da hora. Não queria viver a mesmidade do casamento.

Kafka e Masoch investem num desinvestimento, a pulsão de morte predomina. Há tentativa de impedir relações estabelecidas de família, desconstrução de vínculos, rompimento com os padrões sociais. A pulsão de morte desconstrói para que algo novo possa nascer. E Masoch assim falava: em toda parte a morte contribui para uma nova criação.

Diante disso, o que Masoch e Kafka desejam e fazem: fazem morrer o velho, as relações estabelecidas de família e da conjugalidade. Kafka por um pacto diabólico, Masoch por um contrato masoquista. Diabólico porque despedaça o pacto com deus, feito de marido e mulher; masoquista porque o homem precisar apanhar para ver o velho papel de pai ser pervertido e subjugado por uma mulher. Assim renascerá o novo homem.

No livro *Metamorfose*, Gregor Samsa é um atestado de falência e perda, vitimizado pela rotina asfixiante de um trabalho sem graça, ao qual se agarrava para sustentar a família. Acaba morrendo como um inseto. Sacrificou-se pelos outros e morreu sem viver. Sua doação de si mesmo não foi reconhecida. Morreu abandonado por todos. Foi varrido da existência pela vassoura da indiferença.

A leitura do *Processo* perturba o leitor, estimula o pensamento sobre a vida, a relação da vulnerabilidade humana ante o destino e poder. O *Processo* instiga a pergunta: qual a condição moral e ética do homem envolvido nas tramas dos valores normais e nas leis que caracteriza a sociedade moderna? Jogo sutil de simbolismo, Masoch e Kafka revelam a hipocrisia da cultura e da sociedade. Eles condenam a patologia da “normalidade” e a existência normal.

Josef K. é acusado e processado pelo Tribunal, jamais soube o porquê, não podia se defender, nem pagar a sua dívida, senão com a própria pele. Ante a ferocidade do tribunal, como um polvo cheio de tentáculos, ele engolfa o sujeito, o imobiliza, o deixa sem ação, submisso ao sistema. Uma servidão abjeta, canina, que ele tenta recusar mais não consegue. No final é morto à faca, como um animal que foi para o abate. Morte aviltante, como se a vergonha devesse sobreviver a ele, a

degradação da honra por toda a eternidade. Masoch está aqui, nas entrelinhas de Kafka - a submissão a um poder maior, a crueldade desse poder.

Obviamente as histórias são diferentes, mas um teor muito parecido as permeiam. É um fantasma que exhibe a autoridade do anônimo, flagelando o sujeito. Como um pai totêmico, imaginário que castiga. É a lei, é o papel de pai na psicanálise que barra e castra o sujeito. Leis que barram e minam a vitalidade, sufocam desejos, apequenam o ser.

Os dois autores denunciam essa lei que sufoca e mata. Em Masoch, a lei é representada pela mulher cruel que tem a força para destituir o pai do seu lugar. Ele cria uma nova lei, é a mulher que manda e direciona. Ela mesma que outrora era a dominada e subjugada. Em Kafka, quem seria o verdadeiro acusado no processo senão o pai daquele que escreve? É como se Kafka dissesse ao pai: “não mereces ocupar a função de representante da lei, és um impostor, usurpador, incapaz de legitimar a própria posição que sustenta. O tribunal do processo é esse pai gozador, onipotente, cruel que coloca Josef K. como submisso, um nada, subjugado, posição masoquista.

O grito de Masoch é libertação, ele quer ser um homem novo. O grito de Kafka é a denúncia. Ele escancara a brutalidade do poder, a ignorância do sistema. Traça uma alegoria da burocracia, do capitalismo, da decadência. E tais gritos ecoam as doenças e o diagnóstico do mundo, os males de que sofre a humanidade. Gritos apocalípticos. Autores para experimentarmos, sem interpretações, sem modelos hermenêuticos pré-definidos, sem preconceitos. Obras para serem degustadas a fim de alimentar e inflar as potências de cada um, exceder a alma e o ambiente.

Autores com tal gabarito nos estimulam “a substituir a anamnese pelo esquecimento; a interpretação pela experimentação.”¹⁰⁰

¹⁰⁰ Gilles Deleuze, Felix Guattari, *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, v. 3, p. 11



*O escritor envelhecendo na casa de Lindheim, em sua mesa de trabalho.
(Fot., L. de Vylder, col. Sra. Saturnus).¹⁰¹*

¹⁰¹ Foto retirada do livro de Bernard Michel, p. 216.

Epílogo

Não pretendemos aqui qualquer forma de conclusão, apenas algumas considerações sobre nosso encontro com Sacher-Masoch e o Masoquismo.

Iniciaremos por onde tudo começou: da classificação do masoquismo como perversão.

Pensamos que o ato de nomear um comportamento pode ser visto como uma forma reativa, uma espécie de conduta para domar e limitar o sujeito: "você é doente". Isso nos lembra a comparação que Deleuze fez do psicanalista com o padre. Condenar um sujeito a uma doença ou a um rótulo se aproxima a condenar um sujeito por seus pecados. Ambos serão discriminados socialmente e restringidos a uma vida condenada com todas as implicações que tal incisão implica: - olha lá o masoquista! – aquele é sádico! – Ela é prostituta! Ele é gay! Etc. Desta forma, o sujeito e sua potencialidade são minguados e o que se vê, é tão somente sua rotulação. Ou seja, enclausuramos o sujeito dentro de um rótulo, o condenamos a morte mesmo estando vivo, porque tudo que vier dele será ressonância de sua "doença" ou "problema" e não caberá na referência do padrão do que se considera "sadio".

Nesse sentido, é interessante observar que Masoch não se deixou afetar em sua produção e autonomia perante a atitude de Krafft-Ebing quando o catalogou "masoquista". Mas ao falarmos disso, algumas circunstâncias devem ser levadas em consideração: Masoch não foi procurar um médico porque percebia em si algum problema, ele vivia do jeito que lhe convinha viver e pelo que sabemos, através de sua biografia e mesmo em seus romances, em nenhum momento ele mostrou desagrado, insatisfação com seu jeito de ser, ou algum tipo de incômodo. Pelo contrário, a cada paixão que vivia com toda sua criatividade e intensidade, tornava-se mais entusiasmado. Então, seu diagnóstico foi dado à distância, de forma que ele não se sentiu intimidado com o peso monstruoso do imperativo em seus ouvidos: "você é um perverso". Mas, devemos dizer, ele teve que arcar com o peso da maldição que seu comportamento, sexualmente indisciplinado, o fez pagar por vir à tona, por emergir a público, como anormalidade e doença. Esse pagamento a que nos referimos é a marginalidade, o não reconhecimento pela sociedade de sua produção: Masoch foi caindo cada vez mais no esquecimento.

Assim temos que a detecção patológica “rotulante”, advinda de uma atitude interpretativa, põe por terra a compreensão de uma diferença, de um jeito outro de ser e viver que poderia refletir-se em novas possibilidades de vida dentro de um sistema já saturado.

A contribuição de Deleuze nesse sentido consistiu em trazer a crítica literária para o domínio da clínica. E pensamos que foi devido a essa atitude que pudemos ver Masoch com outro olhar: mais que um doente ou um médico, um artista e pensador.

Se hoje é possível um debate sobre o masoquismo, tirando-o dos clichês da cultura, é porque saímos da clínica tradicional e recomeçamos tudo novamente: a partir da literatura, como fez Deleuze, abrindo nosso leque de compreensão.

Ao restituir o valor artístico em Masoch e enxergar seu comportamento apenas como diferente do padronizado, podemos apreciar sua produção e reconhecer seu valor e, antes de tudo, ao revisitar seus pensamentos acerca do homem e do mundo, podemos ouvir o que ele tem a dizer. E percebemos que, dirigido por sua sensibilidade, Masoch diagnostica os desejos, as fraquezas, as forças vitais no homem, tal como um médico da civilização, diria Nietzsche.

Vale dizer: mais do que revelar uma perversão, pensamos que Masoch nos descreve a subjetividade masoquista, expondo sem pudor os seus sintomas. Sintomas que antes de serem agrupados numa nosologia, são na verdade, motor de criação e produção, singularidades de uma individualidade.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregório. *Introdução a esquizoanálise*. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Felix Guattari, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch, o frio e o cruel*. Trad. br. de Jorge Bastos, Rio de Janeiro: Ed. Taurus, 1983.

_____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lucia Claudia Leão, Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996, v3.

FREUD, Sigmund. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, trabajos sobre metapsicología y otras obras*. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amarrortu Editores S.A., 1995, v. 14.

_____. *El porvenir de una ilusión, el malestar en la cultura y otras obras*. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amarrortu Editores S.A., 1994, v. 21.

_____. *El yo y el ello y otras obras*. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amarrortu Editores S.A. v. 19.

_____. *Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora), três ensayos de teoría sexual y otras obras*. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amarrortu Editores S.A., 1993, v. 7.

_____. *Más Allá del principio de placer, psicología de las masas y análisis Del yo y otras obras*. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amarrortu Editores S.A., 1993. V.18.

_____. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras*. Trad. José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amarrortu Editores S.A., 1993.v.22.

GREEN, André (et.al.) *A Pulsão de Morte*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta 1988.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário de Psicanálise: Laplanche e Pontalis*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins fontes, 2001.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

MICHEL, Bernard. *Sacher-Masoch (1836-1895)*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, [original 1989], Editions Robert Laffont, S.A., Paris.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. *Os Pensadores*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ROSENBERG, Benno. *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. São Paulo: Ed. Escuta, 2003.

ORLANDI, LUIZ B. L. *Pulsão e Campo Problemático*. Tema discutido no Simpósio Transdisciplinar sobre “Pulsões e seus Conceitos”, org. Prof. Arthur Hyppolito de Moura, patrocinado pelo COGEAE-PUCSP, setembro, 1992.

PORTER, ROY; TEICH, MIKULAS (org.). *O conhecimento sexual, ciência sexual. A história das atitudes em relação à sexualidade*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unesp, 1998.

http://www.scielo.br/scielo.pho?id=S1516-14182000000200007&script=sci_arttxt